ÓRGÃO DO CENTRO CULTURAL 'Euclides da Cunha'

Tapejara

IMPRESSO NA GRÁFICA Montes & Pereira

Diretor: FARIS ANTONIO S. MICHAELE
Secretário: DAILY LUIZ WAMBIER
Redatores: JOÃO ALVES PEREIRA e ROLANDO GUZZONI

ANO III | PONTA GROSSA, JANEIRO DE 1953 | Nº. 9

Cultura e males sociais

Nunca, como no momento atual, se falou tanto na palavra cultura.

Governos, eruditos, representantes máximos dos mais diferentes credos, todos pretendem encarná-la, atribuindo a si o sagrado direito de defendê-la.

E, no entanto, nada existe de mais vago e nada com mais probabilidade de gerar confusões e, consequentemente, provocar anarquia, pois vai ao infinito o numero das acepções que se lhe podem consignar.

Em seu sentido restrito, porém, cultura é o conjunto dos elementos materiais e espirituais que caracterizam um determinado povo.

Dêste modo, temos cultura brasileira, cultura francesa, cultura americana e assim sucessivamente.

Mas, o que preocupa governos e mentores é, sem duvida, a cultura em seu sentido mais geral e filosófico, aquele que traduz a filosofia da vida de numerosos povos, ligados por iguais tradições, de valores morais, materiais, intelectuais ou religiosos. Tal é o caso da nossa excelente Cultura Ocidental, produto que é da fusão histórica dos princípios espirituais do cristianismo com o legado cultural greco-latino, a que, mais tarde, vieram acrescentar-se as concepções jurídicas e econômicas dos povos nórdicos.

Em contraposição à mesma, que representa o que de mais alto tem atingido a espécie humana, levantam-se outras mais, geralmente provindas de discutíveis filosofias materialistas ou deficientes pontos de vista de um que outro pensador. São, por assim dizer, fracas e sofísticas interpretações individuais com pretensão a soluções gerais, no que se refere ao homem e seus transcendentais problemas. Exemplo típico é o que denominamos marxismo.

Partindo aprioristicamente da suposição de que a história não passa de mera questão de latas de classes, e de que tudo gira em tôrno do fator econômico, os seus sequazes tudo querem subordinar a essa faceta da sociedade, unica e exclusivamente a ela. Ora, como êsse ponto de vista, muitos outros têm surgido, com igual arrogância : Treitschke, Gumplowics e outros, cuja filosofia da história nem chegou a resistir à menor crítica, pois, como é claro, o todo, a síntese das parcelas, não se pode reduzir a nenhuma das mesmas, nem o mundo das realizações da mente humana é tão simples assim. Os movimentos místicos, por excelência, provam que o elemento econômico é simplesmente imponderável neles. Aqui mesmo, no Brasil, tivemos os jagunços fanatizados de Canudos, a jejuaiem, por meses, resistindo ao Exército Nacional.

Entretanto, o mais deplorável de tais ideologias (sejam elas da direita ou da esquerda, não importa) não reside apenas nisso, nesse desastrado apêgo a falhas tentativas exegéticas da história e do homem, senão que é da sua essência gerar políticas verdadeiramente perigosas de absorção e anarquia, para implantar, em seguida, a mais odiosa das operações, precisamente a que visa suprimir tôdas as liberdades, mesmo a do pensamento, que é a que mais dignifica a humanidade.

Diante disso, torna-se fácil avaliar o que possa ser cultura num regime como o das estepes. Nem filosofia, nem sociologia, nem história, nem política, nem credo religioso, lá existe que não deva submeter-se ao Nihil Obstat da camarilha que dirige os destinos da nação. E torna-se, igualmente, fácil compreender porque a posição de um autêntico pensador é lá insustentável.

Cultura, portanto, é palavra sinônima de democracia, regime de expressão do pensamento, de crítica sadia e construtiva, pois ninguém pode vangloriar-se de estar inteiramente com a verdade, e todo e qualquer regime que tal proiba, deve ser combatido com todo o ardor, por aqueles que realmente não têm vocação para escravos.

Ademais, para a solução dos males hodiernos não é imprescindível que todos tenham que pensar pela cabeça de chefes de fancaria, às vezes, êles próprios falhos de lastro cultural suficiente.

Mas, o melhor meio de opormos um forte dique a essas ideologias, consiste, sem duvida alguma, na reparação das INJUSTIÇAS SOCIAIS, como manda o sagrado código da solidariedade humana, fruto da experiência da espécie e de um ensinamento sublime que transcende a mesma.

Enquanto tal se não fizer, estaremos vivendo em frequentes sobressaltos e em perigo estará a nossa paradoxal cultura do Ocidente.

xxx

Os Três Encontros

Dedicado ao culto e evoluido espírito de S. Sanders. — —

Há fatos que podem ser indicados por diversos títulos. Porém, êste, em tôrno do qual surge esta breve observação social, deveria intitular-se "Os três madrugadores". Mas, vamos ao assunto.

Inicialmente, convém lembrar que os homens são as criaturas mais otimistas da população viva da terra. Seguem a trajetória da existência indiferentes a tudo quanto não lhes afete o fôro íntimo. Uma atitude de espírito que acompanha o vivente até que um dia vê cair o pano de um cenário onde desempenhou, em drama, tragédia ou farsa, o mister de papel de autor ou ator.

Na realidade, conhecemos e sentimos que, no cenário da vida, há três portões principais pelos quais penetram, respectivamente, a virtude, a miséria e o vício, havendo outros que dão acesso aos comparsas da grande representação e que personalizam os estados subjetivos que tangem a alma dos homens.

Entretanto, o intuito dêste trabalho não é pertutir os extremos que envolvem as consciências, mas, de modo objetivo, demonstrar em si um fato concreto.

Entremos no cenário e observemos. O quadro em foco apresenta esta característica, estamos em viagem e entramos, de passagem, por uma cidade qualquer, pelo raiar do dia. Manhã fresca e saudável. Instalados em veículo confortável, vamos olhando, em momentos fugidios, tudo que naquele local nos impressiona o espírito : as igrejas, as praças, estabelecimentos escolares, os grandes prédios e, às vezes, as choupanas pobres que contrastam tôdas as ostentações. Raramente observamos nessas passagens o fato social mais comum das cidades, aquele que encarna a virtude, a miséria e o vício. No entanto, quem não lembra que, certa vez, ao atravessar a cidade pelo clarear do dia, encontrou o padeiro, um êbrio e um jogador.

Na verdade, são três encontros que convidam à meditação. Conforta pensar que, embora parecendo uma terça parte, a virtude está sempre presente no seio da família humana. Será difícil, pois, encontrar aglomerado civilizado que não apresente, cada madrugada, a cena dos três encontros.

A observação social aqui ventilada não aspira ferir o otimismo de que tanto carece a vida em nossos dias. Revela, o acontecimento, a certeza de que alguém, que é a própria virtude, traduzida em chocante materialismo, leva a todos os lares "o pão nosso de cada dia".

O lado rude ou falso da sociedade não deve inspirar observações críticas além daquelas que denunciem nobreza e solidariedade humana, como o intuito destas linhas, e que se ajustem aos ditames de mestre Cicero, através do "Sonho de Scipião" : "Exerce, pois, as fôrças de tua alma em funções úteis".

JOÃO ALVES PEREIRA
(Do Centro Cultural "Euclides da Cunha")

Imigração

DAILY LUIZ WAMBIER

A própria palavra constitui um problema. Primário, bem o sei, mas problema. O indivíduo sái do seu rincão natal com a designação de **emigrante**. Quando entra em sua nova pátria, para estabelecer-se definitivamente, o faz com a denominação de **imigrante**.

Emigrar (com e), segundo os doutos gramaticais, é "deixar um país para ir estabelecer-se noutro" e imigrar (com i), consoante os mesmos sábios da língua, é "entrar em país estranho para viver nêle".

Não admira, por conseguinte, que a imigração constitua um problema muito sério para o Brasil. Sério e complicado, especialmente se a gente considerar, como é preciso, o sistema atual que vem sendo observado nêsse particular.

Ainda há dias, surpreendido, o País tomou conhecimento das graves ocorrências verificadas na Hospedaria de Imigrantes, em São Paulo. Algumas dezenas de italianos, vindos de sua pátria para estabelecer-se aquí, revoltaram-se contra a possibilidade de ficar no Brasil, fazendo o diabo para retornar à sua querida e velha península.

A desculpa encontrada pelas autoridades foi bem arranjada : era gente inadaptável no Brasil, razão pela qual se promoveu sua volta à Itália.

Não percebo como êsses indivíduos poderiam ser tachados de elementos inadaptáveis se nem sequer tomaram contacto com a terra e a gente brasileiras, permanecendo na Hospedaria oficial. O que se presume é que eram pessoas de má índole, incapazes de adaptar-se em qualquer parte onde o trabalho lhes fôsse condição primeira de subsistência. Neste caso, que a lógica e o bom senso emprestam ares de coisa certa, houve grave êrro quando se fêz a seleção e a remessa dêles para o Brasil.

Não é bem isso, todavia, o que desejo focalizar nessas linhas.

O que eu quero dizer é que a imigração é um problema muito sério, para o qual, infelizmente, não se dá a importância devida.

Os alienígenas vêm para cá, quase sempre, empanurrados de costumes e idéias que ferem profundamente o nosso sentimento. Ao invés de seguirem para o campo, onde há absoluta carência de braços, permanecem nas cidades, onde agravam ainda mais os problemas dos nacionais e estrgeiros aquí chegados antes dêles. E, nos aglomerados humanos, continuam a manter os mesmos hábitos e sustentar as mesmas idéias, sem o mínimo respeito aos sentimentos dos que já se encontravam no País. No setor espiritual o mal é mais sensível. Geralmente agnósticos, trazem para cá pontos de vista que perturbam nossa gente e solapam os princípios espirituais que acalentamos. Sua feição moral, de outro lado, não é das invejáveis e muito menos elogiáveis. Toman tudo, contanto que a sua finalidade principal seja atingida : ganhar dinheiro.

Ao lado do panorama que procurámos pintar, com pinceladas muito largas, nós vemos a gente brasileira, inteiramente abandonada, inteiramente entregue aos azares de sua própria vida. O que se dá ao alienígena nega-se ao nacional, como se aquêle tivesse mais direito do que êste às coisas do Brasil. A gente nordestina, corajosa como ninguém, vive numa contínua atribulação por motivos assaz conhecidos. A êsses valorosos jagunços não se concede a metade das facilidades que se proporcionam aos elementos estranhos. O próprio caboclo do centro e sul do País, a eterna vítima da língua ferina dos demais, é um autêntico gigante que não se verga nem se acovarda ante as mil e uma dificuldades que deve vencer, para poder existir. Se a êle o govêrno desse um pouco das vantagens concedidas ao estrangeiro, por certo que o caboclo não seria mais o brasileiro grudado às doenças e à ignorância que o fazem assim como é.

Grande serviço à nacionalidade seria, certamente, um trabalho inteligente, contínuo e bem lançado no sentido de incorporar o sertanejo à comunhão nacional, ao invés de encher o Brasil de elementos que, atualmente, na maioria dos casos, podem ser considerados nocivos à comunidade brasileira, tanto sob o aspecto material quanto na sua feição moral e espiritual.

Incorporá-lo, porém, com saúde e alfabetizado. Não por meio de discursos bonitos ou decretos cheios de promessas que se não cumprem.

O problema, já o disse, é sério. Mas nem por isso insolúvel.

O que é preciso é que o Brasil leve mais a sério o seu melhor elemento colonizador : o próprio brasileiro, livre dos vermes e escravo do alfabeto.

Um Poeta Nordestino

TITO GALVÃO FILHO

Há de causar espécie que se venha a dizer algo de um poeta distante, numa terra em que êles formam a vanguarda de sua elite intelectual, haja visto um Dario Veloso, Emiliano Perneta, Cicero França, êste desaparecido aos vinte e poucos anos, o que me levou, após a leitura de seu emocionante "Necrotério d'Alma", a dedicar-lhe, no veterano "Diário da Tarde", umas palavras de admiração, a seu vigor poético, e de um alertamento às gerações novas do Paraná pelo seu inconcebível esquecimento.

Êsses são os mortos; e os vivos ? Aí temos o nosso incontestável príncipe que é, sem nenhum favor, Serafim França, cantor emotivo e inspirado de nossas lendárias belezas, cujo último livro o Mestre Farís Michael-e teceu, com aquela sua autoridade cultural que já ultrapassou as nossas fronteiras, a mim e ao brilhante Coronel Langleberto P. Soares, um elogio que é uma ante-visão de uma consagração a quem dela tanto fez jús; um Lacerda Pinto, êsse consagrado jurista-poeta, que todos admiramos sem restrições, e o seu soberbo soneto à memória imperecível de Mansur Guérios (José Farani), que foi a maior expressão mental de sua geração, que Elias Karan, numa fidelidade tocante ao seu saudoso colega de escritório, revelando um caráter que já vai rareando nos dias que correm, ilustrou a sua crônica de saudade, patenteou a sensibilidade fina e o sentido humano dêsse fulgurante homem das boas letras.

Sim, é a satisfação de um desejo antigo, só agora resgatada, que me permito ressaltar a poesia singular e reveladora de autêntica cultura de João Pinheiro Lyra, através de seu artístico (o poeta desenhou todo o livro causando um misto de admiração e louvor do Professor De Placido e Silva) e pujante "ESSÊNCIAS DO BRASIL EM JARROS DO JAPÃO".

Está aí um livro cheio de surpresas agradáveis e, em seu conjunto, muitíssimo interessante, que a gente deve saborear concentradamente, e, lá para tantas, até em dúvidas espirituais sôbre os conceitos arrojados do autor, mas que se teme opôr mesmo umas insignificantes restrições, com o justo receio de pisar em falso, eis que se trata de um excelente professor de humanidades e descendente direto do jornalista mais completo, depois de Gonçalves Maia, de quem Pernambuco tanto se envaideceu, — e para que não dizê-lo ? — todo o nordeste do país, o famoso Carlos Lyra Filho, autor das não menos famosas "Vários" do centenário "Diário de Pernambuco", quando o dirigia.

Também, o poeta em seu doce retiro na ridente cidadezinha de S. José da Lage — sempre presente em minhas gratas recordações — mergulhado em seus bons autores, com tempo de sobra para estudar e meditar, mas que, não obstante, poderia se destacar em qualquer meio de maior amplitude, é bem verdade que impedido ficaria da convivência, entre outros, de nosso queridíssimo Luiz Galvão — uma revelação de cronista simples mas intensamente honesto — e dêsse maravilhoso Aryl e de sua encantadora e inigualável Milde, tem derivado a sua arte poética para as transcendentes concepções filosóficas e estéticas, que o seu livro tão precisamente estereotipa, ou melhor, "predominando, na seleção temática, o sentido da universalidade que lhe deu", como expressamente declara, sem cair, todavia, na condenação de Descartes Magalhães, isto é, ser "o produto estéril de espíritos arrastados ao paradóxo em ânsia de originalidade".

São, na realidade, versos que fogem à rotina, e nisso reside, a meu ver, o seu maior merecimento, como naqueles de Contraste :

"Luz... tanta no céu,
meu Deus ! E, nos homens Teus,
quanto espesso véu !"

Ou, êsses outros, ao escultor Camões :

"Bronze à lusa Gente
ergueste, quando escreveste
teu Poema vivente".

O poeta vem se dedicando a um gênero completamente diferente do que se vê por aí afora; é o uso do "terceto à moda japonesa, também conhecido pelo seu nome de nascença de "HAIKAI", porque só quem tem o dom de possuir êsse poder de síntese, como é o caso de João Pinheiro, poderia, em pequenos versos, exprimir, com exatidão, o que sente o seu estado d'alma, criando tanta coisa digna de ser lida, sem afetação ou pedantismo de erudição, e isso eu o proclamo, **ex-corde**, porque jàmais olvidei àquela saudação de Emílio de Menezes a Olavo Bilac : "como é bom elogiar, quando nasce o elogio de um sentimento bom, de uma emoção sincera".

Em sua erudita "Introdução", estudo empolgante da Poesia em suas mais ínfimas modalidades, serve-se de umas citações das mais apropriadas, como a do Mestre francês Claudel, que deve, por um imperativo categórico, figurar nesse artigulete : "A música, combinada com uma idéia atraente, é poesia; a música, sem a idéia, é simplesmente música; e a idéia, sem a música, é prosa".

Enfim, o livro é por demais interessante — repita-se —, quer em sua contextura original, quer em seu aspecto formal, digno dos maiores encômios, acrescido pelo exuberante idealismo do autor, custeando a sua própria publicação, pois, como sinceramente assevera, quis dar a todos nós "uma interpretação da obra de Omar Ibn-Ibrahim Al-Khayyami, o Poeta Astrônomo da Pérsia, em haikais, ou tercetos à moda japonesa, numa tentativa de aumento da orientalidade do conjunto pelo caminho de sinergia levantina de essência e forma", e tenho para mim constituir o mais alto dos deveres, que se pode irrogar a um poeta ou escritor, a da vulgarização das idéias e pensamentos dos expoentes das letras mundiais, sem indagação de raça, política ou religião.

Ao muito que se poderia ainda aditar, nessa rápida prosa desataviada, seja-me lícito concluir repetindo a carta-prefácio dêsse intelectual da melhor estirpe que é Mauro Mota, o conhecido incentivador de talentos em todo o nordeste, através de seu suplemento literário do velho "Diário de Pernambuco", quando disse a João Pinheiro Lyra : "Não se pode negar ao prezado amigo uma posição de relêvo no Brasil no cultivo do haikai, o difícil gênero poético a que se dedicou. Muito o admiro pela arte de tanto dizer em tão poucas palavras revestidas de um teor lírico profundo e comunicante", mesmo porque, como já doutrinava Epitecto, "a grandeza do espírito não se mede pela extensão, mas pela certeza e pela verdade das opiniões".

x x x

Dor Serena

(Conclusão da última página)

— Imolar-se... Dar tudo de si mesmo sem nada pedir. Que suprema beatitude !

Defrontamo-nos com o túmulo que procurávamos. 322 — 4º. Batalhão. Morto gloriosamente pela pátria !

Ajoelhou-se. As lágrimas cairam-lhe dos olhos, a fisionomia quase imóvel, como se viessem daquela superfície mansa de que me falara, refletindo a imagem.

— Em outros túmulos, criaturas desgrenhadas choravam convulsivamente, sem aquela serenidade augusta.

Ela releu em voz alta : Morto gloriosamente pela pátria !

Sem violência, como se a amparasse uma esperança mística, exclamou :

— Morto cruelmente, bàrbaramente para mim, para os seus, para a própria pátria, porque não houve uma razão que se fizesse ouvir, uma fôrça que abafasse as ambições, uma fé que tivesse piedade.

Certa mãe, que chorava debruçada junto ao túmulo do filho, seu único arimo, perguntou :

— Quando acabarão essas guerras malditas ?

Olhando o campo extenso da morte, ela respondeu-lhe :- Nunca !!

E a palavra pareceu imensa naquela terra semeada de túmulos.

Nunca ! Os vencidos buscarão a revindicta; e a guerra recomeçará sempre e sempre, porque o amor não voltará ao coração do homem.

Suas palavras foram abafadas por toques de clarins e o tropel de tropas invasoras, sem que ela tivesse tempo de erguer-se.

No silêncio da noite, por cima dos túmulos, e pisando os vivos, canibalescas e brutais, as hordas dos vencidos não tardavam a confirmar suas palavras, investindo furiosamente para a reconquista e a vingança.

Estrondavam os canhões. Uma colina abrira-se em fogo, como se o ódio a houvesse estourado numa cratera. Relâmpagos cruzavam o espaço. Tonitruantes, rimbombavam as explosões. Colunas de fumo desenrolavam-se como sudários para os corpos que caíam. Os tanques, pesados como elefantes monstruosos, iam derribando com sua massa de ferro as cruzes, os marcos, as árvores, as casas, **totilmundi**. Penetravam nos túmulos até aos cadáveres, esquartejando-os ou reduzindo-os à pasta informe. Os aviões despejavam centenas de bombas arrasadoras.

Como gritos loucos de selvagens enraivecidos, os clarins, agudamente, entremeavam-se aos ribombos. Ódio... ódio... ódio... O espaço em fogo tetro, turbido, pávido... o bárbaro deixava após de si o sangue a correr, a criatura a agonizar, as casas a desmancharem-se em poeira...

O ar enlodado de terra e de sangue entrava nos pulmões para asfixiá-los. Matava-se, matava-se e matava-se...

Quando consegui alcançá-la, ela estava esmagada e morta, a fisionomia plácida como os lagos serenos.

Naquêle ruído infernal do ódio, eu ouvia ainda sua voz no íntimo de minha alma, mansa e maguada como se houvesse penetrado o sentido da vida : ... as almas que se imobilizam no amor são as únicas que alcançam a felicidade.

E eu me imobilizei no seu amor, refletindo-lhe a imagem na superfície devota de minha renúncia, como os lagos refletem a vida num desenho de miragem...

Alma incompreendida dos cipós silenciosos, ouço-te no quase inaudível soluço das corolas que se abrem à flôr dágua, nas noites veludosas...

x x x

N. da R. — Êste conto foi traduzido para o francês e o italiano e está incluido na **Antologie de Quelques Conteurs Brésiliens** — Ed. du Sagittaire Paris, e na coletânea PROSATORI BRASILIAINI — Edit. Barrugli, 1939.

El devenir de una nueva filosofia

Por el doctor **Armando Alonso Piñeiro — Académico, filósofo e historiador argentino** — — —

Mucho se ha hablado sobre la peligrosa encrucijada en que se encuentra el mundo; de que las dos grandes conflagraciones bélicas han provocado el derrumbe moral de la civilización; de que la ética individual y colectiva no se halla a la altura que le corresponde... Se ha hablado también sobre métodos y sistemas modernos, sobre conceptos reales y falsos, pero parece haberse olvidado la base sobre la cual se asientan todos los conocimientos y se debaten los problemas más complejos. Nos referimos a la filosofía.

La filosofía también se halla en una peligrosa encrucijada, pero su situación es más desesperante que la del mundo — colocándose en un plano subjetivo — pues de ella depende la razón del **yo**, la causa del **estar**, y el motivo del **ser**. En forma paralela a la vorágine de los hechos internacionales — pero menos pronunciada — ha descendido la línea progresiva de la investigación filosófica. Es difícil concretar el momento en que comenzó a suceder tal cosa, pues se trata de algo muy tenue, casi invisible. Nosotros creemos que con Ortega y Gasset acabó la primeira etapa de la filosofía moderna. O, en vez de etapas y conceptos pragmáticos, hablemos mejor de "navegación", imitando a García Morente.

En efecto; si con Thales de Mileto comienza la estructura real de la filosofía, la primera navegación arranca de Parménides, siendo el aspecto más alto de este período, la filosofía de Tomás de Aquino; la segunda navegación empieza con Descartes y muere alrededor de 1930, con Heidegger y Ortega y Gasset, puesto que éste confiesa tácitamente su inseguridad, y vuelve al problema de Dios, imitando la metafísica heideggeriana.

Parece lo más seguro que de 1930 se va notando el hundimiento de la filosofía. Más de veinte años de adormecimiento intelectual jalonan nuestro aserto. Se hace necesario el comienzo de una nueva etapa en el ritmo de nuestra filosofía. Tendremos que volver — imitando a algunas ciencias políticas — a los períodos de la antigüedad, de la vieja y culta Atenas ? La filosofía moderna se ha divorciado de sus cánones tradicionales, de sus bases fundamentales, so pretexto de complicarse con los nuevos problemas del ser, configurados dentro de una ontología determinista, y han aparecido así doctrinas que en su esencia, no son doctrinas ni sistemas de vida. Prueba de ello la constituye el existencialismo. Nos referimos al pseudo existencialismo sartriano, que conforma, no un real sistema de vida, sino que **justifica actos y acciones humanas**, como medio oportunista y antiesencial, porque se rebela contra la esencia de la vida, hundido en un confuso y despreciable paradigma fatalista e incrédulo.

El mundo en que vivimos no difiere del mundo pasado, ni tampoco se diferenciará del porvenir. En su esencia pura, nada cambia, y el fluctuar constante de los hechos y las ideas através del cristal del tiempo es lo que se llama evolución. La evolución pues, no es cambio, sino **transgresión** circunstancial de factores provocada por la lógica despiadada y realista de un girar eterno y permanente.

La humanidad se siente acometida de impulsos extraños, pero esos mismos impulsos los ha sentido hace miles de años al conjuro de una psicología universal, indisoluble; y tal vez no sean extraños, sino complemento de su naturaleza animal. Ese afán de buscar lo nuevo, lo diferente, la circunscribe en un plano de curiosidad interminable. Pero ahondando en las raíces de ese deseo universal vemos que es uno solo oculto bajo distintas capas y pareceres. Se trata del ansia milenaria de encontrar la verdad de la vida, el porqué del existir, co-

(Continua na pág. 15)

x x x

Tapejara

Órgão do Centro Cultural EUCLIDES DA CUNHA

Diretor :
Faris Antonio S. Michaele.
Secretário :
Daily Luiz Wambier
REDATORES :
João Alves Pereira, Rolando Guzzoni e outros
Endereço da Redação :
CAIXA POSTAL, 337
PONTA GROSSA — PARANÁ — BRASIL

LEONARDO DA VINCI

BRUNO ENEI

Com particulares solenidades e festejos, a Itália, a França, a Inglaterra, a América do Norte e do Sul, celebraram ontem, 15 de Abril, o quinto centenário do nascimento de Leonardo da Vinci.

No Rio de Janeiro a comemoração foi feita pelo mesmo Govêrno, e, na Capital do Paraná, foi ela patrocinada pelo Secretário da Educação do Estado, Dr. Newton Carneiro.

Os meios intelectuais do mundo, pois, foram mobilizados por êsse acontecimento.

Não é fácil dizer brevemente quem foi, quem é Leonardo; que representou e que representa êle hoje para nossa sensibilidade moderna. Precisar-se-ia evocar a idade, o ambiente literário, artístico e científico que êle direta ou indiretamente viveu, lembrando os pintores, os escultores, os arquitetos e poetas que, no então, em poucos decênios iluminaram Itália e Europa de pintura, de escultura, de liberdade e de objetividade, de afoiteza e de coragem, de experiências e de leis. É o tempo em que os livros se tornam **a natureza** dos filólogos, assim como a natureza se torna o **livro** dos cientistas. Tudo acaba de ser diletante, provisório, improvisado. Tudo se torna clássico. O alvo de todos é a perfeição, o absoluto. Tudo se torna ciência: de qualquer atividade e aspecto de atividade e gênero e sob-espécie estabelecem-se o código, as leis, os fundamentos. É o tempo em que, ademais, foi possível dar aos homens, além dos oceãnos, terras desconhecidas, julgadas absolutamente inexistentes, como esta nossa América, onde agora vivemos e trabalhamos, augurando uma civilização mais serena, uma operosidade mais humana, uma educação mais vasta que não conheça as tristezas dos choques e o abatimento do rancor.

Assim, teríamos uma idéia do que foi a atmosfera vigorosa e serena, confiada e heróica, indagadora e ordenadora, bela e limpida e gentil de músicas, de poesias e de arte, precedendo e seguindo, entre a segunda metade do século XV e a primeira do século XVI, os anos de 1452-1519 que representam os dois pontos extremos da vida de Leonardo; deste filho genial e rebelde, sacerdote de uma religião da vida a quem nunca falhou, místico e extasiado adorador da natureza, a qual, justamente através da análise, da observação e da indagação mais minuciosa e mais teimosa, lhe se torna um templo de leis inderrogáveis, uma construção viva de conceitos e de lógica, e um edifício de harmonia.

Para compreendê-lo, três aspectos de sua personalidade devem ser particularmente frizados: sua autonomia, sua ânsia do infinito, sua atitude criadora.

Muitos seus admiradores, querendo louvá-lo, limitaram e alteraram a personalidade de Leonardo. Fizeram dêle uma figura sublimemente fabulosa e romanesca, como, de fato, êle é, mas num plano superior e absoluto, que é aquele onde a admiração dos pósteros coloca — comovida e reverente — seus "egrégios" e protagonistas.

Amaram-no, de vez em vez, poeta, filósofo e humanista, empírico, empirista e positivista, cientista e artista.

Definiram-no um "enciclopedismo" pode, talvez, fazer pensar mais a uma "quantidade" do que a uma "qualidade".

A eternidade de Leonardo fica muito mais em alto de sua "poliedricidade" e do seu "enciclopedismo".

Não obstante a desmedida e assombrosa documentação de suas pesquisas, de seus interêsses e de seus resultados, Leonardo não é Leonardo por um juizo de "quantidade", Leonardo é Leonardo por uma visual de "qualidade".

Êle é uma "categoria", um momento do nosso espírito, o da "praticidade", o da realização, que — saindo da esfera teorética da contemplação e da especulação, desce esta contemplação e esta especulação numa realidade, numa criatura e numa criação, para, depois, como a abelha da flôr à colméia e da colméia à flor — remontar e sublimar-se na esfera do absoluto puro e teorético.

Chamá-lo "teorico altíssimo" não é, pois, tudo; assim como não é igualmente tudo chamá-lo "mago da prática", ou seja "sublime pintor".

O tom aristocrático e inconfundível de sua solitária personalidade está naquele recolhimento soberano e atento do sábio contemplando e seguindo o fenômeno para prender-lhe e determinar-lhe as leis, e naquela atitude maravilhada e iluminada da posse, da aplicação, da matemática certeza criativa.

Para Dante **saber é amar**, para Leonardo **saber é criar.**

Faltava à civilização humanístico-renascimental um gênio com estas peculiaridades prometéicas. Não podia não surgir no século das descobertas, no século das navegações, da Escola de Sagres e de Colombo.

Assim, Leonardo, perto da poesia grande de Ariosto e da altíssima ideologia de Machiavelli, veio completá-lo. E é mesmo por êle, por êste solitário e incansável especulador e atuante, que o humanismo tem hoje uma sua historicidade e uma razão de ser além dos campos, inegàvelmente sublimes, das letras e da arte e da teoria.

Pensando em Leonardo, divisamos Galileo, compreendemos Alexandro Volta; pensamos numa tradição de solene e religiosa ciência; numa parábola que inicia com Êle e que, irradiando e enobrecendo o homem e o mundo; se continua e se desenvolve com Pasteur, com Guglielmo Marconi, com Edison, com Fermi, com Einstein. Do "olho" de Leonardo ao átomo e a idrogênama linha da ciência e de suas realizações não houve interrução de continuidade.

Porisso, não é êle nem pròpriamente literato nem filósofo. Nada mais é a palavra nêle senão aproximação e momento: uma espécie de nota para não esquecer, uma espécie de plano para construir. Sua característica é, na arte, a **côr**; na ciência, um **instrumento**: em ambos os casos, um **sensível.** E se êle é humanista, é-o não no sentido mais comum; mas naquele, mais vivo e mais nosso, de **homem**; que com a palavra-côr e com a linguagem-instrumento, nunca esqueceu a humanidade, a vida interior, a universalidade. Nêste sentido êle é bem latino e moderno! Nêste sentido, êle é bem nosso contemporâneo: um nobre e superior contemporâneo de quem falamos mais como falaríamos de um amigo, de uma pessoa querida e ausente (da qual não sabemos, nem podemos fazer a menos), do que de um homem que já foi.

Para o mundo todo, não só para a Itália, êle ontem não sòmente nasceu, mas êle vive.

xxx

Tinguianas, de Valfrido Piloto

Através da onda prestigiosa da Rêde Paranaense de Emissoras, integrada por sete rádio-difusoras, e da qual é comentarista diário, o nosso companheiro de trabalhos Daily Luiz Wambier divulgou o seguinte a propósito de "Tinguianas", o último volume do primoroso escritor patrício Valfrido Piloto:

Escritor dos mais férteis do Paraná de hoje, justificadamente batizado como o Príncipe dos Prosadores Paranaenses, Valfrido Piloto já possui, a lastrear sua cultura operosa e construtiva, uma dezena de volumes publicados, todos êles de conteúdo eminentemente paranista, fundamentalmente do Paraná.

A sua última obra, edição primorosa de "Prata de Casa", contém vinte trabalhos, todos êles em tôrno de fatos e coisas do nosso Estado.

O maior mérito da produção de Valfrido Piloto, segundo nos parece, é que êle não se limita a escrever sôbre a capital paranaense, como é costume muito usual nossos trabalhadores da pena.

Abarcando, com a sua vasta inteligência, todo o território do Paraná, que conhece por tê-lo perlustrado mais de uma vez, Valfrido Piloto aborda problemas gerais, mas teima em permanecer no Interior, focalizando problemas e assuntos atinentes a todo o Estado, desde a faixa litorânea até os verdes infindáveis dos nossos campos gerais e o emaranhado das nossas frondosas florestas.

Assim, é êle um escritor realmente do Paraná e não apenas de uma determinada região do seu território.

"Tinguianas", o volume recentemente lançado, é uma obra de valor, uma coletânea que ninguém deve deixar de ler. Há muito que se aprender com o valoroso criador de "História e Historiógrafos".

A Valfrido Piloto, Príncipe dos Pensadores do Paraná, com os nossos cumprimentos pelo esplêndido volume com que vem enriquecer ainda mais o panorama cultural do Estado e do Brasil, o testemunho de nossa admiração pela obra de sadio paranismo que vem realizando.

Plegaria de Noche buena

Por CONSTANCIO C. VIGIL

Y aconteció que, estando ellos allí, se le cumplieron los días en que había de dar a luz, y nació su hijo primogénito, y le envolvió en pañales, y le acostó en el pesebre, porque no había lugar para ellos en el mesón".

Nace un niño y muere otro a cada golpe que da la sangre en nuestras arterias, y si la humanidad está hoy de fiesta por una que nació hace veinte siglos, forzoso será creer que ese niño inolvidable ha sido algo inmensamente grande.

Creció y fué siempre humilde, sin dejar de ser valiente hasta el supremo heroísmo; fué pobre hasta no tener donde reclinar su cabeza; pero prodigó a raudales los tesoros de más precio: enseñó, alivió, curó, rondando por aldeas y ciudades, hasta que al fin lo mataron aquellos "en quienes no cabía su palabra".

Como alguien le dijera "Maestro bueno", El repuso: "¿Por qué me dices bueno? Ninguno es bueno, sino uno: Dios". Mas si Él ni siquiera quiso que un solo hombre le llamara bueno, bueno le han dicho y bueno le dirán tantos millones de hombres como arenas tiene el mar.

¿Qué buscan los reformadores que se han sucedido en estos diecinueve siglos y en los siglos que antes fueron? Nada beneficioso para el hombre que no haya salido en palabra armoniosa, bella y pura de la boca de Jesús.

Y en la absoluta abnegación por el ideal, ¿quien lo ha igualado?

¿Quién como Él tuvo amor para sus enemigos, hizo el bien a sus perseguidores y murió pidiendo al cielo el perdón de sus verdugos?

Aquellas multitudes semibárbaras, amamantadas en la crueldad, encegueciadas por los bajos instintos, ¿han en pos de Él, cautivas de su mirar sereno y su palabra armoniosa, como sedientos detrás de un cántaro de agua fresca. Parábase Jesús y les decía: "Si alguno tiene sed, venga a mí y beba". Y a raudales bebían amor en su corazón, mientras Él dulcemente les decía: "Bienaventurados los tristes, los mansos, los que tienen hambre de justicia, los misericordiosos, los de limpio corazón".

Sobre los expbliadores y parásitos su palabra caía cual vivo fuego, porque Él nunca temió a los poderosos.

No todos los que se dicen discípulos de Jesús saben quién fué este formidable revolucionario. ! Pero menos aún lo han comprendido aquellos que prosiguen en los siglos la triste obra de injuriarlo!

Muchos hay que tienen sed y que no saben adónde irán a beber el agua que la quita, y que parecen malos, porque la engañan con vicios o con licores que creen de sabiduría — los que un instante la aplacan, y luego vuelve más devoradora aún. — ! Decid a los sedientos de toda condición que se incorporen a aquellas multitudes que seguían a Jesús y, renovadas sin cesar, lo siguen todavía!

Balada Cinzenta

DE
JORGE RAMOS

Come comigo à mesma mesa
esta rainha esfarrapada
que traz nos olhos de turqueza
um brilho estranho de incerteza
lembrando a luz da madrugada
... ou essa chama desvairada
que há no olhar duma princesa
errante, louca, abandonada...

Quando ela fala creio sentir
dentro de mim emoções novas
num grande incêndio a crepitar!
Eu julgo até que estou a ouvir
talvez caveiras rasgando covas
durante a noite a assobiar!

Desilusões, lutas, cansaços
sonhos desfeitos em pedaços,
meu coração cobrem de gêlo.
Mas adormeço naqueles braços
feitos de luto e pesadelo!

E numa voz trágica e rouca
de olhar soturno e absorto,
como uma velha semi-louca
a embalar um filho morto,
põe-se a cantar uma canção
feita de sombra e abandono,
que tem a mágua, a solidão
crepuscular dum rôxo outono

Nela se embala o fio de oiro
da minha estrêla de Desgraça,
que tem na Dôr o seu tesoiro
escondido aos olhos de quem passa!
— Estranha canção em que perpassa
a aza negra dum agoiro

E quando acordo diz-me então:
"Não deixarei de acompanhar-te!
Eu sou a noite que há de levar-te
sem uma luz na escuridão!
Ah! não tenciono abandonar-te
deixar-te só na solidão!
Hei-de seguir-te por tôda a parte
como se fôsse uma visão
à tua sombra sempre prêsa!..."

Hei-de matar à gargalhada
esta rainha esfarrapada
que tem o nome de Tristeza...

JORGE RAMOS
(Português)

Relatividad, Epistemologia e Historia

Por M. A. RAUL VALLEJOS
(Argentino)

Desde la aparición de la relatividad, con sus consecuencias físico-matemáticas, se cuentan en gran cantidad, los trabajos y estudios acerca de sus proyecciones filosóficas y epistemológicas.

Es indudable, frente a lo ya expuesto, que las mismas concepciones relativistas tienen sus impugnadores y opositores. Pero, por otra parte, existen notables mentalidades que aceptan y defienden la significación de esas formulaciones en el desarrollo de las ciencias físicas.

El aporte ofrecido por las especulaciones einstenianas, es de innegable valor y a esa conclusión, tenemos que arribar, cualesquiera sea, la posición filosófica o doctrinal que adoptemos. Ellas, han impulsado apreciablemente el progreso de las ciencias físicas, y preparado, — aunque su ilustre autor, no lo haya anhelado — una nueva filosofía del mundo físico y de las leyes naturales, que informan su propio acontecer fenoménico

Pese a que muchos investigadores se han cenido exclusivamente, a determinar los fundamentos matemáticos, resulta innegable que existe un amplio y sugestivo margen, para los razonamientos filosóficos. Y es necesario agregar frente a ello, que aún está por escribirse una filosofía integral de los principios einsteinianos.

Quizá la misma modalidad del profesor Alberto Einstein, al proseguir trabajando en la ampliación de la misma, actitud adoptada desde el año 1905 en que publicara la teoría especial o restringida de la relatividad, haya sido un reparo para que el filósofo o el lógico de las ciencias, no haya escrito una extensa y fundamentada filosofía de las concepciones relativistas.

La importancia que tienen en el presente siglo, las teorías restringida o especial y la general, es ciertamente extraordinaria. Ellas han traído innovaciones para la física clásica y al ampliar su mismo contenido, revelan al paso de los años, la solidez de sus fundamentos.

No podemos dejar de mencionar, lo que a dicho una mentalidad moderna al referirse a la renombrada teoría. Al respecto, el profesor Egon Friedell, la considera como "el mayor acontecimiento teorético del presente siglo". (1).

Este evidente elogio que hace Friedell, revela la proyección y resonancia de la obra de Einstein. Es preciso senalar que la obra mencionada fué editada por el año 1933, por lo cual nuevas comprobaciones experimentales se han efectuado acerca de la teoría. Y más adelante, el mismo autor manifiesta "que es posible que las generaciones posteriores al referirse a nuestro tiempo la denominen la época de Einstein".

Y en estas consideraciones de E. Friedell, nos parece que se encierra, el criterio científico de la física actual y de nuestro propio siglo, para juzgar con acierto la obra llevada a cabo por el profesor Alberto Einstein. De tal manera, nos encontramos aquí con una completa valoración de la teoría de la relatividad, realizada por uno de los más agudos investigadores de nuestro tiempo.

Y E. Friedell, en el capítulo citado, analiza las conquistas esenciales que marcan el triunfo del pensamiento científico relativista, a saber : a) el tiempo como función de la misma posición, b) la masa como una forma fenomenal de la energía cinética y c), la negación de la simultaneidad, y frente a este problema, declara : "En sí, los hechos no son ni simultáneos ni no simultáneos. Sólo llegan a ser simultáneos cuando se coordinan dentro de la relatividad de un sistema". Entonces, Friedell, nos ofrece una resonante consecuencia, que demuestra el grado innovador conquistado por las concepciones relativistas, al asseverar, lo siguiente : "Con el fracaso de la simultaneidad absoluta también se derrumba el tipo absoluto para las medidas de espacio, la noción de la igualdad de dos distancias y del paralelismo, pues las paralelas se cortan". (2).

De esta suerte y frente a tan significativas consecuencias, se estima toda la importancia epistemológica que adquiere la relatividad en el mundo de los conocimientos físicos y en la misma concepción moderna del universo.

Con ello se advierte que el período de la física clásica, ha sido superado y que los principios del genio newtoniano, son innovados en parte por las formulaciones del profesor Alberto Einstein. El mismo Egon Friedell, valorando debidamente la contribución del sábio inglés, ha dicho que éste "ya sostuvo que no existía una sola forma de gravitación, que la piedra que cae atrae a la tierra de la misma manera que la tierra a la piedra; pero como la masa de la piedra es tan pequeña comparada con la de la tierra, su efecto es despreciable". (3).

Ya vemos como Sir Isaac Newton, advirtió la magnitud del problema gravitacional y se convierte en su máxima cuestión en el desarrollo de su vasta obra científica. Por su parte, ya Einstein, ofrece una distinta interpretación como también es distinta, su concepción del tiempo, el espacio, la masa, la energía y el movimiento.

En este sentido, la obra einsteiniana, innova y modifica los principios aceptados por la física newtoniana. Queda frente a la indiscutible magnitud de su aporte, modificando las concepciones de la época newtoniana, si bien con efectivo criterio, se ha afirmado que el profesor Einstein, contribuye a ampliar y complementar, la obra del ilustre catedrático de la Universidad de Cambridge.

Y para comprender las aportaciones de Galileo y de Newton frente a Einstein, en el campo de las ciencias exactas, nos permitimos mencionar lo que dice el profesor Jorge Andrade Marín, en su trabajo intitulado TRAYECTORIAS DE LA FISICA CONTEMPORANEA, despues de mencionar la negación de la existencia del éter y del espacio absoluto, sustentadas por el defensor del relativismo, afirma esto : "No debe considerarse tampoco el advenimiento de la Teoría Relativista como una completa revolución de las ciencias. Ya Newton se dió cuenta de ciertas fallas al establecer la Mecánica, pero en aquella época no se podía hacer más. Para la Física ordinaria que se aplica en las profesiones no hace falta la corrección de la relatividad, porque, como queda dicho, las divergencias son notables tan sólo tratándose de grandes velocidades. En fin, la Física clásica es una fase necesaria de la evolución : sin ella no habría nacido la Física relativista". (4).

Con los mencionados conceptos, se definen netamente los distintos aportes ofrecidos por el representante de la física clásica, Sir Isaac Newton y el defensor de la física relativista, Alberto Einstein. En esta forma, ambos complementan una de las etapas más brillantes y fecundas de las ciencias físicas. No existe así, una abierta y completa oposición entre los principios sustentados por tales investigadores. Lleva la teoría relativista — como ya lo hemos dicho — determinados aportes para lograr una visión más amplia y analítica de los fenómenos físicos.

La obra de Einstein, implica una crítica constructiva de los elementos que configuran la física clásica. De esta suerte, la trascendencia de la obra relativista, es indiscutible cualesquiera sea la actitud crítica que se adopte al juzgarla.

En realidad, con la aparición de las teorías relativistas se marca toda una etapa excepcional en el progreso de las ciencias físico-matemáticas y especialmente, en lo concerniente a la interpretación del movimiento.

Ya el mismo profesor Jorge Andrade Marín, en el trabajo que mencionamos de citar, señala esas tres etapas en el desarrollo de la física, a saber : 1) Física clásica, 2) Etapa de transición y 3) Teoría electrónica y física relativista. Los representantes respectivos para cada una de esas etapas serían : Sir Isaac Newtonê Miguel Faraday y H. A. Lorentz; y Alberto Einstein.

Como podemos estimar, de la tercera etapa, se podrían hacer dos, una para la electrónica y otra, para la física relativista, ya nuestro entender, no es posible dejar de mencionar el nombre del eminente físico Max Planck, cuyos trabajos, acerca de las quantas o cuantos de la acción, le dieran tan extraordinario como merecido renombre. Por otra parte, los investigadores que estudian las etapas más sobresalientes de la física moderna, no pueden dejar de destacar el aporte traído por este notable investigador.

Pero en concreto, lo que nosotros deseamos hacer resaltar es que la obra de Einstein, configura toda una brillante etapa de las ciencias físicas; y ello nos ofrece una noción aproximada de la importancia de la obra realizada.

También es preciso hacer resaltar la contribución de H. A. Lorentz, distinguido físico holandés, cuyas teorías electrónicas, mucho se han utilizado en el desarrollo de esta moderna rama de las ciencias experimentales. (5).

Lo cierto de todo, es que los principios einsteinianos han evolucionado en el presente siglo XX y han alcanzado consagración experimental. El paso del tiempo, ha servido para que la investigación fuera colocando bases consagratorias a los lineamientos de su estructura físico-matemática. Y además, concordando con su evolución científica, existe al margen de la teoría relativista, toda una especulación de la naturaleza y una epistemología más innovadora del conocimiento del mundo externo.

Fato ha sido otra de las modalidades de la relatividad, que ha favorecido al desarrollo del pensamiento especulativo, y además, todo ello, transformó conceptos que parecían inconmovibles.

Y eso es lo que deseamos remarcar, pues se transforman en forma progresiva, los principios que parecían tener una validez absoluta en el domino de la naturaleza.

Para ofrecer un aspecto de esa transformación operada en el pensamiento físico por la obra realizada por el profesor Alberto Einstein, debemos referirnos a lo que manifiesta Egon Friedell, con respecto a la energía de un cuerpo en movimiento o sea lo que se denomina, la energía cinética. Y al referirse a la energía cinética, declara que "la masa es una enorme cantidad de energía, una forma fenomenal de energía cinética". Y entonces, agrega : "La fórmula general para esas condiciones es E igual mc2, siendo (c) la velocidad de la luz. Demuestra esa fórmula que la materia no es materia, que eso que llamamos masa no existe". (6).

Con ello remarcamos el carácter innovador sustentado por las teorías relativistas, al llegar a la conclusión que la materia y la masa, son formas de la energía que pueden precisarse mediante las consiguientes fórmulas. En este sentido, las innovaciones aportadas por esta teoría representan un innegable progreso en el conocimiento de los fenómenos de la naturaleza. Lo esencial es que su fórmula equipara toda materia con la energía y que esa mencionada fórmula, ha sido aplicada en numerosas experiencias.

Para el profesor Einstein, los conceptos de materia, masa y energía son totalmente similares. Si bien el mismo Egon Friedell, declara que el autor de las teorías relativistas, niega la materia como tal y que la masa de los cuerpos, no existe, nosotros nos atrevemos a consignar que la lógica del físico, se encuentra obligado a considerar, solamente formas o estados de la energía, dejando de lado, los conocidos principios de materia y de masa que tanta significación tenían en el terreno de la etapa newtoniana.

Tiene Alberto Einstein, un mérito verdadero por su hazaña de encerrar en fórmulas, principios como los que se dejan consignados, resultando muy valiosos en el conocimiento de la naturaleza de la materia. Con ello supera, las concepciones de la física clásica y además, inaugura la gran etapa del relativismo, cuyas consecuencias se han valorado debidamente desde la aparición de la primera parte de la Teoría, allá por el año 1905.

De esta manera, hemos intentado señalar el sentido del pensamiento einsteiniano y su primacía en el campo de las ciencias físicas. Si bien han declarado otros investigadores que es posible llegar a las conclusiones de la relatividad, apoyado en elementos de la física galileana y newtoniana, sus formulaciones han abierto nuevos rumos al conocimiento de los fenómenos naturales.

(1). Egon Friedell : LA CRISIS DE LA REALIDAD. EL HOMBRE ANTE LA CRISIS ACTUAL. Capítulo final de la obra KULTURGESCHICHTE DE NEUZEIT. (Três volumenes). Publicado en la Revista Nacional de Cultura, editada por el Ministerio de Educación de los Estados Unidos de Venezuela, Nrs. 11-12. Setiembre y octubre de 1939, en un volumen. Pág. 61. La traducción del capítulo se debe a la señorita Esther Cecilia Coronil R.

(2). Egon Friedell, citado, páginas 64 y siguientes. Nos permitimos recomendar además, una detenida lectura de los apartados intitulados EL TIEMPO COMO FUNCION DE POSICION, MASA Y ENERGIA Y LA SIMULTANEIDAD NO EXISTE, donde con brevedad y claridad analiza ese autor, el aporte revolucionario de la teoría relativista.

(3). Egon Friedell, página 63 y siguiente.

(4). Jorge Andrade Marín : TRAYECTORIAS DE LA FISICA CONTEMPORANEA. "Revista Anales de la Universidad Central del Ecuador. Tomo LXIII, Enero-Junio 1940. Número 308, página 323.

(5). Al referir-se a H. A. Lorentz, dice el profesor Jorge Andrade Marín, que su teoría de los fenómenos eléticos y ópticos de los cuerpos en movimiento, logró demonstrar que el principio de la relatividad, con validez en el campo de la mecánica ordinaria, también lo tiene en el de la electró dinámica. Al presentar Alberto Einstein, su teoría de la relatividad en su trabajo "Sobre la electrodinámica de los cuerpos en movimiento", declaró que la memoria de Lorentz, le erá completamente desconocida. Ver trabajo citado.

(6). Egon Friedell, trabajo citado. Ver el apartado intitulado "Mase es energía". Expresa además este autor, que la fórmula de la energía cinética fué descubierta por Leibnitz.

M. A. Raul Vallejos

SANTA FÉ (Argentina).

x x x

Poema da Inquietação Antiga

ESPECIAL PARA "TAPEJARA" — — — — — — —
PARA OS ESCRITORES
Raimundo Marinhão Ayres
Faris A. S. Michaele
João de Sousa Ferraz
e Raul Lins

Por mais que me estude ou analise
E traga para o meu caminho
Um novo caminho
Sou sempre eu que sigo os meus passos
E ando comigo nesses passos que são meus.

Não quero outros caminhos
Para mim
Nem outro destino ou outros destinos
Deixem-me ser assim...
Porque nos passos que dou ou não dou
Prefiro ser eu nesses passos
A ser um outro "eu" que eu não conheço.

MARIO MOTA

Inédito — Lisboa, 20 de Julho de 1952.

x x x

Filha de Maria

LOURIVAL SANTOS LIMA

Oh ! quando ela nascera, ou vi seus pais rezando,
Felizes a mirar um anjo que vivia,
Naquela criancinha ingênua, que trazia
O hálito de Deus a tudo perfumando !

Quando ela foi menina, eu vi todos louvando
Os seus modos gentis, a virtude, a alegria,
Com que ela se adornava, a crescer, dia a dia,
Virgem casta e feliz, do paraíso lembrando !

Mas depois foi mulher, o mundo a corrompera,
O pecado venceu o bem que santifica,
Ela caiu na lama e nunca mais se ergueu.

E hoje a vagar na rua, estúpida e vadia,
Nas sargetas caída, às vezes, ela fica
A sonhar que, uma vez, foi filha de Maria...

Aspetos da atual conjuntura brasileira

Inegàvelmente está o Brasil atravessando uma indisfarçável crise. Mais pròpriamente, um conjunto de crises, quer de crescimento, quer de imaturidade econômico-política, quer de valores e responsabilidades.

Compreende-se sua Crise de Crescimento. País de economia reflexa, de estrutura primária e incipiente, evoluindo de estágio no escalonamento do progresso, sofre neste momento decisivo, os influxos do acúmulo de tarefas que urge serem executadas.

DEFICIÊNCIAS ESTRUTURAIS

1º. — Meios de transporte rodo-ferroviário quantitativa e qualitativamente inadequados à circulação das riquezas. A extensão da rede ferroviária nacional permanece pràticamente estável desde 1940, segundo "Marcha dos Negócios". Em 1949 atingia a 35.770 quilômetros (Anuário Estatístico do Brasil — 1951). São ainda as rodovias, apesar da precariedade em seus traçados e conservação, que se encarregam da vasão e desafôgo nos transportes. A mesma revista acusa o total de 210.709 quilômetros em 1951, dos quais nem 3% asfaltados!

2º. — A fase embrionária de nosso abastecimento de energia elétrica, fator preponderante na economia moderna.

3º. — Instalações portuárias medíocres.

4º. — Marinha Mercante vetusta e insuficiente, o que nos obriga a exportar FOB e importar CIF, com considerável evasão de dólares nessas importações invisíveis. Segundo o Anuário Estatístico da Noruega — 1949, tínhamos em 1948 709.000 toneladas brutas; Noruega 4.262.000, Holanda 2.742.000, Panamá 2.728.000 e Argentina 702.000.

5º. — Ausência de amparo à agricultura, em moldes racionais e eficazes. Em 1946 havia 15.600 hectares cultivados, seis anos depois, com uma população aumentada em 5 milhões de indivíduos, sòmente 17.960 hectares.

6º. — Inexistência de estabelecimentos de crédito especializados, capazes de substanciais financiamentos às necessidades básicas, a longos prazos e módicas taxas.

Estes são alguns problemas básicos que estão a exigir solução por parte dos poderes públicos. Possìvelmente já se encontram devidamente equacionadas. Resta serem executadas sem demora. Que não pequem os dirigentes nacionais pela imprevisão, que nos tem causado tantos inconvenientes em virtude das soluções provisórias, imediatistas e improvisadas.

SISTEMA TRIBUTARIO

É internacionalmente conhecida e acerbamente criticada a nossa orientação fiscal, quer por ser tendenciosa como pelo seu anacronismo. Nenhuma reforma de base foi ainda efetuada. E isso talvez porque é a fonte para onde os governos têm acorrido pressurosos a conseguir tôdas as receitas e verbas para todos os seus fins. Está, contudo, pràticamente superado o limite de nossa capacidade contributiva.

A êsse respeito transcrevemos a seguir o que se publicou recentemente no "Jornal do Comércio": "A meta de uma política fiscal sensata consiste em exigir da massa dos contribuintes, onus que não sacrifiquem o espírito de iniciativa e a capacidade de empreendimento, não desestimulem a inclinação de poupança, nem exaurem as energias que melhor se aplicam no aumento da produtividade. Excessos tributários provocam resultados diametralmente opostos."

Não existe a preocupação pelo critério e logicidade nas majorações fiscais; consiga-se a renda, não importam a indiscriminação e o empirismo dos meios. Assim é que, segundo recente publicação de "Conjuntura Econômica", os impostos diretos — considerados os mais justos na maioria dos países —, diminuiram entre 1947 e 1951 de 31,4% para 28,6% no valor total das arrecadações. E o mais anti-econômico de todos, o Impôsto de Vendas e Consignações — pois que recái indiscriminadamente sôbre qualquer transação comercial, onerando diretamente o custo de vida nas camadas menos abastadas —, vê a sua participação aumentar no mesmo quinquênio, de 32,6% para 42,7%!

SITUAÇÃO CAMBIAL

Não faltaram as classes produtoras a seu dever em tempo oportuno, advertindo cautelosamente a nação com referência ao brusco desnivel de nossa balança comercial com o exterior.

A inconveniente e excessiva liberalidade da CEXIM nas licenças de importação, colocou-nos diante da maior e mais grave crise cambial de que temos conhecimento em tôda nossa história.

Compreendemos, verdade se diga, que tivemos de despender preciosas divisas na área do dólar, para adquirirmos trigo, em virtude da estiagem que afetou substancialmente a safra argentina; a formação de reservas estratégicas devido ao iminente perigo da extensão da guerra coreana há mais de um ano; o extraordinário aumento de consumo de petróleo e seus derivados (em parte oriundo da pródiga importação de automóveis). A verdade, porém, é que estamos quase sem trigo (até a nova e promissora safra argentina), sem "reservas estratégicas" e sem dólares...

Todos sabemos que restrição das importações, compressão de despesas públicas e aumento considerável de exportações, são medidas que estão sendo ou serão tomadas. Accorre-nos, contudo, perguntar se serão suficientes, ou seremos forçados a contrair vultoso empréstimo externo?

Nesta hora amarga procura o govêrno mobilizar todos os recursos para um substancial acréscimo da produção nacional, em bases competitivas. Tal responsabilidade recái, uma vez mais, sôbre as classes produtoras. Caberá, em última análise, ao arrôjo e pujança da iniciativa particular fornecer os meios para a volta ao equilíbrio do nosso comércio externo.

Sua tenacidade e coragem, têm, porém, sofrido ùltimamente constantes revezes. Excessos tributários, majoração nos combustíveis, elevação nos preços dos artigos importados, mão de obra onerada, e tantos outros sensíveis encargos.

Como se tudo isso não bastasse, a progressiva interferência estatal na economia privada, está a sufocar paulatinamente a marcha da produção nacional. A injusta concorrência que sofrem as classes produtoras, através do arbítrio e versatilidade de certos órgãos e medidas governamentais, vem minando suas bases.

Não somos discípulos, em Economia, do princípio conservador da escola clássica do "Laisser faire, laisser passer". Está nitidamente superada a época do Estado Gendarme.

Criar, porém, o govêrno, órgãos controladores da produção e distribuição, sumàriamente, sem atinar com as verdadeiras causas dos males econômicos, será sempre uma veleidade contraproducente.

Enquanto subsistir o "virus" da inflação, os nossos produtos tendem a ser gravosos. E a quem cabe a responsabilidade pelo excesso do papel-moeda circulante? Não é por certo o particular que imprime, que emite cédulas.

A desastrosa consequência não se fêz esperar. Justamente quando o Brasil necessita incrementar grandemente a sua exportação, ela decresce. Segundo dados oficiais, o "deficit" de nossa balança comercial internacional atingiu, em Julho próximo passado, a extraordinária importância de dez e meio bilhões de cruzeiros; nesses mesmos meses, nossas vendas ao exterior caíram de 4,2 bilhões de cruzeiros em confronto com igual período do ano anterior. E isso porque os preços da quasi totalidade de nossos produtos encontram-se acima da paridade internacional, devido ao inflacionado custo de produção. Vale a dizer, usando do neologismo governamental, produzimos artigos "gravosos".

Finalmente, após tanta incúria e celeuma, foi aprovada a Lei do Câmbio Livre, destinada ao escoamento dêsses produtos.

Depende, contudo, do critério na sua regulamentação e escrúpulo na sua aplicação, o sucesso ou fracasso de tal lei.

Que, a exemplo dos países mais adeantados, a legítima voz das classes produtoras, com suas abalizadas advertências, com suas ponderadas sugestões, frutos de seu vasto tirocínio na prática das leis econômicas, seja levada na devida conta pelos nossos governos.

A prosperidade nacional, e o justo lugar no concêrto das nações livres, só podem ser conseguidos trilhando o árduo mas bendito caminho da compreensão coletiva e comunhão de esfôrços de todos os brasileiros de tôdas as classes e todos os quadrantes.

Esqueçamos apaixonadas dissensões partidárias; é o Brasil que convoca seus filhos para a luta pela Sobrevivência.

DR. OVIDIO GASPARETTO

x x x

LIVROS NOVOS

JOSÉ PEDRO MACHADO — O problema da transcrição do alfabeto arábico. Separata da revista espanhola "Las Ciencias". Ano VII, n. 1.

O prof. José Pedro Machado, ilustre filólogo lusitano e arabista dos mais conceituados, acaba de enviar-nos, entre outros trabalhos de sua autoria, de que daremos notícia oportunamente, uma separata do erudito artigo que publicou na revista espanhola "Las Ciencias", sôbre a transcrição portuguêsa do alfabeto arábico.

Inicialmente, o ilustre autor desenvolve interessantíssimas considerações, de ordem geral, acêrca das dificuldades em se obter um sistema internacional ou europeu de transcrição de qualquer alfabeto, mostrando sua preferência pelos processos nacionais ou sistema próprio de cada língua para transcrever outra, uma vez que o alfabeto da Associação de Fonética Internacional não satisfaz plenamente, com relação às questões orientais, oferecendo ainda dificuldades de aprendizagem e também de transcrição de "certos cambiantes tênues como delicados".

Mostra que essas dificuldades se tornam mais acentuadas quando se trata de reproduzir no português uma língua de estrutura tão diferente como a arábica, cuja diversidade de sons, embora com a mesma base fonética, oferece aos investigadores problemas dos mais embaraçosos, levando-os a um sistema de convenção que pelo seu artificialismo poderá prejudicar o critério científico que deve ser observado.

Examina, em seguida, as conclusões de Copenhague, resumidas por Otto Jespersen em sua "Phonestisches Transkription"..., optando pelo sistema diacrítico, o qual, além de mais vulgar, tem a vantagem de ser tècnicamente mais perfeito que o monotípico.

Na segunda parte do substancioso trabalho, apresenta o eminente filólogo, de conformidade com a orientação traçada, os fonemas arábicos com os seus equivalentes em português, tecendo em tôrno de cada um dêles comentários oportunos e seguros, que fornecem a chave para a solução de muitas dúvidas e dificuldades no tocante à etimologia de vocábulos de procedência arábica.

Pareceu-nos interessante o critério adotado pelo autor de tomar por base de suas transcrições o dialeto médio de Lisboa, pôsto que as suas equivalências fonéticas sejam reconhecidamente menos ricas, uma vez que as razões apresentadas, embora lacònicamente, afiguram-se ponderáveis e convenientes. Trata-se, como se vê, de trabalho de grande merecimento, que pela sua indiscutivel utilidade prestará serviço relevante aos que se dedicam a êsse importante ramo da filologia.

ANTENOR NASCENTES: **Dicionário Etimológico da Língua Portuguêsa**, II Tômo (Nomes próprios). 1952. Editado nas oficinas do "Jornal do Comércio".

Cumprindo a promessa que fêz ao publicar o primeiro tômo de seu **Dicionário Etimológico da Língua Portuguêsa**, o Prof. Antenor Nascentes acaba de enriquecer a nossa literatura filológica com o II tômo de sua utilíssima obra, consagrada à etimologia de nomes próprios, especialmente antropônimos e topônimos.

Pelo rápido exame que fizemos, podemos antecipar que se trata de obra de extraordinário merecimento, de segura orientação e de incontestável utilidade, e que no acertado dizer de seu prefaciador, "Honra a ciência brasileira".

Como esclarece o autor, na "Introdução", foram também incluídos nesse Dicionário muitos nomes estrangeiros em atenção às exigências da cultura brasileira, pois, "não é fácil aos nossos estudiosos dispor de livros que tragam a explicação de nomes geográficos e históricos referentes aos vários países". A nosso ver, semelhante orientação só pode merecer louvores.

Achamos, entretanto, que um nome conhecido e acabado como é o do professor Nascentes, dispensava o prefácio de outrem, pôsto que interessante.

Êsse segundo tômo, que consta de 389 páginas, é dedicado à memória do saudoso mestre lusitano *José Leite de Vasconcelos*.

É possível que tão exaustiva obra, sôbre assunto assaz difícil e complexo, apresente erros e lacunas que a lente do crítico judicioso não deverá exagerar, mas sim compreender e desculpar.

É o próprio autor, aliás, o primeiro a proclamar: "Qual obra desta natureza que não apresenta erros e falhas?"

Está de parabens o ilustre professor Antenor Nascentes, e de parabéns estão também os estudiosos de assuntos de filologia.

Prof. DR. ARTUR TORRES
(Da Faculdade de Direito de Niterói)

Se fosse possível...

Se eu pudesse vencer
os demónios que passam num cortejo
de risos e de gritos;
se eu pudesse viver
sem medo, sem assombros, sem desejo
de ressurgir os sonhos infinitos,
os sonhos que em mim trago
emersos e insepultos,
quais fôlhas mortas a boiar num lago!

Se eu pudesse galgar
as montanhas de angustias sobranceiras
à minha sombra esquiva;
se eu pudesse enfrentar
os abismos, as trevas, as clareiras
das florestas de assombros, onde é viva
a presença invisível
dos génios tenebrosos
vindos dum mundo mágico e terrível!

Se eu pudesse atingir
a calma plenitude que me acena
de inviolado lugar;
se eu pudesse sentir
o caminhar das horas, sem ter pena
da rapidez do tempo e do meu lar
que nunca possuí;
e dos projectos loucos
e dos loucos anseios que vivi!

Se eu pudesse apagar
a chama que acendi e que em mim arde
e enche a casa deserta;
se eu pudesse calar
a voz perturbadora, a voz cobarde
que vive no silêncio e me desperta!
Se eu pudesse não ser,
no Mar Morto da vida,
aquela que nasceu para sofrer!
(Inédito).

ARMINDA GONÇALVES

CIVITAS LABORIS

AUGUSTO FARIA ROCHA

Estamos aqui, a postos, na quase legendária tenda jornalística do "Diário dos Campos" para, convocados como homens que somos de boa vontade, exaltar a auspiciosa e sugestiva data aniversária da fundação desta luminosa e trepidante cidade de Ponta Grossa.

Povo que plasmou muito em foz na destinação ascendente de nossa Pátria, possue, desde os primórdios de existência coletiva, singular **vis attractiva**, capaz de empreender e realizar com êxito, em altiplano e vale dos campos gerais, as linhas mestras espirituais e econômicas de uma civilização em pleno vigor, graças ao claro céu bonança, às fortes solicitações do ambiente físico, ao esplendor de seus horizontes, à vastidão panorâmica da planície viridente ao longo da qual se extasiaram os olhos atônitos e sábios de Saint Hilaire.

É esta a região edênica em que se contempla a maravilha piramidal da Vila Velha, nossa Pompéa rústica, cuja edificação milenar é atribuida a um capricho do divino Eolo, pai mitológico dos ventos lastrados de areia sôlta das erosões; planura verde-malva tapisada de boninas agrestes, onde apareceram mais tarde, os pessegueiros em flôr que, transplantados aos poucos, vieram até nós subindo das barrancas a sueste do Paranapanema, aos largos chapadões da então quinta comarca de São Paulo.

Mas o que sobretudo avulta na significação geopolítica da efeméride comemorativa; o que mais ilustra o sentido sociológico do dia fasto de Ponta Grossa é, indiscutivelmente, a constatação de uma vitória do Homem sôbre a Natureza.

Esta não foi dadivosa para com os primitivos povos marginais do Pitanguí conterrâneo.

Ao contrário, lutaram tenazmente contra os fatores negativos de solo pobre — camadas de arenito — manchando, de onde a onde, as pastagens escassas e magras.

Sem embargo, os ancestrais — Rocha Carvalhais e outros — da obscura Freguezia de Nossa Senhora Sant' Ana souberam, com trabalho inteligente e frutuoso, suprir a parcimônia de recursos naturais, as deficiências de estradas, e, do burgo originário de ontem, se depara hoje a Ponta Grossa moderna, uma das mais importantes cidades do Brasil, dotada de ruas extensas e bem calçadas, passeios amplos revestidas de "petit-pavé", aprazíveis logradouros arborizados e floridos, casas residenciais luxuosas, auto-motores em extraordinária quantidade, serviços públicos e particulares em perfeita ordem, a par do crescimento vertiginoso de suas arrecadações orçamentárias.

A nossa história citadina tem similitude anterior ao que observou Ramalho Ortigão em sua "Holanda". Descreveu êle o esfôrço titânico dos batavos que, por meio de gigantescos canais e eclusas, lograram impedir a invasão das águas, mantendo-as, permanentemente, represadas, à jusante da bela Amsterdam.

Daí o orgulho dito na boca de seus habitantes: — "Deus criou o Mundo e, também, a Holanda, mas... com a ajuda dos holandeses".

A Princesa dos Campos principiou dêsse geito.

À proporção dos anos decorridos, Ponta Grossa se ia constituindo entrepôsto comercial, pouso e passagem de tropas, muares e equinos, estabelecendo-se relações com os mercados do interior e do litoral da então Província do Paraná; depois entre os grandes centros pastoris do Rio Grande, desde o longínquo Rio dos Sinos até as lindes territoriais de São Paulo, ligando, de entremeio, a rica zona de criação de Vacaria e adjacências à tradicional feira de Sorocaba, através da chamada "estrada da Mata", roteiro escolhido pelo Brigadeiro Tobias de Aguiar quando, fracassada a intentona do Padre Feijó, no ano de 1842, ia sendo perseguido pelas fôrças volantes do então Barão de Caxias, e procurava reunir-se aos revolucionários farroupilhas do pampa.

As contínuas viagens para comprar, nas estâncias rio-grandenses, a "flor" das manadas, "ferrar o poncho" (bom negócio na gíria gauchesca) e para as respectivas revendas nas feiras, a variedade de cenário e de graus de civilização, tudo isso influiu muito na formação psíquica do tropeiro pontagrossense no sentido da confiança individual depositada em si próprio, o espírito de iniciativa e decisão, acentuado amor à independência pessoal raiando, às vezes, pela rebeldia proverbial contra o mandonismo de todos os tempos.

Junte-se ao tino mercantil atilado, a vocação para as indústrias, a preocupação razoável de fazer fortuna, com o desejo de vencer na vida prática financeira, social e, por fim, na política, entendida esta como simples aspiração cívica e não como profissão habitual.

Talvez por êsses motivos é que, no ardor da memorável revolução de 30, o seu grande chefe, Dr. Getúlio Vargas, conferiu à cidade de Ponta Grossa o título honroso de **Capital Cívica** do Paraná, o que se verificou em proclamação "urbi et orbe" no Clube Pontagrossense, sede que se tornou do Govêrno Provisório da 2ª. República Brasileira.

Dentre os muitos tropeiros d'antanho, destacaram-se vultos de paranaenses de pról, por exemplo: o barão de Guaraúna; Conselheiro Jesuino Marcondes, da Palmeira; barão de Campos Gerais e Joaquim Lacerda, da Lapa; visconde de Guarapuava; Paula Gomes o indefesso Patriarca de nossa emancipação política e, por fim, o barão de Antonina que, na opinião autorizada do ilustre cronista professor Aluizio França é o progenitor histórico da vasta família dos **grileiros** de terras de cultura do Estado.

Posteriormente, aos descendentes ribeirinhos do Pitanguí incorporaram-se na comunidade local preciosos elementos imigratórios de origem russa, alemã, italiana, polonesa e outras, não se falando no português que é o mesmo brasileiro de ultramar.

Começa daí o incremento das várias indústrias.

Quanto à instrução popular:

Da famosa escola particular do professor **Colares**, onde o dinâmico Interventor Manuel Ribas apanhou muitos "bolos" de palmatória; do curso intermediário dirigido pela provecta educadora, Dona Judith Silveira, até ao currículo secundário, iniciado com a fundação do Colégio Feijó e Escola Normal, criados no govêrno Munhoz da Rocha (senior), com os demais ginásios, estabelecimentos de ensino técnico comercial e contábil, centros de cultura literária e filosófica, entidades esportivas e recreativas — vai enorme evolução em todos os quadrantes da humana atividade.

Ainda, desde a ereção da humilde igrejinha localizada na eminência do espigão como o procuraram os pombos providenciais da lenda, referidos nos versos do Hino de Ponta Grossa, oficializando desde o ano de 1922, até a Catedral do Bispado, — há, também, considerável aumento e aperfeiçoamento moral e religioso dos nossos padrões de vida subjetiva.

E agora que se está festejando a passagem do 129º. aniversário da "urbe" princesina, é bom relembrar os tempos idos e vividos, as conquistas do passado, para, visando o porvir da terra mater, recitar e entoar, em ato de fé, a primeira estrofe de seu hino:

Ponta Grossa aparece na altura
Dominando campanhas natais;
Temos crença na glória futura
Da Princesa dos Campos Gerais.

As moiras encantadas

(Diálogo de HERNANI DE LENCASTRE, interpretado ao microfone de Rádio Guanabara, do Rio de Janeiro, em sua emissão de 13 de Março, do corrente ano de 1952, dedicada ao Algarve).

— Pelo que depreendo, acredita em moiras encantadas...

— Sim, acredito!... E não me sinto diminuido por isso.

— Muito me surpreende que assim seja!... Supunha eu que essas histórias maravilhosas eram para crianças e não para gente grande, habituada à realidade...

— E o que é a realidade? Alguém jàmais conseguiu precisar onde começa e onde acaba?... Como observou algures, numa hora atormentada, certo príncipe da Dinamarca: há mais coisas no Céu e na Terra do que a nossa filosofia imagina...

— E êsses encantamentos persistem nos seus efeitos, não obstante dobrado o meio do nosso século!?

— O tempo aqui não corresponde à noção que dele fazemos... Para que se quebrem, tudo está em que se profira a palavra mágica ou que surja o acontecimento previsto, segundo o que foi fadado...

— E ainda existem em Portugal muitas moiras encantadas?

— Não muitas, tirando o Algarve. Nesta região do Sul do país, por ser aquela em que a Moirama manteve mais prolongado domínio, é que restam relativamente bastantes. Com o dobar dos anos, muitos encantamentos se foram quebrando... Porém, outros perduram, envoltos no seu mistério, indiferentes à marcha dos séculos.

— E aparecem em qualquer lado?

— Quase sempre, junto de cisternas, de noras, poços... em determinadas noites. No velho castelo de Silves, é na noite de São João que revelam sua presença. Nos subúrbios de Tavira, a vetusta e histórica cidade do Gilão, aí pelo sítio do poço de Vaz Varela, uma há que surge em quase tôdas as noites em que a lua domina nas alturas... de preferência quando as amendoeiras florescem.

— Acho tudo muito estranho!

— Não nego!... Os prodígios da Magia resultam sempre estranhos para profanos, como nós.

— É impossível que acredite nessas histórias que me conta, de moiras cumprindo fados no reino islâmico do Algarve que as hostes lusas de há tanto cristianizaram! De certo, procura divertir-se comigo...

— Não assim! Acredito nas moiras encantadas como acredito no Sol e na Lua.

— Desculpe, mas a comparação não vale! O Sol e a Lua vêmo-los, com nossos olhos...

— Se a questão está nisso, quem lhe disse que meus olhos não viram já, também, uma dessas moiras!?

— Explique-se, que o não entendo!...

— Nada tem que entender!... Vi uma moira encantada.

— Mas como... e onde?

— Quer então que lhe explique!? Pois bem, foi nesse mesmo reino islâmico do Algarve, hoje cristianizado pelas hostes lusas...

— Não há dúvida! Pretende divertir-se à minha custa...

— Pesa-me que faça maus juizos a meu respeito... Creia que falo verdade!... Foi numa noite calma e luarenta... Tôda a terra, por aquelas redondezas, adormecera... A única casita que por ali havia, mancha de cal alvinitente, com sua chaminé artística e caprichosamente lavrada, verdadeira renda de preciosos arabescos, ao gôsto algarvio, parecia abandonada ao mais tranquilo dos sonos, como que sonhando... Ao longe, o latir esbatido e sonâmbulo dum cão constituia a única nota de vida, perdida naquele sossêgo... Perto, de quando em quando, o leve e quase imperceptível rumor da branda viração, agitando um ou outro ramo mais mimoso das amendoeiras em redor, completamente floridas... Um consagrado poeta algarvio comparou estas árvores, em flor, com meninas da primeira comunhão... Agora, mais do que nunca assim pareciam...

Não diga mais!... A sua moira encantada foi uma dessas amendoeiras!

— Pode pensar assim, mas não eu... O que vi tinha, é certo, a beleza da flor da amendoeira quando o luar a beija... Todavia, deslizava... deslizava, em silêncio, por entre as amendoeiras, com a majestade e a graça duma princesa oriental das mil e uma noites, envolta em vaporoso manto, qual nuvem de fumo transparente... O rosto, coberto por diáfano véu...

— E, só porque teve essa visão, acredita... ?Não teria sido melhor abeirar-se dela, procurar estreitá-la em seu braços, tocá-la com suas mãos?

— Há pouco, dava a entender que bastava que nossos olhos vissem...

— Não queira comparar!... Se tem feito o que digo, se houvesse tentado, com as simples pontas dos dedos que fôsse, tanger essa miragem, teria quebrado seu encanto... descoberto a verdade, isto é, que as tais moiras encantadas só existem na imaginação de alguns poetas...

— Êsse o seu engano!... Minhas mãos nunca podem desmentir meus olhos. Porque haveria a verdade de estar nas minhas mãos e não nos meus olhos?! A verdade é apenas aquilo em que acreditamos. Que adiantava assistir, por essa forma, ao desfazer da minha visão, vê-la fundir-se na própria noite, confundir-se com as amendoeiras em flor, retirar-se, enfim, como apareceu?! Se são assim mesmo as moiras encantadas!...

HERNANI DE LENCASTRE
(Portugal)

Remember

(Para TAPEJARA — Por PAULO PERÓ
(Ponta Grossa)

A LA MEMORIA DEL GENIAL ESCRITOR EUCLIDES DA CUNHA

! "Remember"! La última palabra pronunciada al pié del cadalso por el infortunado Rey, e inmortalizada por A. Dumas, ha invadido la mente de todos los intelectuales brasileños entre los cuales figura una pléyade de Magos del saber humano de esta culta y futura Ciudad Universitaria.

Acuérdate! Este vocablo que remueve toda la conciencia humana ha sido pronunciado por los miembros del Centro Euclidiano, bajo la égida del eximio poligiota y grande escritor indiólogo en la figura eminente del Dr. Faris Antonio Michaele, que, en colaboración de otras grandes personalidades del mundo científico y literario, amantes de las Letras, de la Justicia y del Progreso Nacional, crearon un certamen Literario estudiantil para conmemorar y revivir la memoria del que foé el creador del patriotismo Brasileño: llamamos patriotismo y humanidad a la ayuda y defensa de los humildes y depauperados moradores del terruño inhóspito y agreste: es patriotismo toda campaña que se hace para beneficio colectivo: y Euclides fué así.

Luchando contra la indiferencia, vilipendiado, censurado por los elementos refractarios al buen sentido de patria, imbuidos y alimentados de todas las características de dominio feudal, torpedearon su obra tan sagrada que ofende el espíritu nacional.

Aparecieron adversarios de todos los sectores: no bastaba asesinar el cuerpo: se pretendió apuñalar la obra sublime, esa semilla que, en el transcurso de los lustros, germinó y dió el fruto soñado por el autor.

Apesar de toda aquella gama de detractores, fruto del tiempo, del mercenarismo literário, y la vanidad humana, Euclides no murió: ni tampoco murió su obra.

Viven juntos en el alma y en el cérebro de esta Legión de hombres cultos, sanos y justos.

Las conmemoraciones dedicadas al grande humanista y sociólogo, han confirmado la alta personalidad del grande mártir.

Si los griegos, apesar de ciertos defectos, nos legaron los nombres de evocación cultural, como Academus y Athenea, justo es que su nombre figure en todos los centros donde radica el intelecto humano.

Rindamos, pues, los honores a los creadores de la Semana Euclidiana, elogiando su proselitismo, porqué, con hombres como Euclides da Cunha y sus continuadores, una nación no se extingue.

Las naciones son grandes, por la grandeza de sus hombres; y el Brasil vá a ser una de ellas.

Meu cincoentenário

(Para TAPEJARA) — **Dedicado ao preclaro amigo Dr. FARIS ANTONIO S. MICHAELE**

Cheguei, enfim ,ao tôpo dos cincoenta,
Depois de rápido e ingrato caminhar.
Atrás, eu deixo a estrada poeirenta,
Vejo, na frente, a encosta a descambar...

Daqui, dêste espigão que me sustenta,
Contemplo a vida e ponho-me a cismar,
Se vale a pena ir em marcha lenta,
Ou melhor fôra a marcha terminar...

Mas, como o peregrino que descansa
Para cuidar da etapa que começa,
Eu paro, penso e sigo o meu caminho,

Pedindo a Deus a bem-aventurança
De dar a quem subiu com tanta pressa,
A calma de descer devagarinho.

J. L. DE CASTRO MOREIRA

São Paulo, Novembro de 1952.

x x x

An Address to the Brazilian Half-Breeds

(Extract from "Amerindios and Africanos", by Faris Antonio S. Michaele)

Here and there, all along the track, as though a challenge addressed to danger, by so openly jeering at it — like so many bold and scattered clues — footprints meet our faint-heartedness.

In their vanishing and uncared-for existence, how much action and how many events, how dazzling grandeur and how inestimable riches, are they not to forerun!

Within this sign — a footprint — of one who, a long time before us, chose this country for his abode; of one who, full of intuition and keenness, although could not read or count, yet went so far as working out implements, weapons and addresses to perfection; of one who scarcely had any civilized power of abstracting and, nevertheless, came to conceive an absolute god's idea; of one, at length, who was said not to have possessed any smattering of politeness or the slightest sense of aesthetics, but who, in the long run, created so umbrageous, suggestive and beautiful a language, as to lend words to civilized ones; within this sign, laying the foundation of our nationality, on? of the most astounding epic exploits — the Bandeiras — should be thoroughly performed.

But, in spite of all its nobleness and dignity, how many injustices was not this race to be presented with. Really, it took a long time until the first glimpses of a weak acknowledgment on our part could be noticed. Brought up with a strict observance of erroneous and malevolent principles, we generally used to make acquaintance with the pretended bad side of the Indian, without any consideration to the disturbance his culture began to undergo as soon as the invaders arrived.

We always looked them from our own cultural stage; in accordance with a considerable knowledge of historic experience, which we better managed to hoard up and assimilate; in short, with those vaunting eyes of civilized people who, to outstrip naive savages, had to summon up the whole record of humanity and make address to all available acquisition one is aware of.

The Indian was supposed eternally to be that slugghish, treacherous, blood-thirsty half-beast, not at all susceptible of improvement.

Nevertheless, as everybody knows, daily observations have among us set up, as a matter of fact, the groundlessness of such an assertion.

A little survey on our present situation would show us to satiety that Indian influence has made itself sensible everywhere.

From the racial unconfoundable traits, easily distinguished throughout our rural populations, to the therefrom springing up brilliant and pure qualities of character, by far the most steady of all; from the manifoldness of natural and physical as well as intellectual terms, in use to satisfy our innumerous needs, to the inestimable contribution to our literature, science and philosophy, not to speak on art, owed to so many manifestations of firstrate valors, carrying in their veins this blood; in all this, there is but the evidence of a rare talent and capacity of a race that ought to stand higher in our concern.

If you realize how far its vigorous fancy acted on our mind, how its terrorstruck beliefs penetrated our feeling, and its instinctively changing attitudes our habits, your will, without any difficulty, altogether catch up the true meaning of this collaboration to the construction of our nationality, and, consequently, endeavor to do your best to ransom that tremendous debt unto it, measured after the unthankfulness and neglect of all of us.

(From the English part).

Freyradas

O CABOCLO É FIGURA DE RETORICA

Em seu livro "Nordeste", ensina o Snr. Gilberto Freyre que o caboclo é, cada vez mais, uma alma-do-outro-mundo ou, seja, pura figura de retórica, conceito, aliás, confirmado em "Sobrados e Mucambos", onde o mameluco cede o lugar ao cafuso ou caboré, impròpriamente denominado curiboca.

É esta uma inverdade tão deslavada, que nem merece rebatida. Faz-nos lembrar do falecido psicanalista Artur Ramos, o qual, em sua "Introdução à Antropologia Brasileira", afirma, categòricamente, que o cruzamento lusoamerindio se processou todo na fase colonial; ou do musicólogo baiano Renato Almeida, que aristocràticamente manifesta sua ogeriza ao elemento caboclo nas seguintes palavras, de simplismo de gabinete: "na música, como em tudo mais, a sua influência foi diminuta". Foi diminuta, foi diminuta, e pronto! Lingüística, vida no interior, história e até... folklore (!), nada disso interessa a Renato, porque êle só parece entender (e mal) de música.

Gilberto, Ramos e Renato estão de acôrdo numa coisa: a de que não conhecem o Brasil, pois que, se saíssem da sua área cultural, veriam que, na Amazônia, Brasil Central, Paraná, Rio Grande do Sul e, mesmo, São Paulo, ainda hoje vamos encontrar, na massa mameluca, pessoas que são netas e até filhas de índios puros.

Por outro lado, é preciso que nos não esqueçamos de que tem havido, em diferentes períodos da nossa história, o incorporamento, em grande escala, do indígena à civilização, como, por exemplo, o caso do Cacique Canindé, no Nordeste, que se converteu ao cristianismo com milhares de índios sem qualquer mestiçamento.

RACISMO ?

Em "Sobrados e Mucambos", o mestre de Apipucos afirma: "No Brasil, uma coisa é certa: as áreas de mestiçamento mais intenso se apresentam as mais fecundas em grandes homens. A nossa Virgínia durante a monarquia, a mãe de grande parte dos presidentes de conselho e dos ministros de Estado foi — a comparação já tem ocorrido a mais de um estudioso da formação política do Brasil e não tem pretensão nenhuma a original — a Bahia, penetrada não só do melhor (sic!) sangue que o tráfico negreiro trouxe para a América como da cultura mais alta que transmitiu da África, ao continente americano".

Francamente, ou isto é visível má fé ou estamos deante de um tremendo misticismo racista afrobrasileiro?!

Gilberto Freyre confunde, maldosamente, o caso da Bahia, fenômeno puramente histórico (pois que ela foi a primeira Capital do Brasil, com as primeiras escolas e instituições culturais) com as preexcelências de sangue e cultura dos negros que foram trazidos para o Brasil. Contraditòriamente, combatendo todos os racismos, está, no entanto, criando um novo, que se processa às avessas...

Ante tal critério, um europeu estaria no direito de aventurar (o que, por certo, nos não agradaria) o seguinte juizo, mais conforme com a verdade histórica: "Sou a nata dos mortais, porque os maiores cérebros têm sido de raça branca'.

Sandice contra sandice, já se vê.

CASA GRANDE E OUTRAS COISAS GRANDES

Sugestão magnífica para novos títulos de possíveis obras do sociólogo pernambucano é a do falecido Moacyr Arcoverde. Começando em "Casa Grande e Senzala", teríamos: "Sobrados e Mucambos", "Chácaras e Quintais", "Bacias e...", por aí vai.

Uma riqueza exuberante de nomes, títulos e expressões que o bravo patrício da sociologia pitoresca não pode desprezar.

JÔGO DO BICHO

O complexo do ,jôgo do bicho, característico do brasileiro, é, no livro "Casa Grande e Senzala", atribuido ao indígena brasileiro. Mas, paradoxalmente, em outro escrito, confessa Freyre que confundiu **índio** com **hindú** (ambos são Indian, em certos textos ingleses) e que, portanto, devemos tirar dos ombros do nosso pobre antepassado das selvas mais esta nota infamante.

Ainda bem, que só agora descobriu, o nosso herói, que não existem camelos, nem elefantes e nem... burros nativos, na terra de Santa Cruz.

FREY...XADAS

x x x

O Mar e o Temoneiro

Brandia as vagas sob o azul celeste,
Se debruçando sôbre a longa praia...
Em movimento forte de éste oéste,
Veloz na curva pista o mar se espraia.

A nave sulca sulca o mar raivoso, e preste
A sucumbir, na perigosa raia,
Tão procelosa, por demais agreste!
O temoneiro sempre... de 'atalaia!...

Enfurecido o mar na tempestade,
Montanhas d'água verde em desconchavo
Destroça o barco em plena soledade!

Nas tenebrosas ondas em agravo:
Sôbre lençóis de imensa majestade,
O pobre guia morre como um bravo!

VICENTE DE OLIVEIRA E SILVA

Estado do Espírito Santo. (Dos Centros Culturais "Humberto de Campos" e "Euclides da Cunha").

Um poeta paulista e um mineiro poeta

CEL. ARLINDO VIANNA
Eng. Químico do Q. T. A.

Há quem compare o poeta a um gênio, razão porque a poesia é a inspiração. Tudo quanto comove é poesia. Música das palavras é a poesia e o sonêto é sem dúvida o perfume da flor medieval...

E os poetas?...

— Os poetas, Anatole França, afirma que :- ajudam-nos a amar... Motivo talvez que levou Tavares da Silva cantar uma "Exortação a um jove mpoeta"... São assim os poetas da moderna geração. Dentre os poetas da atualidade podemos destacar J. M. Coimbra, um poeta paulista, e, V. Castanheira Filho, um mineiro poeta.

Nasceu João de Medeiros Coimbra, na Capital Bandeirante, em 2-VIII-1890. É casado, católico, tem mulher e filha. Tem colaborado na imprensa brasileira, argentina e uruguaia. Poeta de sentimento. Uma de suas obras intitulada "Vácuo", foi vertida para o castelhano. É citado na "Antologia dos Poetas Paulistas" de Mario Silva e Arsenio Palácios Publicou "Minha Terra", "Luares e Serrações", "Névoas do Caminho". É poeta da Revolução de 1932. Sob o título "Epopéia de Piratininga", J. M. Coimbra, "seu nome de guerra", publicou em 1948, o poema da Revolução de 1932, encabeçando-o com os pensamentos do Prof. Prado Valadares, baixo de nascimento :- "Ser paulista — é encetar a luta sem medir as proporções, confiante em outrem; abandonado, pugnar sòzinho; traído, cair de pé".

Tem a publicar, como meticuloso antologista que é, "Poetisas Brasileiras", livro que proporcionou aos apreciadores da poesia, num só golpe de vista, as produções da poesia feminina brasileira.

Contemporâneo de J. M. Coimbra, encontramos Venâncio Castanheira Filho, mineiro poeta, radicado em São João Del Rei, mas filho da cidade de Bom Sucesso, também terra mineira.

Nasceu Castanheira Filho, aos 24-XII-1892. Lecionou em sua terra natal :- latim, francês e português. Tem livros de prosas e livros de versos. Já publicados: "Bandolins" (1917); "Cavacos" (1921), "Saudades" (1921) e "Figurões" (1941). Prontos para o prélo tem: "Roseiral" (poesias) e "Crônicas" (prosas).

Enquanto que J. M. Coimbra é funcionário público estadual paulista, Castanheira Filho, é oficial do Registro Civil de São João Del Rei e encarregado do alistamento militar daquela cidade tradicional de Minas Gerais. Conta que já alistou muitos brasileiros inclusive seus próprios filhos, fato que lhe serve de "arma secreta" da honestidade contra outras "virtudes modernas"...

São deliciosas suas "Pimentinhas" vulgarizadas pelas colunas de "O Correio" de São João Del Rei, sob pseudônimo "Castafilho".

Castanheira Filho é viuvo há sete anos. Tem dois filhos: Sebastião e Vinicio, funcionários do Banco do Brasil; duas filhas monjas: Maria Tereza e Maria Zélia, e, uma filha, Musa, que ajuda o poeta no Cartório, como escrevente.

Como poeta os seus versos tem um fundo sentimental que bem revela a sensibilidade de sua alma.

Para nós é o "Poeta dos Meses" pois canta em sonêtos de "Janeiro" a "Dezembro". Canta que "Janeiro" entra pregando a Paz à Humanidade, Concórdia entre as nações, num pacto de harmonia, a Terra unida ao Céu, na voz da Cristandade... E, chega "Dezembro", canta o mês que não bastam as festas dos presepes, de Paz enchendo o Mundo e graça o lar cristão. E, conclue que "Dezembro", o mês de Cristo, o angélico cordeiro nascido, sendo rei, num mísero palheiro, bem pode ser chamado o mês da Redenção!

São assim os dois poetas brasileiros: J. M. Coimbra, um poeta paulista, e, V. Castanheira Filho, um mineiro poeta.

Um canta a "Epopéia de Piratininga"; outro canta a "Tragédia do Tempo", é o "Poeta dos Meses"...

CIVITAS LABORIS

AUGUSTO FARIA ROCHA

Estamos aqui, a postos, na quase legendária tenda jornalística do "Diário dos Campos" para, convocados como homens que somos de boa vontade, exaltar a auspiciosa e sugestiva data aniversária da fundação desta iluminosa e trepidante cidade de Ponta Grossa.

Povo que plasmou muito em foz na destinação ascendente de nossa Pátria, possue, desde os primórdios de existência coletiva, singular **vis attractiva**, capaz de empreender e realizar com êxito, em altiplano e vale dos campos gerais, as linhas mestras espirituais e econômicas de uma civilização em pleno vigor, graças ao claro céu bonança, às fortes solicitações do ambiente físico, ao esplendor de seus horizontes, à vastidão panorâmica da planície viridente ao longo da qual se extasiaram os olhos atônitos e sábios de Saint Hilaire.

É esta a região edênica em que se contempla a maravilha piramidal da Vila Velha, nossa Pompéa rústica, cuja edificação milenar é atribuida a um capricho do divino Eolo, pai mitológico dos ventos lastrados de areia sôlta das erosões; planura verde-malva tapisada de boninas agrestes, onde apareceram mais tarde, os pessegueiros em flôr que, transplantados aos poucos, vieram até nós subindo das barrancas a sueste do Paranapanema, aos largos chapadões da então quinta comarca de São Paulo.

Mas o que sobretudo avulta na significação geopolítica da efeméride comemorativa; o que mais ilustra o sentido sociológico do dia fasto de Ponta Grossa é, indiscutivelmente, a constatação de uma vitória do Homem sôbre a Natureza.

Esta não foi dadivosa para com os primitivos povos marginais do Pitanguí conterrâneo.

Ao contrário, lutaram tenazmente contra os fatores negativos de solo pobre — camadas de arenito — manchando, de onde a onde, as pastagens escassas e magras.

Sem embargo, os ancestrais — Rocha Carvalhais e outros — da obscura Freguezia de Nossa Senhora Sant' Ana souberam, com trabalho inteligente e frutuoso, supprir a parcimônia de recursos naturais, as deficiências de estradas, e, do burgo originário de ontem, se depara hoje a Ponta Grossa moderna, uma das mais importantes cidades do Brasil, dotada de ruas extensas e bem calçadas, passeios amplos revestidas de "petit-pavé", aprazíveis logradouros arborizados e floridos, casas residencias luxuosas, auto-motores em extraordinária quantidade, serviços públicos e particulares em perfeita ordem, a par do crescimento vertiginoso de suas arrecadações orçamentárias.

A nossa história citadina tem similitude anterior ao que observou Rosenthalm Ortigão em sua "Holanda". Descreveu êle o esfôrço titânico dos batavos que, por meio de gigantescos canais e eclusas, lograram impedir a invasão das águas, mantendo-as, permanentemente, represadas, à jusante da bela Amsterdam.

Daí o orgulho dito na boca de seus habitantes :— "Deus criou o Mundo e, também, a Holanda, mas... com a ajuda dos holandeses".

A Princesa dos Campos principiou dêsse gênio.

A proporção dos anos decorridos, Ponta Grossa se ia constituindo entrepôsto comercial, pouso e passagem de tropas, muares e equinos, estabelecendo-se relações com os mercados do interior e do litoral da então Provincia do Paraná, depois entre os grandes centros pastoris do Rio Grande, desde o longínquo Rio dos Sinos até as lindes territoriais de São Paulo, ligando, de entremeio, a rica zona de criação de Vacaria e adjacências à tradicional feira de Sorocaba, através da chamada "estrada da Mata", roteiro escolhido pelo Brigadeiro Tobias de Aguiar quando, fracassada a intentona do Padre Feijó, no ano de 1842, ia sendo perseguido pelas fôrças volantes do então Barão de Caxias, e procurava reunir-se aos revolucionários farroupilhas do pampa.

As contínuas viagens para comprar, nas estâncias rio-grandenses, a "flor" das manadas, "ferrar o poncho" (bom negócio na gíria gauchesca) e para as respectivas revendas nas feiras, a variedade de cenário e de graus de civilização, tudo isso influiu muito na formação psíquica do tropeiro pontagrossense no sentido da conquista individual depositada em si próprio, o espírito de iniciativa e decisão, acentuado amor à independência pessoal raiando, ás vezes, pela rebeldia proverbial contra o mandonismo de todos os tempos.

Junte-se ao tino mercantil atilado, a vocação para as indústrias, a preocupação razoável de fazer fortuna, com o desejo de vencer na vida prática financeira, social e, por fim, na política, entendida esta como simples aspiração cívica e não como profissão habitual.

Talvez por êsses motivos é que, no ardor da memorável revolução de 30, o seu grande chefe, Dr. Getúlio Vargas, conferiu à cidade de Ponta Grossa o título honroso de **Capital Cívica** do Paraná, o que se verificou em proclamação "urbi et orbe" no Clube Pontagrossense, sede que se tornou do Govêrno Provisório da 2ª. República Brasileira.

Dentre os muitos tropeiros d'antanho, destacaram-se vultos de paranaenses de pról, por exemplo : o barão de Guaraúna; Conselheiro Jesuino Marcondes, da Palmeira; barão de Campos Gerais e Joaquim Lacerda, da Lapa; visconde de Guarapuava; Paula Gomes o indefesso Patriarca de nossa emancipação política e, por fim, o barão de Antonina que, na opinião autorizada do ilustre cronista professor Aluizio França é o progenitor histórico da vasta família dos **grileiros** de terras de cultura do Estado.

Posteriormente, aos descendentes ribeirinhos do Pitanguí incorporaram-se na comunidade local preciosos elementos imigratórios de origem russa, alemã, italiana, polonesa e outras, não se falando no português que é o mesmo brasileiro de ultramar.

Começa daí o incremento das várias indústrias.

Quanto à instrução popular :

Da famosa escola particular do professor Colares, onde o dinâmico Interventor Manuel Ribas apanhou muitos "bolos" de palmatória; do curso intermediário dirigido pela provecta educedora, Dona Judith Silveira, até ao currículo secundário, iniciado com a fundação do Colégio Feijó e Escola Normal, criados no govêrno Munhoz da Rocha (senior), com os demais ginásios, estabelecimentos de ensino técnico comercial e contábil, centros de cultura literária e filosófica, entidades esportivas e recreativas — vai enorme evolução em todos os quadrantes da humana atividade.

Ainda, desde a ereção da humilde igrejinha localizada na eminência do espigão como o procuraram os pombos providenciais da lenda, referidos nos versos do Hino de Ponta Grossa, oficializando desde o ano de 1922, até a Catedral do Bispado, — há também, considerável aumento e aperfeiçoamento moral e religioso dos nossos padrões de vida subjetiva.

E agora que se está festejando a passagem do 129º. aniversário da "urbe" princesina, é bom relembrar os tempos idos e vividos, as conquistas do passado, para, visando o porvir da terra mater, recitar e entoar, em ato de fé, a primeira estrofe de seu hino :

Ponta Grossa aparece na altura
Dominando campanhas natais;
Temos crença na glória futura
Da Princesa dos Campos Gerais.

As moiras encantadas

(Diálogo de HERNANI DE LENCASTRE, interpretado ao microfone de Rádio Guanabara, do Rio de Janeiro, em sua emissão de 13 de Março, do corrente ano de 1952, dedicada ao Algarve).

— Pelo que depreendo, acredita em moiras encantadas...

— Sim, acredito!... E não me sinto diminuido por isso.

— Muito me surpreende que assim seja!... Supunha eu que essas histórias maravilhosas eram para crianças e não para gente grande, habituada à realidade...

— E o que é a realidade? Alguém jámais conseguiu precisar onde começa e onde acaba?... Como observou algures, numa hora atormentada, certo príncipe da Dinamarca : há mais coisas no Céu e na Terra do que a nossa filosofia imagina...

— E êsses encantamentos persistem nos seus efeitos, não obstante dobrado o meio do nosso século!?

— O tempo aqui não corresponde à noção que dele fazemos... Para que se quebrem, tudo está em que se profira a palavra mágica ou que surja o acontecimento previsto, segundo o que foi fadado...

— E ainda existem em Portugal muitas moiras encantadas?

— Não muitas, tirando o Algarve. Nesta região do Sul do país, por ser aquela em que a Moirama manteve mais prolongado domínio, é que restam relativamente bastantes. Com o dobar dos anos, muitos encantamentos se foram quebrando... Porém, outros perduram, envoltos no seu mistério, indiferentes à marcha dos séculos.

— E aparecem em qualquer lado?

— Quase sempre, junto de cisternas, de noras, poços... em determinadas noites. No velho castelo de Silves, é na noite de São João que revelam sua presença. Nos subúrbios de Tavira, a vetusta e histórica cidade do Gilão, aí pelo sítio do poço de Vaz Varela, uma há que surge em quase tôdas as noites em que a lua domina nas alturas... de preferência quando as amendoeiras florescem.

— Acho tudo muito estranho!

— Não nego!... Os prodígios da Magia resultam sempre estranhos para profanos, como nós.

— É impossível que acredite nessas histórias que me conta, de moiras cumprindo fados no reino islâmico do Algarve que as hostes lusas de há tanto cristianizaram! De certo, procura divertir-se comigo...

— Não assim! Acredito nas moiras encantadas como acredito no Sol e na Lua.

— Desculpe, mas a comparação não vale! O Sol e a Lua vêmo-los, com nossos olhos...

— Se a questão está nisso, quem lhe disse que meus olhos não viram já, também, uma dessas moiras!?

— Explique-se, que o não entendo!...

— Nada tem que entender!... Vi uma moira encantada.

— Mas como... e onde?

— Quer então que lhe explique!? Pois bem, foi nesse mesmo reino islâmico do Algarve, hoje cristianizado pelas hostes lusas...

— Não há dúvida! Pretende divertir-se à minha custa...

— Pesa-me que faça maus juizos a meu respeito... Creia que falo verdade!... Foi numa noite calma e luarenta... Tôda a terra, por aquelas redondezas, adormecera... A única casta que por ali havia, mancha de cal alvinitente, com sua chaminé artística e caprichosamente lavrada, verdadeira renda de preciosos arabescos, ao gôsto algarvio, parecia abandonada ao mais tranquilo dos sonos, como que sonhando... Ao longe, o latir esporádico e sonâmbulo dum cão constituia a única nota de vida, perdida naquele sossêgo... Perto, de quando em quando, o leve e quase imperceptível rumor da branda viração, agitando um ou outro ramo mais mimoso das amendoeiras em redor, completamente floridas... Um consagrado poeta algarvio comparou estas árvores, em flor, com meninas da primeira comunhão... Agora, mais do que nunca assim pareciam...

Não digo mais!... A sua moira encantada foi uma dessas amendoeiras!

— Pode pensar assim, mas não eu... O que vi tinha, é certo, a beleza da flor da amendoeira quando o luar a beija... Todavia, deslizava... deslizava, em silêncio, por entre as amendoeiras, com a majestade e a graça duma princesa oriental das mil e uma noites, envolta em vaporoso manto, qual nuvem de fumo transparente... O rosto, coberto por diáfano véu...

— E, só porque teve essa visão, acredita... ?Não teria sido melhor abeirar-se dela, procurar estreitá-la em seu braços, tocá-la com suas mãos?

— Há pouco, dava a entender que bastava que nossos olhos viessem...

— Não queira comparar!... Se tem feito o que digo, se houvesse tentado, com as simples pontas dos dedos que fôsse, tanger essa miragem, teria quebrado seu encanto... descoberto a verdade, isto é, que as tais moiras encantadas só existem na imaginação de alguns poetas...

— Êsse o seu engano!... Minhas mãos nunca podem desmentir meus olhos. Porque haveria a verdade de estar nas minhas mãos e não nos meus olhos?! A verdade é apenas aquilo em que acreditamos. Que adiantava assistir, por essa forma, ao desfazer da minha visão, vê-la fundir-se na própria noite, confundir-se com as amendoeiras em flor, retirar-se, enfim, como apareceu?! Se são assim mesmo as moiras encantadas!...

HERNANI DE LENCASTRE
(Portugal)

Remember

(Para TAPEJARA — Por PAULO PERÓ
(Ponta Grossa)

A LA MEMORIA DEL GENIAL ESCRITOR EUCLIDES DA CUNHA

! "Remember"! La última palabra pronunciada al pié del cadalso por el infortunado Rey, e inmortalizada por A. Dumas, ha invadido la mente de todos los intelectuales brasileños entre los cuales figura una pléyade de Magos del saber humano de esta culta y futura Ciudad Universitaria.

Acuérdate! Este vocablo que remueve toda la conciencia humana ha sido pronunciado por los miembros del Centro Euclidiano, bajo la égida del eximio políglota y grande escritor indiólogo en la figura eminente del Dr. Faris Antonio Michaele, que, en colaboración de otras grandes personalidades del mundo científico y literario, amantes de las Letras, de la Justicia y del Progreso Nacional, crearon un certamen Literario estudiantil para conmemorar y revivir la memoria del que fué el creador del patriotismo Brasileño : llamamos patriotismo y humanidad a la ayuda y defensa de los humildes y depauperados moradores del terruño inópito y agreste : es patriotismo toda campaña que se hace para beneficio colectivo : y Euclides fué así.

Luchando contra la indiferencia, vilipendiado, censurado por los elementos refractarios al buen sentido de patria, imbuidos y alimentados de todas las características de dominio feudal, torpedearon su obra tan sagrada que ofende el espíritu nacional.

Aparecieron adversarios de todos los sectores : no bastaba asesinar el cuerpo : se pretendió apuñalar la obra sublime, esa semilla que, en el transcurso de los lustros, germinó y dió el fruto soñado por el autor.

Apesar de toda aquella gama de detractores, fruto del tiempo, del mercenarismo literário, y la vanidad humana, Euclides no murió : ni tampoco murió su obra.

Viven juntos en el alma y en el cérebro de esta Legión de hombres cultos, sanos y justos.

Las conmemoraciones dedicadas al grande humanista y sociólogo, han confirmado la alta personalidad del grande mártir.

Si los griegos, apesar de ciertos defectos, nos legaron los nombres de evocación cultural, como Academus y Athenea, justo es que su nombre figure en todos los centros donde radica el intelecto humano.

Rindamos, pues, los honores a los creadores de la Semana Euclidiana, elogiando su proselitismo, porqué, con hombres como Euclides da Cunha y sus continuadores, una nación no se extingue.

Las naciones son grandes, por la grandeza de sus hombres; y el Brasil vá a ser una de ellas.

Meu cincoentenário

(Para TAPEJARA) — **Dedicado ao preclaro amigo Dr. FARIS ANTONIO S. MICHAELE**

Cheguei, enfim ,ao tôpo dos cincoenta,
Depois de árduo e ingrato caminhar.
Atrás, eu deixo a estrada poeirenta,
Vejo, na frente, a encosta a descambar...

Daqui, dêste espigão que me sustenta,
Contemplo a vida e ponho-me a cismar,
Se vale a pena ir em marcha lenta,
Ou melhor fôra a marcha terminar...

Mas, como o peregrino que descansa
Para cuidar da etapa que começa,
Eu paro, penso e sigo o meu caminho,

Pedindo a Deus a bem-aventurança
De dar a quem subiu com tanta pressa,
A calma de descer devagarinho.

J. L. DE CASTRO MOREIRA

São Paulo, Novembro de 1952.

x x x

An Address to the Brazilian Half-Breeds

(Extract from "Ameríndios and Africanos", by Faris Antonio S. Michaele)

Here and there, all along the track, as though a challenge addressed to danger, by so openly jeering at it — like so many bold and scattered clues — footprints meet our faint-heartedness.

In their vanishing and uncared-for existence, how much action and how many events, how dazzling grandeur and how inestimable riches, are they not to forerun!

Within this sign — a footprint — of one who, a long time before us, chose this country for his abode; of one who, full of intuition and keenness, although could not read or count, yet went so far as working out implements, weapons and addresses to perfection; of one who scarcely had any civilized power of abstracting and, nevertheless, came to conceive an absolute god's idea; of one, at length, who was said not to have possessed any smattering of politeness or the slightest sense of aesthetics, but who, in the long run, created so umbrageous, suggestive and beatiful a language, as to lend words to civilized ones; within this sign, laying the foundation of our nationality, one of the most astounding epic exploits — the Bandeiras — should be thoroughly performed.

But, in spite of all its nobleness and dignity, how many injustices was not this race to be presented with. Really, it took a long time until the first glimpses of a weak acknowledgment on our part could be noticed. Brought up with a strict observance of erroneous and malevolent principles, we generally used to make acquaintance with the pretended bad side of the Indian, without any consideration to the disturbance his culture began to undergo as soon as the invaders arrived.

We always looked them from our own cultural stage; in accordance with a considerable knowledge of historic experience, which we better managed to hoard up and assimilate; in short, with those vaunting eyes of civilized people who, to outstrip naive savages, had to summon up the whole record of humanity and make address to all available acquisition one is aware of.

The Indian was supposed eternally to be that sluggish, treacherous, blood-thirsty half-beast, not at all susceptible of improvement.

Nevertheless, as everybody knows, daily observations have among us set up, as a matter of fact, the groundlessness of such an assertion.

A little survey on our present situation would show us to satiety that Indian influence has made itself sensible everywhere.

From the racial unconfoundable traits, easily distinguished throughout our rural populations, to the therefrom springing up brilliant and pure qualities of character, by far the most steady of all; from the manifoldness of natural znd physical as well as intellectual terms, in use to satisfy our innumerous needs, to the inestimable contribution to our literature, science and philosophy, not to speak on art, owed to so many manifestations of firstrate valors, carrying in their veins this blood; in all this, there is but the evidence of a rare talent and capacity of a race that ought to stand higher in our concern.

If you realize how far its vigorous fancy acted on our mind, how its terrorstruck beliefs penetrated our feeling, and its instinctively changing attitudes our habits, your will, without any difficulty, altogether catch up the true meaning of this collaboration to the construction of our nationality, and, consequently, endeavor to do your best to ransom that tremendous debt unto it, measured after the unthankfulness and neglect of all of us.

(From the English part).

Freyradas

O CABOCLO É FIGURA DE RETÓRICA

Em seu livro "Nordeste", ensina o Snr. Gilberto Freyre que o caboclo é, cada vez mais, uma alma-do-outro-mundo ou, seja, pura figura de retórica, conceito, aliás, confirmado em "Sobrados e Mucambos", onde o mameluco cede o lugar ao cafuso ou caboré, impróprianmente denominado curiboca.

É esta uma inverdade tão deslavada, que nem merece rebatida. Faz-nos lembrar do falecido psicanalista Artur Ramos, o qual, em sua "Introdução à Antropologia Brasileira", afirma, categòricamente, que o cruzamento lusoamerindio se processou todo na fase colonial; ou do musicólogo baiano Renato Almeida, que aristocràticamente manifesta sua ogeriza ao elemento caboclo nas seguintes palavras, de simplismo de gabinete: "na música, como em tudo mais, a sua influência foi diminuta". Foi diminuta, foi diminuta, e pronto! Linguística, vida no interior, história e até... folklore (!), nada disso interessa a Renato, porque êle só parece entender (e mal) de música.

Gilberto, Ramos e Renato estão de acôrdo numa coisa: a de que não conhecem o Brasil, pois que, se saíssem da sua área cultural, veriam que, na Amazônia, Brasil Central, Paraná, Rio Grande do Sul e, mesmo, São Paulo, ainda hoje vamos encontrar, na massa mameluca, pessoas que são netas e até filhas de índios puros.

Por outro lado, é preciso que nos não esqueçamos de que tem havido, em diferentes períodos da nossa história, o incorporamento, em grande escala, do indígena à civilização, como, por exemplo, o caso do Cacique Canindé, no Nordeste, que se converteu ao cristianismo com milhares de índios sem qualquer mestiçamento.

RACISMO ?

Em "Sobrados e Mucambos", o mestre de Apipucos afirma: "No Brasil, uma coisa é certa: as áreas de mestiçamento mais intenso se apresentam as mais fecundas em grandes homens. A nossa Virgínia durante a monarquia, a mãe de grande parte dos presidentes de conselho e dos ministros de Estado foi — a comparação já tem ocorrido a mais de um estudioso da formação política do Brasil e não tem pretensão nenhuma a original — a Bahia, penetrada não só do melhor (sic!) sangue que o tráfico negreiro trouxe para a América como da cultura mais alta que transmitiu da África, ao continente americano".

Francamente, ou isto é visível má fé ou estamos deante de um tremendo misticismo racista afrobrasileiro!

Gilberto Freyre confunde, maldosamente, o caso da Bahia, fenômeno puramente histórico (pois que ela foi a primeira Capital do Brasil, com as primeiras escolas e instituições culturais) com as preexcelências de sangue e cultura dos negros que foram trazidos para o Brasil. Contraditòriamente, combatendo todos os racismos, está, no entanto, criando um novo, que se processa as avessas...

Ante tal critério, um europeu estaria no direito de aventurar (o que, por certo, nos não agradaria) o seguinte juizo, mais conforme com a verdade histórica: "Sou a nata dos mortais, porque os maiores cérebros têm sido de raça branca".

Sandice contra sandice, já se vê.

CASA GRANDE E OUTRAS COISAS GRANDES

Sugestão magnífica para novos títulos de possíveis obras do sociólogo pernambucano e à do falecido Moacyr Arcoverde. Começando em "Casa Grande e Senzala", teríamos: "Sobrados e Mucambos", "Chácaras e Quintais", "Bacias e...", por aí vai.

Uma riqueza exuberante de nomes, títulos e expressões que o bravo patrício da sociologia pitoresca não pode desprezar.

JÓGO DO BICHO

O complexo do jógo do bicho, característico do brasileiro, é, no livro "Casa Grande e Senzala", atribuido ao indígena brasileiro. Mas, paradoxalmente, em outro escrito, confessa Freyre que confundiu **indio** com **hindú** (ambos são Indian, em certos textos ingleses) e que, portanto, devemos tirar dos ombros do nosso pobre antepassado das selvas mais esta nota infamante.

Ainda bem, que só agora descobriu, o nosso herói, que não existem camelos, nem elefantes e nem... burros nativos, na terra de Santa Cruz.

FREY...XADAS

x x x

O Mar e o Temoneiro

Brandia as vagas sob o azul celeste,
Se debruçando sôbre a longa praia...
Em movimento forte de éste oéste,
Veloz na curva pista o mar se espraia.

A nave sulca sulca o mar raivoso, e preste
A sucumbir, na perigosa raia,
Tão procelosa, por demais agreste!
O temoneiro sempre... de atalaia!...

Enfurecido o mar na tempestade,
Montanhas d'água verde em desconchavo
Destroça o barco em plena soledade!

Nas tenebrosas ondas em agravo:
Sôbre lençóis de imensa majestade,
O pobre guia morre como um bravo!

VICENTE DE OLIVEIRA E SILVA

Estado do Espírito Santo. (Dos Centros Culturais "Humberto de Campos" e "Euclides da Cunha").

Um poeta paulista e um mineiro poeta

CEL. ARLINDO VIANNA
Eng. Químico do Q. T. A.

Há quem compare o poeta a um gênio, razão porque a poesia é a inspiração. Tudo quanto comove é poesia. Música das palavras é a poesia e o sonêto é sem dúvida o perfume da flor medieval...

E os poetas ?...

— Os poetas, Anatole França, afirma que :- ajudam-nos a amar... Motivo talvez que levou Tavares da Silva cantar uma "Exortação a um jove mpoeta"... São assim os poetas da moderna geração. Dentre os poetas da atualidade podemos destacar J. M. Coimbra, um poeta paulista, e, V. Castanheira Filho, um mineiro poeta.

Nasceu João de Medeiros Coimbra, na Capital Bandeirante, em 2-VIII-1890. É casado, católico, tem mulher e filha. Tem colaborado na imprensa brasileira, argentina e uruguaia. Poeta de sentimento. Tem de suas obras intitulada "Vácuo", foi vertida para o castelhano. É citado na "Antologia dos Poetas Paulistas" de Mario Silva e Arsenio Palácios. Publicou "Minha Terra", "Lustres e Serrações", "Nevoas do Caminho". É poeta da Revolução de 1932. Sob o título "Epopéia de Piratininga", J. M. Coimbra, "seu nome de guerra", publicou em 1948, o poema da Revolução de 1932, encabeçando-o com os pensamentos do Prof. Prado Valadares, baiano de nascimento :- "Ser paulista — é encetar a luta sem medir as proporções, confiante em outrem; abandonado, pugnar sózinho; traído, caír de pé".

Tem a publicar, como meticuloso antologista que é, "Poetas Brasileiras", livro que proporcionará a todos os apreciadores da poesia, num só golpe de vista, as produções da poesia feminina brasileira.

Contemporâneo de J. M. Coimbra, encontramos Venâncio Castanheira Filho, mineiro poeta, radicado em São João Del Rei, mas filho da cidade de Bom Sucesso, também terra mineira.

Nasceu Castanheira Filho, aos 24-XII-1892. Lecionou em sua terra natal :- latim, francês e portugués. Tem livros de prosas e livros de versos. Já publicados: "Bandolins" (1917); "Cavacos" (1921), "Saudades" (1921) e "Figurões" (1941). Prontos para o prélo tem: "Roseiral" (poesias) e "Crônicas" (prosas).

Enquanto que J. M. Coimbra é funcionário público estadual paulista, Castanheira Filho, é oficial do Registro Civil de São João Del Rei e encarregado do alistamento militar daquela cidade tradicional de Minas Gerais. Conta que já alistou muitos brasileiros inclusive seus próprios filhos, fato que lhe serve de "arma secreta" da honestidade contra outras "virtudes modernas"...

São deliciosas suas "Pimentinhas" vulgarizadas pelas colunas de "O Correio" de São João Del Rei, sob pseudônimo "Castafilho".

Castanheira Filho é viuvo há sete anos. Tem dois filhos: Sebastião e Vinício, funcionários do Banco do Brasil; duas filhas monjas: Maria Tereza e Maria Zélia, e, uma filha, Musa, que ajuda o poeta no Cartório, como escrevente.

Como poeta os seus versos tem um fundo sentimental que bem revela a sensibilidade de sua alma.

Para nós é o "Poeta dos Meses" pois canta em sonêtos de "Janeiro" a "Dezembro". Canta que "Janeiro" entra pregando a Paz à Humanidade, Concórdia entre as nações, num pacto de harmonia, a Terra unida ao Céu, na voz da Cristandade... E, chega "Dezembro", canta o mês que não bastam as festas dos presepes, de Paz enchendo o Mundo e graça o lar cristão. E, conclue que "Dezembro", o mês de Cristo, o angélico cordeiro nascido, sendo rei, num mísero palheiro, bem pode ser chamado o mês da Redenção!

São assim os dois poetas brasileiros: J. M. Coimbra, um poeta paulista, e, V. Castanheira Filho, um mineiro poeta.

Um canta a "Epopéia de Piratininga"; outro canta a "Tragédia do Tempo", é o "Poeta dos Meses"...

O índio e a música popular brasileira

(UMA PAGINA DO IMORTAL MARIO DE ANDRADE)

Ao lado de todo êsse movimento histórico em que a música artística se manifestava, no Brasil, mais por uma fatalidade individualista ou fantasia de eites que por uma razão de ser social e étnica, principiou tomando corpo no século XIX uma outra corrente musical, sem fôrça histórica ainda, mas provida de muito maior função humana: a música popular.

Não sabemos nada de técnico sôbre a música popular dos três séculos coloniais. Um povo misturado, porém ainda não amalgamado, parava nas possessões que Portugal mantinha por aqui. Êsse povo feito de portuguêses, africanos, amerínDios, espanhóis, trazia junto com as falas dêle as cantigas e danças que a Colônia escutava. E foi da fusão destas que o nosso canto popular tirou sua base técnica tradicional.

O que tirou do aborígine? Não sabemos quase nada de positivo. O chocalho, empregado como obrigação nas orquestrinhas maxixeiras, não passa duma adaptação civilizada de certos instrumentos amerínDios de mesma técnica, por exemplo o maracá, dos tupís.

Certas formas poéticas obrigando o canto a uma conformação especial de fraseado, usadas ainda, principalmente no Nordeste, foram decerto influência amerínDia. Barbosa Rodrigues registra uma boa porção de cantos brasílicos, cuja forma característica por seguir a cada verso da estrofe um refrão curto:

Cha munhan muracê,
Uacará.
Cha rica "patrão",
Uacará.
Che re raçó arama,
Uacará.

Êsse processo tem parentesco evidente com muitos cantos atuais. Eis algumas manifestações contemporâneas, semelhantes ao processo brasílico:

Solo :- Oh li-li-li-ô!
Côro :- Boi Tungão!
Solo :- Boi do Maioral!
Côro :- Boi Tungão!
Solo :- Bonito não era o boi...
Côro :- Boi Tungão!
Solo :- Como era o aboiar.
Côro :- Boi Tungão!
(Etc.)
(Colhido no Rio Grande do Norte).

ou :
Você gosta de mim,
Maria,
Eu também de você,
Maria,
Vou pedir pra seu pai,
Maria,
Pra casar com você,
Maria,
(Colhido em São Paulo).

ou :
Vou-me embora, vou-me embora,
Prenda minha,
Tenho muito que fazer;
Tenho de ir parar rodeio,
Prenda minha,
Nos campos do Bem-querer!
(Rio Grande do Sul).

Não tem dúvida que fórmulas parecidas com estas frequentam o folclore português e hispano-americano às vezes (mesmo o "prenda mia" aparece nos hispano- (até coincidindo a escolha frequente de nomes tirados curto, duma só palavra, repetido no fim de cada verso americanos do Sul); porém a sistematização do refrão da fauna, pra fazer o refrão) possivelmente é reminiscência de maneira amerínDia.

Entre as nossas formas coreográficas, uma das mais espalhadas é o Catereté ou a Catira, dansa de nome tupí. Anchieta pra catequizar os selvagens já se aproveitava dela, parece, deformando-lhe os textos no sentido da Religião Católica. Caso mais indiscutível ainda dessa fusão amerínDio-jesuítica é o do Cururú. Em certas festas populares, religioso-coreográficas, tais como a dansa de São Gonçalo e a dansa de Santa Cruz, pelo menos nos arredores de São Paulo, após cada número do cerimonial, dansa-se um cururú. Ora os processos coreográficos desta dansa têem tal e tão forte sabor amerínDio, pelo que sabemos de dansas brasílicas com a cinematografia atual, que não hesito em afirmar ser o cururú uma primitiva dansa amerínDia, introduzida pelos jesuítas nas suas festas religiosas fora (e talvez dentro) do templo. E êsse costume e dansa permaneceram vivos até agora.

Nossa raça está fortemente impregnada de sangue guaraní. Os brasílicos empregavam e empregam frequentemente o som nasal, cantando. Esta nasalação do canto é comum inda agora em quase todo o país, embora seja possível distinguir pelo menos dois timbres nela, um de franca origem africana, outro já peculiarmente nosso.

A tendência para o canto amoroso é dominantíssima em Portugal. No fim do séculoXVIII o viajante M. Link constatava que "as cantigas do povo português são queixosas; no geral contam penas de amor, raramente são sensuais e muito pouco satíricas". Pois essa tendência foi fortemente contrariada aqui. Si a pena de amor frequenta bem a cantiga brasileira (como aliás frequenta a cantiga de todos os povos do mundo), ela não toma entre nós uma predominância absoluta. Chegou mesmo a se domiciliar em certas formas particulares: a Modinha que geralmente é queixume e a Toada cabocla. O lundú, pelo contrário, no geral trata o amor cômicamente. Algumas vezes é senvergonhamente sensual. Porém nas outras formas, a variedade de assunto é vasta. No meu "Ensaio sôbre Música Brasileira", um despropósito dos documentos expostos não tratam de amôr. Não vou até afirmar que isso provenha de influência amerínDia exclusiva, porém inda aqui me parece incontestável que os temas quase nada amorosos do amerínDio, e o sangue dêle correndo em nós, levaram a gente a uma contemplação lírica mais total da vida.

Também os "Caboclinhos", "Caiapós", etc. nomes de vários bailados atuais do país, são de inspiração diretamente amerínDia e, às vezes, representam cenas da vida tribal. E essa mesma inspiração transparece em certos ritos feiticeiros da religiosidade nacional, como o Catimbó nordestino e a Pagelança nortista.

(Pequena História da Música).

ALGO A MAIS

VASCO JOSÉ TABORDA — Do C.C.E.C.

Ir à Europa, hoje, é o mesmo que se tomar um avião direto para se ir jantar no Rio. Há quem vá ao Velho Continente para ver as garotas do "Folies Bergère", para perambular pela colina de Montmartre ou subir ao tope da Torre Eiffel. Há, no entanto, quem se abale, dos seus pagos queridos, a visitar a outra Europa, a vetusta detentora dos mais altos foros de civilização e experiência. Os primeiros, impressionados, pouco aproveitam... ou quasi nada. Mas, para os últimos, que foram gulosos de observar, de aprender, de melhorar índices de conhecimento, é outra coisa — civilizaram-se.

Sempre trazem algo mais a comunicar ou ensinar, traduzindo em palavras o fotografado por olhos arregalados e o gravado por ouvidos educados, ansiosos de reter o melhor. Dêste tipo de viajor é que se ganha o presente de torna-viagem — as conferências, as aulas e os livros. E como é deleitante a leitura de um bem elaborado roteiro ou a audiência de aulas ou conferências feitas por quem é capaz!

Viaja-se, em chinelas, por todo o orbe; não há frio, não há calor, nem mesmo poeira... não se falando no câmbio negro do mercado de moedas. Alguem se lembra de "Holanda", o saboroso diário vivido de Ramalho Ortigão? E de "Itália", do espanhol Castellar, onde, até a descrição arquitetónica do "Duomo", de Milão, é feita? Nelson Tabajara é outro vagabundo que escreveu interessantes relatos de suas viagens pelo Oriente. Isso que é viajar! Arejar o espírito, investigar os progressos da ciência e da técnica. Apreciar, de perto, a vida política e administrativa de povos de mais tradição, cujos hábitos e obras nos podem servir de modêlo. Sentir, com o coração, o caminhar constante das populações que se entrechocam, se entredevoram, mas têm o aprendizado da dôr. Sabem reagir e reerguer-se.

Nem tudo é bom e nem tudo é mau. Ambos se revesam para o aprimoramento da humanidade. Dêstes homens que sabem tirar proveito de uma encantadora excursão, à escoteira, João Alfredo é digno representante. Note-se que é médico ilustre, daí o seu magnífico "diagnóstico" de povos e cidades por êle conhecidos. Revelou-se fino observador e como não era, ainda, tornou-se bom escritor. Os seus apontamentos de um diário, "Uma excursão a Europa", trazem-nos a agradável sensação do novo, do convívio diário com gente extranha, do aprendido em longas horas de buscas seguidas de paciente meditação. O seu bom humor é notável. Êle não é um rapaz; tem, todavia, espírito jovem. Sua narrativa agrada a todos; é gostosa. Nós que não podemos dar-nos ao requinte de ir jantar no Rio, pura e simplesmente, nem tampouco ludambular por terras exóticas, ficamos gratos ao velho amigo João Alfredo, alagoano de origem, porém, paranaense de todo o coração.

Curitiba, Outubro de 1952.

x x x

Curytiba

(UMA PÁGINA DA "CHOROGRAPHIA BRASILICA", DE AYRES DO CASAL)

O nome Curytiba em língua Brazilica **Curutiba** formado de **Curú** pinhão, e **tiba** muito, comprehende quasi toda a commarca ou parte meridional da Provincia da serra geral para o Poente. O invernó começa neste paiz em Maio, e dura até Setembro com vento Austral; o Sudoeste he a mais frio. As arvores mais communs sam pinheiros Brazilicos: estes magestozos vegetaes formam extensas matas povoadas de porcos montezes, que andam em varas numerozas, as vezes de cem, e muito mais. As fruttíferas da Europa prosperam aqui melhor que as indigenas do continente. Ha figos, peras, maçans, ameixas, pecegos, marmelos, ginjas, nozes, castanhas. As oliveiras carregam de flor, e apenas frutificam. A mandioca, a bannaneira, o caffezeiro, o algodoeiro, e as cannas do assucar só prosperam em alguns sitios. As arvores do **mate** criam-se espontaneamente; e sam mui communs. O grande uzo, que desta bebida se faz na Provincia, e nas de Santa Catharina, e Rio Grande, e já adoptado por muita gente na Metropole, augura ao paiz outro ramo de commercio. Tem-se visto cachos de uva terral com seis, sete, e mais libras: ainda não se fez vinho, que preste. No anno de oitocentos e doze chegou da Europa uma grandissima quantidade de bacellos de diversas plantas no melhor estado que se podia dezejar: destinadamente para este paiz. Espera-se que muitas frutifiquem, quando não melhor, ao menos como no paiz natal; e que ao depois de reiteradas experiencias se consiga fazer-se vinho bom.

Os **Curytibanos** passam pelos mais apessoados, e robustos entre os Paulistas: recolhem abundancia de trigo, e milho com algum arróz: criam gado cavallar, e muar com grande quantidade do vaccum, de cujo leite fazem alguma manteiga, e bons queijos; e coalham-no ordinariamente com coalho de veado, cujo effeito he mais prompto, do que o de bezerrinho. As vaccas sam grandes, e dam maior quantidade de leite no verão; porém o do inverno he muito melhor: a porção, que no Estio dá quatro queijos, no invernó dá oito.

A maior parte dos creadores de gado dam-lhe sal: o animal, que está magro, recebe maior ração para engordar; o que anda gordo, tem-na menor, para que não desmedre. Ninguem cria cabras, cujas pelles fariam um ramo de commercio. Tem-se observado que as ovelhas começam a morrer depois de dez annos em qualquer sitio, onde pasten. Logo que se nota a molestia, que começa com a retirada dos animaes para a porta do dono, como pedindo-lhe remedio, he necessario mudallas para outra parte; ainda que não seja mais que uma legua distante, e cessa o contagio.

Fabricam-se **cochonilhos**, que sam uma sorte de pellucia grosseirissima com todo o comprimento da lan, a qual deve ser churra; e servem de colchão e de cobertura no inverno; e communmente para cavalgaduras: e vendem-se caros; ha-os de cores.

Ha neste districto minas de oiro, pedras preciozas, mineraes de enxofre, de pedra-ume, pedra calcaria, e de amolar.

x x x

Hino do Centenário do Paraná

Música do Maestro Dr. Wolf Schaia, Diretor do Grupo Experimental de Operetas Paranaense (Geopa)

Letra de Francisco Pereira da Silva, do Centro de Letras do Paraná e da Academia de Letras "José de Alencar".

Dedicado ao Excelentíssimo Senhor Doutor Bento Munhoz da Rocha Neto, digníssimo Governador do Estado e à Digníssima Comissão dos Festejos do Centenário do Paraná.

19 de Dezembro de 1853 — 19 de Dezembro de 1953

Salve, Estado feliz, gleba querida
que, pelo mundo inteiro igual não há;
onde os olhos abrimos para a vida,
excelso e idolatrado Paraná!
Neste dia tão belo e extraordinário,
alma voltada à pura luz dos céus,
pelo motivo do teu Centenário,
rendamos graças e louvor a Deus!

Estribilho:
Paraná das cachoeiras,
Dos imensos cafezais
E das matas altaneiras!
Oh terra dos pinheirais!

Nossas frontes ergamos, condoreiras,
eia, avante, corações sem mais temor,
mostremos a outras gentes estrangeiras
que sabemos vencer pelo labor!
Prossigamos, impávidos, triunfantes,
homens da mesma região gentil,
descendentes de heróicos Bandeirantes,
pela glória crescente do Brasil!

Paraná das cachoeiras, etc.

Um século de paz e liberdade,
saudemos hoje, todos, a uma voz;
cem anos de real prosperidade,
de ZACARIAS a BENTO MUNHOZ!
E do porvir seguindo os áureos trilhos,
cada um de nós, fiel, repetirá:
Oh PARANÁ, confia nos teus filhos,
são dignos de ti, oh PARANÁ!

La Ginecocracia - O gobierno de la mujer volverá la paz al mundo

Prof. FRANCISCO ORREGO RESTREPO
(Colombiano)

El los albores del mundo, cuando la semilla humana extendía sus simientes por todas partes, desde la meseta del Pamir, el tejado del mundo e el Asia menor, se empezó a hablar de derechos humanos, y fué entonces cuando nació el Gobierno del hogar, con el jefe de la familia al que se le dió el nombre de patriarcado.

Fueron surgiendo otros, como el derecho de promigenitura, de que nos habla la historia con Esaú y Jacob, el matriarcado luego, o Gobierno de la mujer, aun que con débiles contornos y en forma aislada; más tarde el derecho de propiedad se inició cuando quien cultivó una parcela o crió algunos animales domésticos y se llamó dueño de ellos.

Sigue poblándose la tierra por razas diversas aunque desgajadas de un tronco común, y su mediana civilisación y cultura, hize más notorio su desequilibrio, lo mismo que por sus costumbres y por los climas que habitaron. De allí surgieron la razas blanca oaria la amarilla o cobriza la mongolica india negra etc.

Se organizaron luego los Gobiernos, como una soberanía en representación de los pueblos y en una escala infinita hasta nuestros días se han ensayado las mas diversas formas; muchos gobernaron sus tribus o pueblos a nombre de sus antecesores o de Dios y surgieron entonces las castas, los imperios de reyes y monarcas, los soberanos, y conductores, patriarcas y profetas dictadores, reyes, conquistadores presidentes, democracias, imperios estados y Repúblicas.

Los sistemas económicos, las rivalidades en el comercio o en la industria, los sistemas filosóficos y especulativos, las ambiciones de los guerreros y conquistadores para el reparto del botín en los pueblos sojuzgados, y en fin, el usufructo del poder, dividieron a los hombres a las naciones y a los pueblos, habiéndo surgido entonces la formación de bandos o partidos políticos, de credos o confesiones, de sistemas filosóficos de academias científicas y sistemas de Gobierno. Vinieron también las guerras, locales o civiles, de unas tribus contra otras, de pueblos contra pueblos, naciones contra imperios, casi todas de caracter económico y con divisa política o religiosa.

Por ello, para ser más concisos y breves, podemos decir que la historia de la humanidad, es una larga cadena de luchas y de sacrificios, de abusos, despojos y crimenes, de incendios, destrucciones y sufrimientos. Cuántas civilizaciones que florecian en el más bello ideal de progreso, se derrumbaron para surgir otras, ... llenas de poder y de explendor. Pero la inteligencia humana, parece que no se aprovechaba de esa luenga experiencia, como que es ley ineluctable de progresar padeciendo.

En esas lejanas épocas tuvo su vigencia como código social, la ley del más fuerte, ojo por ojo, diente por diente, y fué balanza reguladora entre todos los pueblos al traves de muchos sigios. Los destinos del mundo, estuvieron entonces a merced de los guerreros y conquistadores, de los ambiciosos y de los perversos, y por ende muchos pueblos se vieron sometidos a la exciavitud, para lograr su existencia y no perecer por la destruccion, diezmados sus derechos y su patrimonio, porque enantes la libertad y la justicia, fueron almoneda ante los Tribunales del Estado.

Aunque la mujer fué considerada tambéin como exclava durante muchos siglos, tuvo tambien sus épocas de expiendor y de renacimiento, cuando el hombre se fué depravando arrastrado por los más abominables vicios. Esta, como faro de consuelo y esperanza en la eterna noche de dolor y desolación, surgió para el amor para la misericordia y el perdón. Manejó su hogar arruinado, con gallarda postura de matrona, fué al surco y tiró al semnila en espera de la opima cosecha; acudió a los extrados de la justicia, visitó el foro, predicó amor y caridad por todas partes y empuñó muchas vezes las riendas del Gobierno para colaborar en los asuntos del estado.

Demócrito, entre los griegos, fué un extraño maestro, que predicó a los que lo escuchaban entre sus conciudadanos, reglas del buen vivir, para un mejor Gobierno entre los pueblos y alguna vez decia: "Solamente vale la pena aquella sociedad que ofrece a la mayor parte del pueblo la máxima cantidad de dicha asequible, con la menor cantidad de dolor".

Protágoras, otro filósofo ambulante, que pertenecía a la escuela de los peripatéticos, porque enseñba deletiando, según lo define la clásica pedagogía, se proposo orientar a sus compatriotas, enseñandoles doctrinas semejantes a las de Demócrito, pero más revolucionarias, por lo cual era vigilado de cerca por la policía, como lo fué Cristo entre los Judíos. Decía qué "El hombre era la medida de todas las cosas, que la vida era tan corta, que no valía la pena de derrochar tanto tiempo en investigaciones sobre la existencia de los dioses y que todas las energías debían estar al servicio de la felicidad humana".

Y esa cultura que era el mayor florecimiento de una civilización saturada del más ático sabor, dió nacimiento a muchas escuelas filosóficas, que salieron del remóto ángulo del Mediterraneo y pasaron como por un puente de plata, a Roma, la ciudad eterna, que fué desde entonces la excedra del saber y el núcleo de mayor poder sobre los otros pueblos de la tierra.

Guerras santas, cruzadas, caballerías andantes, expediciones por mar y tierra, invasiones de numerosos ejércitos conquistadores, que llevaban la guerra la destrucción y la miseria a todas partes. La ciencia y el saber, difícilmente se refugiaron en algunas fortalezas y bastillos, conventos y monasterios, para surgir luego bajo el sol de la libertad, a derramar a caudales el tesoro de los conocimientos, de la ciencia y de la fé, hacia los cuatro puntos cardinales de la tierra.

Las monarquías dieron origen al supuesto poder divino, subuyugaron por muchos siglos a los pueblos, habiéndose perpetuado las castas, gracias a la ignorancia de las masas y así disfrutaron del poder, con todos sus gajes, de padres a hijos, por varias generaciones y lograron grandes riquezas, gracias a sus tiranías, por la exploración, las conquistas y las guerras.

Pero ni el mundo fué mejor con este aberrante pasado de abusos y oprobios; ni los déspotas, ni los reyes y monarcas, ni los emperadores ni sultanes, dieron la felicidad a su pueblo. Las dictaduras sirvieron a unos pocos, pero no fueron escala de perfeccionamiento ni de progreso. Ni socialismo, ni nacionalismo, ni comunismo, ni gobiernos de facto, con cariz divino, ni democracias. Ni sistemas partidarios, ni convivencias. Ni populismo, ni acratismo. Ni naciones unidas, ni confederaciones mundiales. Porque en todo, el hombre ha fracasado, y la paz perpetua, soñada por Kant y tantos otros pensadores y filosofos, como fior de redencion humana, sigue siendo un mito en esta era de progreso, saturada de civilización.

He aquí la obra del hombre, que es la historia de la Humanidad, en el decurso de veinte siglos de luchas, de ensayos. Civilización, ciencia y progreso acumulados por tan largo plazo de expiación y de martirio, son un trípode deleznable, que el mismo puede destruir en pocos minutos con el poder atómico de que ya hoy se sirve.

Pues si hemos errado el camino, si se ha fracasado en la lucha por conquistar un mundo mejor, es necesario reconocerlo honradamente y pronto. El centinela que no sirve, se releva. El gobernante que no acierta se reemplaza. Alimento que no nutre debe rechazarse. Remedio que no alivia, se veta.

El amor, desde la creacion del mundo hasta nuestros días, ha sido bandera de triunfo en todas las edades, en todos los pueblos y razas. Ya lo dijo el celebre Giordano Bruno: "No existe sino una religión verdadera y es la religión del amor universal". Grandes filosofos y pensadores de todos los credos y de todos los tiempos han confirmado este profético razonimiento, entre ellos Angel Silesio dijo: "El amor es el camino mas corto para llegar a Dios".

Si es cierto que el mundo se salvará por el amor, nadie mejor que la mujer para realizarlo. Si la mujer reina en nuestros corazones, si fisicamente es incapaz de arrastrarnos, con una mirada, con una sonrisa de amor, con una invitación suya, la habremos de seguir y tras ella dar la vuelta al mundo. E "amaos los unos a ehos de la mujer y casi todos los Gobiernos civilizados evangelio de perenne vigencia, consignado en casi todos los codigos de moral universal. El amor, es, en fin, la cadena que uniría a todos los pueblos del orbe.

Estadistas, sabios, profetas, filósofos y predicadores de todos los tiempos, han aportado el tesoro de sus luces, de su inteligencia y predijeron graves calamidades futuras, si los pueblos no volvían sus ojos a Dios a la tolerancia, al amor y la justicia que fueron siempre la trinidad como enseña de perdón y de confraternidad entre los pueblos, el único camino de superación espiritual.

Las corrientes feministas han venido luchando desde hace varios lustros por la conquista de los derechos de la mujer y casi todos los oGbiernos civilizados le han reconocido sus prerrogativas civiles, alcanzando éstas su participación en los Gobiernos, llegando hasta los parlamentos y a los diversos ramos de administración pública. Se colaboración ha sido eficáz y provechosa en la enseñanza, enn la asistencia pública y social, en la cruz roja, en las artes, en las letras, y en fin, en donde quiera que haza necesidad de un consuelo, de enjugar una lágrima, de ejercitar la caridad, de hacer el bien.

(Continua no próximo número)

Angelica Plaza

Escreve RAIMUNDO MARANHÃO AYRES
Diretor de NOVO MUNDO

A literatura uruguaia é pródiga de valores novos, como nos demais países, que não sejam de nosso continente ou mesmo de outros hemisférios.

Muitos são os legítimos valores que vêm surgindo na sua paisagem literária e artística e, na sua maioria, verdadeiras vocações, autênticos cultores dos belos versos ou das belas artes. E dentre essa pléiade de lídimas expressões da cultura do país vizinho, cumpre-nos destacar, aqui, a obra já amplamente divulgada e largamente louvada de Angélica Plaza, um dos nomes de grande evidência no panorama da literatura platina.

Figura de relevante projeção nas letras continentais, Angelica Plaza é ainda uma escritora muito jovem e mais que isso, um talento moço que, apesar de sua juventude, já se tornou conhecida através de sua obra, quer através da imprensa, quer como escritora de excepcionais qualidades. Se ôntem como organizadora e fundadora do Clube "Juventud Americanista", instalado na cidade de Melo no Uruguai, pôde mostrar sua capacidade intelectual, na direção da revista editada por esse instituto, em 1948, quando já residia em Montevideo, conseguiu obter o segundo prêmio no Concurso de "Teatro Nacional" com a sua obra "Hacia el Salto". Com êsse expressivo triunfo os estímulos se ampliaram; em 1950 ela publicava "El grito y la Eternidad", volume de ensaios que lhe valeu aplausos gerais da crítica de seu país e favoráveis comentários da imprensa estrangeira. Mas, possuidora de inteligência viva, cultura bem formada e dotada de qualidades que a recomendavam já como escritora consagrada e de largos recursos, apresenta-nos agora sua nova obra, seu novo sucesso literário, a novela "Hormiga y Estrella", obra essa também escrita que mereceu o prêmio no Concurso de Remu-

x x x

Vida moderna

ADALTO G. DE ARAUJO

As ruas da cidade estão fervendo:
Estudantes... mulheres... corretores...
Padres... guarda-civis... trabalhadores...
E turbilhão exótico e tremendo!...

Seus rostos, como páginas vou lendo
De olhos cansados de ver tantas dores...
Tudo dansa ao concêrto dos motores
No drama atual que nós vamos vivendo...

Eia! Lutar! Os que não lutam morrem...
Todos vibram febris e todos correm...
Algo os assusta como cruel grilheta...

Assim todos se vão de alma nervosa
E ninguém viu aquela pobre rosa
Que rolou sutilmente na sarjeta...

x x x

Canção dos Trilhos

ENO THEODORO WANKE

Eu sonho, tristonho, sentindo a cadência
das rodas de ferro nos trilhos de ferro,
marcando o compasso do meu coração
(Mas como é possível, se o meu coração
ficou com você lá naquela estação?)

A máquina vence a distância, mas eu
(O meu pensamento) não posso ir com ela...
A cada balanço, aumentando a distância,
aumenta a saudade em meu peito vazio.

Cadência de ferro com ferro, galope,
galope feroz de cavalos brutais...

Ao longe, as montanhas imóveis contrastam
com árvores loucas jogando corrida,
e o trem sempre alto, obrigado a engolir
coleios de prata por sôbre a aquarela
de campos, de matos, de morros, de rios...

A locomotiva vomita fumaça,
e apita um apito angustiado, angustiado,
resumo das dores de todos aqueles
que levam saudades de alguém que ficou,
bufando, bufando, furiosa, furiosa,
levando-me embora, levando-me embora
prá longe, prá longe do meu coração,
do meu coração que deixei na estação...

Bolívar

G. HUMBERTO MATA
(Ecuatoriano)

Bolivar levantábasé a la aurora,
se afeitaba y vestia con cuidado
cepillando sus dientes nimiamente
y enjuagándose la boca con el agua
del fragante malojillo quebrantado,
y al sereno dejado cada noche.
Este hombre conoce las penurias
de la guerra y azar de la fortuna.
Cuando puede, se tiende en buena cama
al calor de mujeres querendonas,
saturándose a pechos y alta carne
su sapiencia de biceps amorosos.
De no haber marejadas de caderas
ni culturas fundiéndose a la vida,
reposa en la impar ala del chinchorro
colgado a los luceros e ndos árboles,
o, si no, en la paja mulle el lecho
con el Llano arropándose en el raso.
De Bolivar no burlan los llaneros
y se admiran que a Páez le alleccione
en la pluma, el papel y la cartilla
donde el basto llanero silabea
lo que apunta el índice bolivar
en letra madrugada de emoción.
No le tildan como "hombre de la pluma",
porque ven que en sus manos es espada.
Sonriense pasmados y risueños
cuando dicta Bolivar sus oficios
a seis hombres que hacen de amanuenses.
Con sus manos no mas, come Bolivar,
y su tez socarrada por el sol
se abrillanta con risa familiar
que somete, y conquista los llaneros
fraternales en danza de mulatas
o al correr por el Llano tras venados.
Ni mejores jinetes del Apure
jinetean al potro con la gracia
de Bolivar que en sus manos lleva seda
para el firme galope infatigable
que al montado no mueve de la silla,
en el pecho es parejo el respirar
y los ojos serenos ven la tierra
en estampa de gemas movedizas.
Manos sedas pero alma de granito
al apoyo cabal de la conciencia.
Manos mares de hierbas y de brisa
que, no obstante, las lanzas las manejan
lo mismo con la diestra o con la zurda.

Pues este hombre, blanquito de caracas,
más que nadie en caballos ha montado,
y es por ello que cuajan los llaneros
expresas palabras de adhesión.
"hombre de hierro" llámanle admirados
que un mantuano resulte mejor que ellos
en eso de ceñir pierna a caballo
trashojando caminos por los cascos
en centellas de rosas de los vientos.
Este macho que desglosa canta pícara,
que pronuncia el refrán más atinado
y conoce aventuras de fantasmas
y arma horrisona y bronca interjección
que a los ríos parar hace de madre
y al aire, fulminado, detenerse...
Este macho ordenó sea fusilado
Manuel Piar que fue grande de los grandes.

Así, pues, los laneros en Bolivar
ven la Patria presente que gobierna,
sudándose en la tierra y en la sangre,
mereciendo la Vida en el agobio
de la fuerza templada en hombredad.
Y, entonces, los llaneros sienten Patria
Comenzando a crearla en cada poro,
en esquinas y quicios de sus huesos
en raíz de la lengua y las miradas,
en tuétano del alma cimentada.
Antípodas, dos hombres se juntaron
a que de ellos levántese la hoguera,
del crisol de la Patria redimida.

Santa Fé - Ponta Grossa

Antes que neste sílio dadivoso
Fósse a primeira casa construida,
Já existia um cruzeiro milagroso,
Enchendo o combro de esperança e vida.

E o Bandeirante, intrépido e ambicioso,
Que jornadeava há mêses, sem guarida,
Ajoelhava ante o símbolo piedoso,
Evocando a família estremecida.

Por Cabeza de Vaca ali plantada,
Quando o Brasil apenas era um mito,
A cruz foi várias vezes renovada.

Chamavam Santa Fé a encruzilhada
Que assinalava êste torrão bendito,
Povoado então por numerosa Indiada.

RIBAS SILVEIRA

Rocio

a LEÔNCIO CORREIA

Novembro. Festa do Rocio. Clangora
A exultação do povo em movimento,
E essas palmeiras trêmulas ao vento
São leques a abanar Nossa Senhora.

Evoca o sino os festivais de outrora...
Mortos se alteiam vivos um momento,
E é tão saudoso êsse enternecimento
Que a alma se alegra e, ao mesmo instante, chora.

Velho Rocio que o tempo não consome!
Fernando Amaro aqui consôlo hauria
Na crença augusta, se com fé rezava.

E aqui de Aroria quanta vez o nome
Disse às estrelas, quando o luar fulgia,
E às ondas disse, quando o sol raiava!

RODRIGO JUNIOR (Curitiba)

IL RAMAYANA

Il Ramayana — storia di Rama — è uno dei due più grandi poemi epici dell'India e si classifica tra le più belle opere epiche della letteratura mondiale. Il poeta Valmiki é l'autore della versione originale in Sanscrito che è stata scritta, si stima, nel terzo o quarto secolo av. Cristo. Il poema conta sette libri (Kandas) e 24 mila versi (slokas). Alcuni dotti pensano tuttavia che nel corso dei secoli siano state fatte alcune aggiunte alla versione originale di Valmiki.

Il Ramayana narra le avventure di Rama, figlio primogenito di Dasaratha, re di Ayodhya. Dasaratha decide, a causa della sua avanzata età, di nominare Rama a succedergli al trono. Ma Kaikeyi, terza e la più giovane delle mogli di Dasaratha, e madre di Bharata, ricorda al re la promessa fattale e chiede che il proprio figlio Bharata, sia nominato al posto di Rama. Dasaratha, quantunque profondamente afflitto da questa richiesta, decide di mantener fede alla sua promessa e di esiliare Rama nelle foreste.

Sita, moglie di Rama, e Lakshmana, fratello di quest'ultimo, accompagnano l'esiliato. Durante questo tempo, Bharata, il quale era assente quando sua madre aveva fatto la richiesta, è furioso apprendendo la condotta di quest'ultima, ed insegue Rama nei boschi per persuaderlo a ritornare ed occupare il posto al quale egli ha diritto sul trono. Ma Rama rifiuta e Bharata ritorna al palazzo con i sandalli di Rama, che pone sul trono. Allora egli governa nel nome di Rama dopo il decesso di Dasaratha, morto di dolore.

Ravana, re demone di Lanka (Ceylan), avendo sentito parlare della bellezza di Sita, la rapisce dopo aver con astuzia allontanato dal loro campo Rama e Lakshamana. Rama si allea allora con Sugriva, re d'Apes, e dopo numerose avventure riesce ad uccidere Ravana in corso d'una grande battaglia e a salvare Sita. Dopo di che, essi ritornano ad Ayodhya, dove Rama è incoronato re ed inizia un lungo e felice regno.

A parte la storia stessa il poema è pieno di riflessioni filosofiche e religiose. Oggi ancora, dopo tanti secoli, il Ramayana rimane sempre vivo nell'immaginazione del popolo indiano. Egli è divenuto parte integrante della vita popolare e della tradizione culturale. Si incontra soven e dei semplici contadini, che sono capaci di illustrare una verità citando un episodio del poema, o anche di recitarne alcuni versi che essi hanno imparati a memoria. Il Ramayana è stato tradotto in tutte le lingue indiane, e innumerevoli drammi e feste pubbliche vi si ispirano e lo mantengono così nello spirito del popolo indiano. Come dice il dotto tedesco Winternitz: "Il Ramayana è un poema di un popolo nel più vero senso della parola, e meglio d'ogni altro poema ha dominato durante secoli il pensiero e il genio del popolo indiano". Ancor oggi, per l'Indiano, Rama è la personificazione delle maschie virtù, del valore e dello spirito cavalleresco, Sita incarna tutta la lealtà e la devozione di una sposa, e il termine "Ramarajya" (regno di Rama) è sinonimo di condizione politica ideale per un popolo.

Alcuni dotti vedone nel Ramayana la storia della espansione ariana venendo dal nord e dirigendosi verso il sud. Ma qualsiasi possa essere la parte della storia e quella della leggenda, i fatti e la finzione sono così ben mescolati da divenire inseparabili, e l'opera tutta intera è divenuta in qualche maniera una storia immaginata. "Essa può non raccontarsi esattamente quanto è avvenuto, ma essa ci riferisce qualche cosa che è pure molto importante: è che le genti credono a quanto è passato, esse pensano quanto i loro eroici antenati erano capaci di fare, e gli ideali che li hanno ispirati. Così che, sia realtà o finzione, il Ramayana è divenuto un elemento vivo della vita del popolo, e questa lo spinge senza posa ad uscire dalla monotonia e dalla mediocrità della sua esistenza quotidiana, verso più alti domini, mostrandogli il cammino dello sforzo e della vita sana e forte, anche se l'ideale sembra lontano e difficile da raggiungere".

Prof. MIRTO DALL'ONGARO
(Nápoles, Itália)

El Acaecer de Nuestro Tiempo

El momento presente es fecundo en acontecimientos; jamás se vio tal cúmulo de fenómenos, descubrimientos, inventos, noticias de toda especie; en formas tal que apenas el mundo tiene tiempo de comentar, cuando ya viene otra y otra cosa extravagante, pasmosa, truculenta, dramática, trágica, que solicitan nuevamente la atención y que son el alimento de los días, el fundamento de la vida de hoy, la esencia íntima y profunda de nuestros tiempos, el acaecer vertiginoso como en ningún tiempo se vió.

En este tiempo, de esta calidad que mete apretadamente una cantidad inmensurable de cosas en el reducido continente de las horas, forzando su capacidad, por así decir, esta enmarcada la vida humana; está contenida en él y arrastrada por él incontenblemente.

Necesitamos estar a tono, a tiempo, con el acaecer horas de escasa capacidad, lo más que podamos, como quien va de viaje premioso y urgido, y necesita meter en un pequeño maletín lo más que sea posible para uso personal en su estancia fuera de casa. Mete y mete, y fuerza la capacidad de su maletín, pero no caben todas las cosas; muchas se quedan fuera y acaso, las que se van a necesitar. Pero si, dispuiséramos nuestro viaje con tiempo, se hallaría sitio para todo, acomodando con maña y precisión, con una especie de menuda sabiduria, todo cuanto necesitáramos. Así tendríamos la alegría de disfrutar plenamente de nuestro viaje, con la certidumbre de que nada nos faltaría, que de nada careceríamos.

Dejando el lenguaje metafórico para hablar de la realidad, es necesario que pongamos dentro del tiempo fugitivo de nuestros días lo más que se pueda; pero lo más que se pueda de lo útil, de lo esencial, dejando de mano lo accesorio, lo secundario, lo innecesario; dejándolo implacablemente por mucho que nos plazca, por mucho que hable nuestra vanidad, a nuestros sentidos; por mucho que halague la personalidad transitoria, la que ha de quedarse aquí.

Necesitamos estar a tono, a tiempo, con el acaecer vertiginoso y ser a nuestra vez una fuente de vertiginoso acaecer; de rápido sucederse de acontecimientos que dependan de nuestra voluntad, de nuestro trabajo, de la decisión de algo íntimo y profundo que dicta la conducta humana y que se llama conciencia.

Estamos colocados en un momento del tiempo, único, y privilegiado por eso mismo; tenemos que acelerar el ritmo por hacer caber dentro de las fugitivas horas, más actos útiles, más pensamientos fecundos, más formas que sean expresión de este pensamiento. Necesitamos, no vivir de prisa; de prisa estamos viviendo sin nuestro propósito deliberado; no; necesitamos viver intensamente, tan intensamente como se pueda para balancear la acción, con la rapidez del transcurir de los días. Y necesitamos elegir bien lo que hagamos; necesitamos discernir cuidadosamente lo bueno de lo malo; lo útil, de lo inútil; lo superficial, y frívolo e intranscendente y ocioso, de lo constructivo y nutrido de pensamientos positivos, como ejemplo, como estímulo a los que caminan junto a nosotros a los que vienen detrás. Pero necesitamos pensar y obrar con premura ansiosa, después de haber discurrido y decidido sobre el particular; con la premura sazurada de la firmeza del pensamiento, de la seguridad de la decisión, de la legitimidad de le eleccion. Poner en el maletín lo necesario, lo indispensable para ese viaje que todos hemos de hacer un día: poner aquello que significará ejemplo que seguir para los que quedan; voluntad perseverante y honrada para cumplir prolijamente un destino. No podemos poner en nuestro equipaje ninguna de las cosas que nos desprestigien en ese mundo desconocido hacia donde nos llevan todos los pasos que damos sobre la tierra! Ay de aquél que llena este fugitivo tiempo que se va inexorablemente para no volver, de frivolidad superficial; de actos negativos, contrapuestos al espíritu, de cosas intrascendentes que no benefician nuestra alma y que no constituyen ejemplo de bien! ¡Ay de aquél que desperdicia sus horas, sus días preciosos, como nunca lo fueron, en seguir las corrientes de la vaciedad, de la licencia, del desenfreno que pone su nota siniestra en la hora presente; ¡Esos seres llorarán un día lágrimas de sangre ante el tiempo perdido sin remisión, ante la salud destruída, la juventud perdida, ante las ruinas de su destino que no se pudo cumplir!

Los dioses no perdonarán, a los elegidos para una labor de bien, el olvido de su deber; el desprecio de las severas normas de la dignidad y el decoro: el declinar su alta supremacía, el arrastrar en la vulgaridad, en el vicio, la calidad del espíritu que no puede manifestarse que no puede protestar contra la decisión de la personalidad carnal que se empeña en ahogarle la voz aturdiéndolo con el griterío, con el barrullo del mundo.

¡Ay, sí, ay de ellos!

ANA DE GÓMEZ MAYORGA
(Mexicana)

A Sagacidade do Tamuatá

AGNELLO BITTENCOURT
(Da Academia Amazonense de Letras)

Não há dúvida sôbre ser o Rio Amazonas um dos maiores viveiros da ictiofauna do Planeta. Luiz Agassis ficou admirado das variedades que ali encontrou. Reuniu e estudou 80.000 exemplares, acreditando na existência de 1.800 espécies diferentes, número que o naturalista Charles Eigemnan (1891) reduziu, após investigações mais metódicas, para 498. Emílio Goeldi, do Museu Paranaense ,elevou para 513 essas espécies do Rio Mar.

No meio dessa quantidade, nota-se o interessante tamuatá (callicthys longifilis), roliço, medindo os maiores 20 centímetros de comprimento por 4 de diâmetro. De côr escura, lisos, os tamuatás têm, lateralmente, em perfeita simetria, uma orla de escamas espinhosas, grossas e salientes, que vão da cabeça à cauda.

Vivem em multidão nas águas mansas dos lagos e dos igarapés, onde haja pântanos pouco accessíveis aos outros sêres aquáticos e aos homens. Não se associam aos demais peixes, nem formam cardumes para subir o rio, na época da desova. Proliferam espantosamente. Dizem os caboclos da região que os tamuatás, quando se espantam em conseqüência do esturro das onças ou dos jacarés, fazem estremecer o lodaçal, como protesto à perturbação do silêncio em que se habituaram.

É admirável a sagacidade dêsse **argidae**, patenteando um sentido de previsão inexistente em outros peixes. Prova-se isto sobretudo no seguinte fato: nos verões muito prolongados — o que nem sempre ocorre na Amazônia — quando a embocadura dos lagos e igarapés não mais permite a evasão, os tamuatás, na certeza de ficarem sem água, abandonam o viveiro, o que fazem em um só instante, ganhando a floresta, no rumo do elemento hidrográfico mais próximo. Pelo meio da folhagem ressequida e acumulada no solo, depois de subirem os pequenos barrancos marginais, emigram meneando, encostados uns aos outros, podendo-se contá-los às centenas de milhares. Não erram a direção que o instinto lhes indicou, percorrendo alguns quilômetros por terra, até encontrar o novo abrigo, um pantanal que nunca se esgota.

Quando, por acaso, os habitantes da zona os surpreendem, nessa retirada estratégica, aproveitam o ensejo para uma grande provisão, pois, moqueados e cozidos no "tucupi" (môlho regional), os tamuatás constituem um manjar delicioso.

A fuga oportuna não deixa dúvida sôbre a alta capacidade de previsão da espécie. Além disso, é positivada a sabedoria do seu instinto na escolha dos lugares recônditos em que vivem. Considere-se, ainda, a solidariedade dos tamuatás na retirada em massa, não ficando um só retardatário no extenso abrigo ameaçado pela intempérie. Na execução da conduta coletiva, há como que um "entendimento", inspirado por um chefe e aceito, sem discrepância, por todos os membros da comunidade...

Leve-se em conta que os tamuatás não são anfíbios, mas exclusivamente aquáticos, portanto, de respiração branquial. Como podem êles suportar, fora dágua, em marcha forçada, coleante, algumas horas de avanço por terra?

Em rios da Índia e do Ceilão existem, também, em esconderijos pantanosos, os tamuatás, ali chamados **percas trepadoras**, visto subirem os barrancos na sua emigração em procura de outro tremedal. Na Amazônia, como naquelas regiões asiáticas, os tamuatás fazem-se répteis, quando é preciso...

Rio, Setembro de 1952.

— x x x —

Un autor y una obra

(Especial para "TAPEJARA")

Por ANTONIO RODOLFO MOURA

Vicente Blasco Ibañez fué romancista y hombre público, nacido en Valencia en 1867, donde murió en 1928.

Aun estudiante en la Universidad de su tierra natal, se lanzó en la política y en el periodismo, y se le persiguió por sus artigos contra la monarquía y por sus manifestaciones antirreligiosas.

Forzado a expatriarse esperó en París la anistia de 1891.

De regreso a España, publicó, en el año de 1896, "La Barraca", libro que tuvo gran éxito. Cediendo, cada vez más, a las influencias de la escuela realista francesa, y, particularmente, de Zola, Blasco Ibañez escribió romances sociales diversos.

Sus obras merecen la reputación que tienen, no tanto por sus tendencias filosóficas como por el poder de observación, por el colorido y por la vivacidad del estilo y por la vida intensa de sus personajes.

Em "La Barraca", el libro que aquí focalizamos, vuelven a aparecer las tendencias, las cualidades y las influencias de nuestro escritor.

"La Barraca" nos muestra la vida de las "huertas" valencianas. Es el centro-sud de España que se nos depara, a través de la pluma magnífica que nos describe el paisaje seco y caliente, la lucha ruda por sobrevivir, el amaño de un suelo que requiere todas las atenciones, todos los cuidados para él.

Es una vida llena de quehaceres la que lleva Pepeta, la esposa de Pimentó, mandria que divide la vida entre cazar pájaros con liga y beberricar y jugar en la taberna. Es un tipo que está muy bien presentado por el autor.

Con el mismo tipo bien definido ya no nos es mostrado don Salvador, el judío. Teniendose en consideración el tempo y el espácio en que la história se desarrolla, no se admiten con visos de "verdad cierta" algunos de sus rasgos de desamor al dinero...

Don Salvador, encuanto cuberto de jirones para dar una mejor impresión de su pobreza, procura recibir puntualmente las pesetas, todas, con sus altos juros, que le son debidos por el aforamiento de la tierra que le pertenece, desata, todavía, los cordeles de su bolsa a un pedido de Batiste, el nuevo arrendatario de las tierras del tio Barret... Y, tal vez solo por esto, Batiste fué odiado por todos en San Juan.

Pero Batiste luchó, luchó... luchó contra los hombres, sus vecinos, camponios como él; luchó contra la tierra, razón de su vida...

Aquellos le dieron un rosario de amarguras. De esta él no puede recibir todos los frutos. La maldición que pesaba sobre las tierras del tio Barret, cayó sobre él, implacable, trasbordando todos los odios que le tenían...

Es la muerte de sus animales. Es el incendio de su barraca, de su depósito de granos y de paja. Es la muerte, misma, de su "Obispo" — el hijo más pequeño...

Y la pluma magistral del escritor dándonos, bajo las cenizas de la barraca el final de una historia bien urdida, tráenos, también, el conocimiento de la vida de otros pueblos, en otras tierras y en otros tiempos.

Rió de Janeiro, 15-10-1952.

Rui Barbosa e a Questão Social

LANGLEBERTO PINHEIRO SOARES

Por ocasião das comemorações do centenário do nascimento de Rui Barbosa, tive o ensêjo de ler um artigo da lavra de eminente sociólogo, afirmando que o emérito estadista não se preocupou com a "Questão Social".

Nada menos exato.

Sinão vejamos.

Preliminarmente, cumpre ressaltar que a "Questão Social" com as caracteristicas de aspirações, anseios e reivindicações das classes operáras, surgiu, entre nós, com a eclosão da Guerra de 1914-1918, quando por fôrça das circunstâncias e por imperiosas necessidades, tivemos de dar grande impulso à nossa incipiente industrialização.

Até então éramos, pràticamente, um país de economia agrária.

Quando, com a guerra, de 1914 a 1918, se amplicu e se multiplicou a nossa indústria manufatureira e até nós chegaram os écos das insurreições e das reivindicações das classes operárias européias, vemo-lo, espírito clarividente que era, preocupar-se e interessar-se pela "Questão Social".

A oportunidade seria a luta pela sucessão presidencial que se verificou em virtude do falecimento do Conselheiro Rodrigues Alves, ocorrido em 16 de Janeiro de 1919.

Cogitou-se do seu nome como um dos possíveis candidatos.

Foi nesta ocasião que concedeu uma importante entrevista a um jornal de Pôrto Alegre, apresentando a "Questão Social" como maior motivo a justificar a reforma da Constituição. Disse: 'A questão social urge conôsco por medidas que com seriedade atendem aos seus mais imperiosos reclamos. Mas, como é que lhe atenderíamos nos limites estritos ao nosso direito Constitucional? Ante os nossos princípios constitucionais, a liberdade dos contratos é absoluta; o capitalista, o industrial e o patrão, estão ao abrigo das interferências da lei a tal respeito. Onde iria ela buscar legitimamente autoridade para acudir a certas reclamações operárias para limitar, por exemplo, as horas de trabalho? Esta atitude desassombrada e condizente com as nossas realidades sociais lhe valeu o veto a sua candidatura, por parte das fôrças políticas predominentes na vida nacional. Candidato em oposição a Epitácio Pessoa, na célebre conferência que realizou, no dia 20 de Março de 1919, no Teatro Lírico, do Rio de Janeiro, sob o título: "A Questão Social e a Política do Brasil", dedicada "às classes trabalhadoras", apresenta e defende um largo plano de reformas, referente a: 1º — casas de operários; 2º. — trabalho de menores; 3º. — horas de trabalho; 4º. — regalias às mães operárias; 5º. — acidentes de trabalho, condenando as falhas da lei vigente, inclusive a exclusão dos operários agrícolas o que "brada aos céus"; 6º. — seguro operário; 7º. — igualdade dos sexos ante o trabalho; 8º. — salário mínimo fixado por lei para menores; 9º. — vedação ou redução do trabalho noturno; 10º. — trabalho em domicílio, "uma das chagas doridas e alucinantes da vida industrial"; 11º. — garantia de salário durante certo prazo de gravidez e após o parto; 12º. — armazéns de venda aos operários", "estabelecidos em benefício dos trabalhadores, mas que, na realidade, não são mais do que aparelhos de escravização deles aos capitais, a cuja indústria servem". Em palavras candentes verbera a exploração dos armazéns agrícolas; "Assim também as contas dos operários rurais nos armazéns de venda, mantidos nas estâncias e fazendas, espremem os trabalhadores de campo na entrosagem de uma dependência que, se não é, nem o cativeiro, nem a servidão da gleba, tem, pelo menos, desta e daquela, as mais dolorosas características morais e as mais sensíveis derrogações da condição humana". Conceituando o trabalho nos seus justos termos, dizia, fazendo suas, as palavras do Presidente Lincoln: "o trabalho precede ao capital e dêste não depende. O capital não é senão um fruto do trabalho e não chegaria nunca a existir, se primeiro não existisse o trabalho. O trabalho é, pois, superior ao capital e merece consideração mais elevada".

No final da conferência afirma: "As nossas constituições têm ainda, por norma as declarações de direitos consagrados no século dezoito. Suas fórmulas, já não correspondem exatamente à consciência jurídica do universo. A inflexibilidade individualista dessas cartas imortais, mas não mutáveis, alguma coisa tem que ceder ao sôpro de socialização que agita o mundo".

E, peremptòriamente, se define pela democracia social.

Como judiciosamente acentua o eminente Doutor João Mangabeira, no seu conceituado trabalho "Rui — O Estadista da República", na "Questão Social", ninguém, no Brasil, viu tão cedo, tão largo e tão longe, quanto Rui, em sua época".

— x x x —

A Revolta dos Sapos contra a Estrela

No charco, verde, imundo, estagnado,
Jaz a torpe saparia,
Preguiçosamente,
Gozando, extasiada, a própria podridão...

No alto, no Céu, azul, imenso,
Talvez bem junto do Infinito,
Enfeita o firmamento linda estrêla,
Grande, brilhante, luzidia...

Ao vê-la, assim, ausente do paúl,
Refletir luz pura
Que não o falso fogo fátuo,
Vindo de cima,
Iluminar
O tremedal corrupto:
Assanhou-se, incomodada, a saparia!

Um sapo mais vivo,
Perfeito Sapo Chefe,
Refocilando-se na própria torpitude,
Chefia Batraquial Revolução,
Contra um sêr que só tem como pecado:
Viver no alto e brilhar a vida inteira!

Trocam-se planos para a torpe luta,
Segundo a própria bufanesca tática,
Vencendo o que sugere o mais ladino:

Em certo ponto, lá, no lodaçal nojento,
Tôda a comuna bufanhesca,
Reunida à voz do Sapo Chefe,
Espadanou membros,
Na fôrça vil
De que dispunha,
Na ânsia de salpicar
A estrêla, lá no Céu!

Quedaram-se cansados,
No espernear impotente,
Da lama contra a Luz,
Recebendo todos,
No dorso verde, liso,
Batraquial,
Tôda a lama que antes
Haviam levantado!...

....

No Mundo assim, na vida social:
Há muita gente que passa
Como sapo,
Lado a lado de quem vive
Como estrêla.
— Misérias contingentes desta Terra!...

MARIO LIMA SANTOS

EUCLIDES DA CUNHA

Como lembranças de meu pai, que guardo com carinho, estão duas obras — "A História de Napoleão, Imperador dos Franceses" e "Os Sertões" — constituem o que de mais precioso tenho em minha estante de leitor com tendências ao ecletismo.

A primeira, verdadeira raridade bibliográfica, pois que não a encontrei nas bibliotecas desta Capital, é da autoria do Dr. Emilio Germon, edição de 1847, da Tipografia Universal de Laemmert; a outra, felizmente bem conhecida do público brasileiro, é a célebre obra prima de Euclides da Cunha (5ª. edição corrigida), "edição definitiva de acôrdo com as emendas deixadas pelo autor". É datada de 1914.

Não sei porque, ao lembrar-me de interessar a Sociedade Brasileira de Filosofia, um pouco tardiamente embora, nas comemorações do cinquentenário da publicação de "Os Sertões", liguei ao nome de Euclides da Cunha o do grande córso, que enche todo um século com os fastos inolvidáveis da sua epopéia singular.

Será, talvez, porque sejam aplicáveis ao nosso genial patrício, certas referências feitas pelo citado historiador a Napoleão? Quando, por exemplo, nas "Reflexões Preliminares", escreve Emilio Germon: "Criando Napoleão, acumulou a natureza seus dons sôbre êste sêr privilegiado; poder-se-ia dizer que ela quis honrar a espécie humana, deixando ver por uma vez quantos talentos podia um mortal em si reunir, e o grau até onde era possível que se elevasse o gênio; criando Napoleão, assinalou a natureza os derradeiros limites do espírito humano e do seu poder; **um só** homem lhe mereceu quanto a fortuna outrora liberalizara a Roma"; quando assim se exprime o historiador de Napoleão, percebe-se que não foi simplesmente ao gênio do guerreiro que êle quis referir-se, mas ao talento enciclopédico de um homem que entendia de tôdas as cousas concernentes ao âmbito moral e intelectual do planeta.

Ora, Euclides da Cunha é também, incontestàvelmente, do ponto de vista da moral e da inteligência, um homem completo, cuja visão intelectual pôde abranger a totalidade dos conhecimentos humanos, nada mais lhe restando a assimilar no âmbito planetário.

Sei que muitos dos meus confrades vão estranhar esta linguagem; mas devem convir que sòmente nos podemos exprimir com sinceridade, estando de acôrdo com os princípios filosóficos que individualmente adotamos.

Pois bem, se, na célebre experiência de Charcot, em 1860, na Salpetrière, Platão escreveu, pela mão da analfabeta Alcina, que Napoleão fôra Alexandre e fôra César já tendo, antes de sua vida heróica na França, desempenhado grandes missões na Terra, havendo passado para uma ordem de sêres mais perfeitos, como sejam os habitantes de Saturno, onde se achava encarnado à época daquela experiência; lícito nos é dizer de Euclides da Cunha, embora conjecturalmente, que tenha podido êle ser antes um Cícero, um Padre Vieira, sublimando-se no estilo, até ao ponto de constituir-se, como se poderia dizer, parafrazeando Ruy Barbosa, o **deus terminus** das letras brasileiras, a tal ponto elevando-se na escala da inteligência humana, que lhe haja transcendido os limites, para estar presentemente encarnado em um dos mundos superiores à Terra, que rolam no infinito do Cosmos.

Por mais extensa que seja a bibliografia sôbre Euclides da Cunha (atingem a 350, segundo Venâncio Filho, os estudos a respeito do grande brasileiro), ainda não se disse o que sobretudo importaria dizer com relação às insígnias da imortalidade, conquistadas pelo colaborador do Barão do Rio Branco. É que a vida e a obra de Euclides da Cunha revelam nele a superioridade moral, a par de desenvolvimento intelectual, perciência e intuição, característicos dos sêres que estão terminando o ciclo das existências em nosso mundo, para se alçarem a outras esferas que oferecem mais amplas perspectivas ao descortino mental.

Cumpriu êle, na terra, sublimada missão; teve, no planeta, a sorte dos que lhe transcendem as contingências, porque incompreendidos pelos terrícolas, como o foram Sócrates, Napoleão e tantos outros e, acima de todos, o próprio Cristo. O mundo não tolera os que se não amoldam às suas exigências e resistem à prepotência da época.

Revela Euclides, especialmente em "Os Sertões", o seu saber enciclopédico. No exame das condições etnológicas da gente brasileira, ninguém tanto se esmerou, como êle, em esmerilhar, dentre as teorias, a que melhor se coaduna com a nossa realidade demográfica. Aceitando o autoctonismo das raças americanas, profetiza com relação ao Brasil: "Predestinamo-nos à formação de uma raça histórica em futuro remoto, se o permitir dilatado tempo de vida nacional autônoma. Invertemos, sob êste aspecto, a ordem natural dos fatos. A nossa evolução biológica reclama a garantia da evolução social.

Estamos condenados à civilização.

Ou progredimos, ou desaparecemos". ("Os Sertões", 5ª. ed., p. 70).

Todos os que têm perlustrado essas páginas ficam apenas deslumbrados com o estilo. Precisamos descer mais fundo no pensamento filosófico do esteta incomparável da prosa. Euclides da Cunha não empregaria expressões arrojadas, por amor à beleza da forma: é preciso recorrer, não apenas à sintaxe, à estilística, para compreendê-lo; mas, sobretudo à etimologia.

Êle bem sabia o que queria dizer com aquela expressão contundente: "Estamos **condenados** à civilização".

É que, descendo ao âmago da questão social, que já no seu tempo se apresentava complexa e de solução dificílima, teria notado que os autóctones americanos, ainda em sua fase pre-histórica, haviam sabido resolvê-la muito mais sensatamente do que as raças supercivilizadas que dominam os povos da terra. Êste fato põe-no ainda agora em destaque Heloisa Alberto Torres, no seu magnífico trabalho de colaboração para o "Jornal do Comercio", edição de 3 de outubro último, quando afirma: "É de causar pasmo a antropólogos e nutrólogos o caso dos Xavantes, bem conformados e desenvolvidos, robustos, armados de dentaduras perfeitas e ilesas, nascidos em pleno serrado inóspito onde o civilizado só se poderia fixar mercê de uma série de providências prévias que importariam em aplicação financeira vultosa. Mas a cultura xavante engendrou meios de subsistências; criou elementos e praticas que não só lhe permitiram viver como fazê-lo resistindo à permanente ameaça que as penetrações dos civilizados tem constituido para êles durante centenas de anos. Impõem-se à admiração, fazendo jús a figurar no quadro de uma civilização."

Quer isso dizer que, simplesmente para resolver nossos problemas econômicos, não precisaríamos jamais sair dos limittes da cultura autóctone que tão sàbiamente, ainda em nossos dias, vive na plenitude de suas boas regras de esmagadora superioridade em confronto com as complicadíssimas disposições legais dos civilizados, as quais, entretanto, não bastam para evitar as calamidades a que nos achamos cotidianamente expostos!

E do que se cuida essencialmente no mundo, senão de questões econômicas?

Têm elas prevalência tal, no cômputo das atividades coletivas ou individuais, que as sociedades de cultura, como a nossa, gravitam em órbita remotíssima, com relação ao sol dispensador das graças oficiais para todo o sistema planetário social, como insignificantes planetóides, obscuros, inhabitados, mortos...

"Estamos condenados à civilização"! Que quer isso dizer no pensamento de Euclides da Cunha? Porque razão "ou progredimos, ou desaparecemos?"

O homem não foi criado ùnicamente para viver como os **mujiks** da Rússia, adstritos a um regime de férreo materialismo, que tanto mais se agrava quanto mais a civilização avança, transformados em autômatos no seio de um mecanismo social de que se convertem em simples peças inconsistentes.

Fôra êsse o objetivo da civilização e desesperaríamos do nosso futuro, para amaldiçoar a hora em que Colombo aportou às terras americanas, pois que muito mais tranquilamente haviam os nossos aborígenes resolvido o problema social, adstrito à parte econômica: assim depõe com a sua autoridade a Diretora do Museu Nacional.

Se estamos, portanto, condenados à civilização, para subsistirmos como povo livre, quer isso dizer, no pensamento de Euclides, a julgar pela sua pujante mentalidade, que devemos educar-nos, recristianizando-nos, tornando-nos homens de elite, aperfeiçoando-nos, emancipando-nos dos estigmas da hipocrisia, para vivermos como filhos de Deus, amando-nos uns aos outros, não presos unicamente, como os selvagens, a interesses, a solicitações materiais, como índice de um estado primário de vida, mas aos interêsses superiores do espírito, para a vida imortal.

Civilização quer dizer ilustração, educação. Sobretudo educação.

A Ciência já disse, com o exprimir essa necessidade incoercível do homem, de emancipar-se das atrações do instinto, a sua última palavra sôbre o gravíssimo problema, pôsto por Euclides da Cunha nos seguintes têrmos, no já citado trecho de "Os Sertões": "Ou progredimos (e o progresso, para os civilizados dignos desse qualificativo, é sempre no sentido do desenvolvimento espiritual, dizemos nós), ou desaparecemos".

Se "ali estavam, escreve êle, no penúltimo trecho do livro em questão, no relêvo de circunvoluções expressivas (do crânio de Antônio Conselheiro, quer dizer, nos de todos os ignorantes e baldos de educação), as linhas essenciais do crime e da loucura...", pode-se também afirmar que, "para as loucuras e os crimes das nacionalidades...", consistentes em só se pensar na solução dos problemas econômicos, com exclusão do bem-estar espiritual dos povos, existe não um Maudsley mas o Cristo que do fundo de vinte séculos, concita os dirigentes dos povos a adotarem para código das Nações, a fim de fazer a felicidade dos homens, os seus santos Evangelhos.

O Cristo, porém, ainda continua crucificado nos corações...

Teria sido êsse o pensamento de Euclides?

Por vêzes sacrificou êle a clareza à refulgência do seu estilo; mas parece-nos que, adotando a teoria de Maudsley, de que há **doentes** e não criminosos, teria querido dizer implicitamente que, para salvar a humanidade, sempre se deve fazer apêlo Aquele que veio para curar os que precisam de médico...

Apontou o caminho, indicou a solução do problema e deixou-nos.

Euclides da Cunha vive agora na saudade dos nossos corações, porque em verdade deve estar nalgum mundo melhor.

Sociedade Brasileira de Filosofia, 11 de novembro de 1952.

ARNALDO S. THIAGO
(Rio de Janeiro)

PLACIDAMENTE

OMAR L. GONDIM
(Da Academia dos Estudantes de Fortaleza, Ceará — e do Centro Cultural "Euclides da Cunha.")

Quando um relâmpago fende repentinamente as nuvens e nos deslumbra, ficamos sempre à espera do resultado, palavras de um amigo ilustre. Qual deles? O silêncio.

Tudo se faz representar dentro do organismo essencial.

Qual o verdadeiro significado do termo: "Plàcidamente pela vida iremos..."

O mundo é uma estranha mistura de fôrça e intensidade. Aquilo que desfrutamos hoje, se converte em abismos amanhã. Duvidam?... Vocês são umas crianças. Nada de temores. Nada de sentimentos contraditórios. Eu comungo. Eu estou aqui e lá. É isento da morte... o que é livre e feliz.

De nada resultam as calamidades, de nada valem os protestos contra a verdade. Fazemos ou não fazemos. A penúria expressa o que? Embaraço. E o que é o embaraço?... Atrazo. E por que? Porque negamos a nós mesmos. A integridade da existência é feita de luz. Das trevas surgem as catástrofes... Plàcidamente. Nós, os experimentados, dizemos: Cada um deve procurar aquilo que lhe convém...

Aquele que discorda com rapidez, perde sempre. É preciso tino. Do cáos aparece o cáos. De nada valem os instrumentos... se não dispomos de elementos.

A ordem é exata. A sabedoria dispensa normas passadas. Viver significa poder. Da posse verdadeira nasce o equilíbrio. A felicidade, meus amados, é filha única de Deus. Sòmente em Deus reside a legítima compreensão. Que é o universo?... Paz. Glória a todos os pensadores! Viva a imortalidade! A fúria é perigosa. A capacidade do amor é infinita.

Aquilo que muitos aplaudem, o homem sensato observa... Plàcidamente. Aquilo que percebemos em conjunto, gastamos em luminosidade. A esfera da vida é intransponível.

Ama-me?... Eu Sou.

"Plàcidamente... pela vida iremos..." Coragem!

x x x

Paranaguá

DURVAL BORGES (Curitiba)

Destemida colmeia ao sol doirado
Cantando à luta que o viver desperta:
Berço dos Carijós de peito ousado,
Prófugos nunca na peleja incerta;

Cidade-tradição erguida ao lado
Da Serra que o auge aos cúmulos oferta,
O rosto sôbre o oceano retratado,
E a alma na ardência da bondade aberta!

Mas o que mais te exalto aqui, ó urbe
Laboriosa desde épocas longevas,
É o teu progresso atual! Não há o que o turbe.

Avanças! Luz o teu valor deflagra!
E se em beleza cresces, mais te elevas
Na torre do saber que te consagra!

Proto-História da Literatura Brasileira

A PROTO-HISTÓRIA DA LITERATURA BRASILEIRA está, ainda hoje, inteiramente desconhecida. Quando os portuguêses aportaram às nossas praias, após a descoberta de Pedro Alvares Cabral, no comêço do século XVI, precisamente na manhã de 21 de Abril de 1500, só tiveram uma preocupação :- meter ombros à exploração da terra na ânsia infinita de grangear fazendas. Assim, percorreram-na ao longo da costa, desde os pampas do Rio da Prata, até à fóz, e, além, do Rio Amazonas, até à embocadura do Oyapock. Nêsse trecho, o litoral e o centro estavam povoados por numerosas tribus indígenas. Tôdas elas, aguerridas e valentes, eram oriundas de um mesmo tronco étnico, falavam uma só língua, tinham os mesmos costumes e estavam no mesmo gráu de **cultura neolítica**. Sonhadores e **fetichistas**, possuiam mitos idênticos, celebravam festas religiosas e guerreiras, cantavam e dançavam ao som de músicas dolentes durante as **dabucuris**. Mas, embora assim, tôdas elas se desmembravam fragmentadas em aldeiamentos aglutinados, distintos uns dos outros, com denominações múltiplas, etnològicamente características, como a recordar o desmembramento do **clan primitivo**, sob o nome coletivo de Tupís, como ostentam os seus **caxirís**.

Em conjunto, a vida social indígena é uma sequência de factos materiais, comuns, que o tempo vai desenvolvendo ao sabor de um processo evolutivo, natural, por demais lento. Daí por que a sua atividade psíquica é, ainda, uma modalidade primária do homem florestado, vivendo sem que o saiba, o decalque da própria natureza bravia, revoltada e desmensurada, que o cerca e o esmaga por todos os lados. Como a terra em que vive, nêle tudo é grande, desde o ímpeto de sua valentia ousada e destemerosa, até a dedicação cega e fanática a que se dá de corpo e alma, nas suas afeições sentimentais. Livre, inteiramente sôlto, dono absoluto da selva, dos lagos e dos rios, não conhece outro Senhor, e tôdas as coisas e sêres que se encontram nas matas e nas águas são de seu domínio. A liberdade plena é o apanágio da vida individual do índio, que êle realiza ao seu modo, integrado, porém, à comunhão **igualitária da tribu**. Leal até o sacrifício, ama sobretudo a mulher e os filhos, preso a uma fidelidade que desafia confronto, no que oferece, mau-grado o seu selvagismo, uma alta ressonância moral, em tudo semelhante ao sentimento de valôr e bravura com que se exibe, fatalista, desprendido e heróico. As suas concepções **literária**, **orais**, perdem-se no dédalo dos rios, na umbrosidade verde das florestas, no infinito azul dos céus, ao lado de um **fabulário** imenso, rico e original, que o põe, desde logo, em destaque pelo fundo anímico com que o seu pensamento vive e encarna os dramas brutais da natureza. Daí, por que, para êle, todos os sêres são espiritualizados, nasçam e vivam no seio profundo das águas, no soturno medonho das matas, ou se pressintam no azul imáculo do Céu.

A história de sua própria origem êle a deveu de seus maiores, que um dia a viram surgir como um milagre da criação, arrancando-a do fundo revolto de **Urubuquára**, a jusante da cachoeira, precisamente de dois enormes buracos cavados na pedra, pela erosão constante e violenta das águas. Do primeiro, à direita, desentupido, nasceu o índio **Bom**; do segundo, à esquerda, ainda entupido, nasceu o índio **Máu**. A lenda dessa singular origem íncola envolve, com o mistério da **fauna** terrestre e ictiológica, a mais bela e comovente epopéia do gênio criador selvagem.

O primitivo íncola, descendente do socalco da pedra mal emergida das águas da cachoeira, guarda, como uma energia atávica, ainda hoje, a fôrça dos rebojos em que se banhou pela primeira vez. O índio de **Urubuquára** é, pelo plasma de sua constituição étnica, o famoso herói lendário, das lutas de **Kapsámo**, de cujo poema épico êle se faz guerreiro e vencedor. **Bôi-uaçú**, o monstro sem pés, que anda coleando de rôjo e de que descendem tôdas as **Bôi-unas** e **Bôi-tatás**, depois de pelejar durante quatro dias e quatro noites, foi afinal abatido no cimo da **Serra do Tucano**, muito além de **Jacaré-Kapoámo**.

Esse alucinante poema fluviônico é o maior que nos oferece a natureza brasílica, quanto à valentia e resistência do **homo-brasiliensis**. Igual a êle, só avulta, em grandeza, a história da **lingua tupi**, por isso que é com o seu domínio que se estabelece o poder político das tribus. É o **nheêngatú** que forma a unidade étnica do pensamento aborígene, dá coesão e perpetuidade aos bandos, procurando fixá-los fora da vida nômade, prendendo-os ao sólo pela criação e organização da família, construção de suas **maraócas** e constituição política do **Tuixauára**, regime em que ficaram as tribus no litoral e nos centros dos sertões, que povoavam, quando foi da chegada dos portuguêses.

Prof. **Adauto de Alencar Fernandes**
(Rio de Janeiro)

Guairacá

"ESTA TERRA TEM DONO"
Por JOAQUIM CARVALHO
(Curitiba)

Guairacá despertou. No rosto passa a mão
Procurando afastar da retina a visão!
A brisa remansosa afaga-lhe o semblante...
Ergue-se devagar... Inopinadamente
Fulge no seu olhar um brilho diferente
E estremece ao lembrar o sonho delirante!
Suspende a lança que postara ali na terra,
Pulsa-lhe o coração, o largo peito ofega,
E um grito infernal de revolta, ódio, guerra,
Trôa com estridor no campo e na macega!...

Ao grito de aflição mil vozes, em cascata,
Respondem, ao redor, lá no fundo da mata!
Repicam maracás e estrugem os borés
Num surdo baticum para a dansa guerreira
E, em tôrno ao fogaréu aceso na clareira,
Dansam, em ritual, cunhatãs e pagés...
Os toques dos tantãs são súplices mensagens
Levadas pelo vento ao vale, ao monte, à serra,
A todos os rincões, a todas as paragens
Da nação guaraní, anunciando a guerra!

Vêm do alto Atibagiba as hostes de Ibirú
Juntar-se no Ivaí ao povo Nhunguarú!
Gente de beira-mar, caçadores, campeiros,
Unem-se a Tubacai, Tabeté, Maendá,
E aclamam com delírio o bravo Guairacá
Como chefe e senhor de todos os seus guerreiros!...
Formam-se legiões de homens bronzeados
Que partem com destino às colossais cachoeiras
Buscando libertar irmãos escravizados
E impelir o invasor para além das fronteiras!...

Deu-se o primeiro choque! O chefe Tubacai
Derrota com fragor as hostes de Garay
E Ontiveros tombou com sua "comienda"...
Na vasta região dos campos de guaíra
Luta-se ferozmente e a nação delira
Ao estrugir do boré incitando a contenda!
Céleres, fendem o ar, mil flexas sibilantes
Guiadas habilmente em acertada rota'
Levando ao invasor de hostes vacilantes
Amarga provação — o travo da derrota!

Comanda Guairacá as grandes investidas
E ordena com mestria ardilosas sortidas...
Os inimigos são maus, frios, inclementes,
E têm sempre a favor as armas poderosas
Que cospem fogo e morte e abrem horrorosas
Chagas nos corpos nús dos bravos combatentes!
Pelos anos em fora a guerra continúa.
Lutam os guaranis sem esmorecimento
E a sorte do invasor ora pende, flutua,
Para o lado fatal de um aniquilamento!

Após sangrenta luta às vezes desigual,
Surge, enfim, o clarão da vitória final!
O inimigo fraqueja e denota cansaço,
Falta decisão às mercenárias coórtes
E as índias legiões, cada dia mais fortes,
Castigam sem cessar seu terrível baraço!
Já não tem segurança o forte, a paliçada,
O brasilíndio luta, indomável, bravio,
Obrigando o invasor à fuga, à retirada
Através da fronteira — além do grande rio!

Entoam os pagés seus cânticos de glória
E os guerreiros em côro o hino da vitória!
Estrugem os borés em derredor da ocara...
Numa viva algazarra e gritos ululantes,
A alegria transborda em todos os semblantes
E a chicha corre franca em copos de taquara...
Logo cessa o clangor e emudece o tantã
Numa prece aos heróis que tombaram na guerra
E a massa prosternada invoca ao deus Tupã
Pela paz que de novo esparziu sobre a terra!

Falsa influência africana

Um aspecto sugestivo é a controversia sôbre os ciclos africanos e amerindios do Jabutí. Couto de Magalhães e Carlos Frederico Hartt registaram estória do jabutí amazônico, cheio de citações, preferido, favorito pelos tupís. N'Africa, a tartaruga possui uma extensa literatura oral, no baixo Niger, na Costa dos Escravos, a **awon**, ajapá, fada calva, invencivel, sem escrúpulos e recalques. Os negros norte-americanos contam as façanhas do mesmo quelônio, **terrapin**, e **B'er Cooter** dos Estados meridionais dos Estados Unidos. Nina Rodrigues aproximou êsses modelos. O jabutí viera, em sua fama, com a memória negra ? Ou o negro levara o jabutí americano para Africa ? Hartt começou escrevendo :- "Uma questão tem sido levantada, se muitas das lendas que tanto se assemelham com as fábulas do Velho Mundo, não podiam ter sido introduzidas pelos negros; eu, porém, não vejo razão para entreter esta suspeita, porque elas estão muito espalhadas; a sua forma é inteiramente brasileira, são mais numerosas justamente nas regiões em que não há negros ou em que os há em pequena quantidade, e além disso, elas aparecem, não em português, mas em língua geral". Uma N. da R., à mesma, p. 136 (114), agitou a questão :- "Isto foi escrito em 1875. Depois, o professor Hartt encontrou no Rio de Janeiro um africano recém-chegado, que lhe contou lendas de animais idênticas às dos índios civilizados do Amazonas. Êste homem, vindo de uma colônia inglêsa, falava inglês e a sua própria língua africana, mas nada falava de português, de modo que êle não podia ter aprendido as lendas no Brasil. Êste fato vem fortalecer as dúvidas que o professor Hartt mostra no texto quanto à origem indígena das lendas de animais encontrados no Amazonas".

O prof. Artur Ramos estuda o problêma e decide :- "A melhor solução é aquela que foi aventada por Herbert H. Smith, autor do **Brazil and the Amazonas**, quando afirma que uma cousa é certa — e é que as histórias de animais contadas pelos negros das plantações nos Estados Unidos e no Brasil são de procedência africana. Se êstes contos têm longínquas origens, dos árabes, dos antigos egípcios, dos turianos (aos quais já quiseram filiar os nossos índios); e se, de outro lado, os índios tomaram dos negros êsses motivos, são ainda caminhos cheios de hipóteses (115). O mais certo é que tocamos num mesmo motivo existente, ao mesmo tempo, em povos diversos, fenômenos tão comum nos fatos do Folclore (116). Nina Rodrigues (117) examina a hipótese do ciclo ter sido levado pelos negros libertados da escravidão no Brasil. Como há identidade de assunto e exposição no Brasil indígena e nos negros da Costa dos Escravos, não se admite senão uma origem. Não tendo o africano nenhum contáto com o amerindio selvagem, podia ter recebido os contos indiretamente pelos Negros americanos que voltaram à Africa. Além das emprêsas norte-americanas de repatriação dos Negros, já vamos neste livro que, sobretudo no século XIX, foi grande o êxodo do liberto brasileiro, principalmente para a Costa dos Escravos. Êstes Negros tinham, nos engenhos e plantações, convivido largamente com a população mestiça brasileira, e poderiam assim ter levado para a Africa os contos questionados." A impossibilidade da comunicação dêsses negros com os indígenas selvagens "e sim com o elemento indígena da nossa população compósita" invalida a sugestão. Nina é partidário da origem africana. O jabutí é uma versão da fada calva, **ajapá**, com suas peraltices contadas pelo coronel Ellis.

Essas fábulas foram tomadas no século XIX. Couto de Magalhães e Hartt não ouviram um só exemplo repetido em português. Nem as conheço nas pesquisas feitas em vinte e cinco anos. As fontes literárias, para citação, reprodução, plágio, adaptação, são êsses dois autores, descobridores do jabutí no seu ciclo de vitórias astuciosas. O africano foi muito bem recebido pela indiada, especialmente pelas mulheres, afirmou von Martius. Viveu em quilombos escondidos, perto das tribos indígenas, em plena política da bôa vizinhança inalterável. Deixou muito curiboca valente. Influiu nas danças e nos ritmos. Martius regista essa influência. Podia, perfeitamente, ter contado as estórias das tartarugas africanas e esta determinado o nascimento das aventuras do jabutí amerindio. Problema é que essa voz africana só tenha contado as estórias da tartaruga africana aos ouvidos tupís. Dissolvido nos canaviais, nas "bandeiras" de ouro e prea de indiaria, representado pelo amavio sensual das mucamas, mães-pretas dominadoras em sua doçura inapagável, contadeiras inimitáveis de estórias e semeadoras de assombros na sombra das varandas das casas-grandes, o africano só ao indígena julgou auditório na altura de entender e gostar da tartaruga, **awon**, ajapá. Essas fábulas que o africano teria narrado ao indígena não passam nas vozes mansas e sussurradas das velhas negras, adormecendo crianças de tôdas as côres e tamanhos. Se o negro ou a negra contou ao amerindio, repetiria ao português, menino de qualquer idade, sempre doido pelas estórias do Trancoso, das Fadas e das maravilhas. O jabutí, entretanto, permanece copyright by indigena...

Prof. **Luís da Câmara Cascudo**
(Rio Grande do Norte)

Impresso na
Montes & Pereira

Aspecto Fisico do Paraná

(TRECHO DA CONFERENCIA DO SNR. CORONEL LUIZ CARLOS P. TOURINHO)

1 — Antes de abordarmos pròpriamente o estudo do Plano Rodoviário, é de tôda conveniência que nos ambientemos, preliminarmente, com o aspecto físico do território. Ficaremos conhecedores das dificuldades que o relêvo irá antepôr à consecução dos nossos objetivos; da maior ou menor permeabilidade das linhas fisiográficas; da articulação dessas linhas com o mar.

Se no estudo da geografia física, geógrafo e geólogo — no dizer de Paulino Franco de Carvalho — se emparelham, porque ambos estudam a estrutura da crosta terrestre, o primeiro para compreender o relêvo e o segundo para explicá-lo, poucos territórios apresentarão tão nitidamente essa íntima ligação "subsolo-relêvo", como o trato da terra compreendido entre os rios Paranapanema e Iguaçú.

Geològicamente o território paranaense é constituido de um embasamento de rochas cristalinas de idade arqueana, que afloram na Serra do Mar e em certos trechos dos Campos Curitibanos. À leste desaparecem sob fina camada de sedimentos quaternários que formam os mangues e as areias do litoral; a oeste, mergulham sob espesso pacote de rochas sedimentárias, devonianas, permianas e triássicas. Entre o arqueano e o devoniano, ao norte de Curitiba, há uma formação metamórfica de idade algonquiana; sôbre os sedimentos triássicos da série de São Bento, espesso lençol de eruptivas básicas, que cobre todo o norte e oeste do território; ao noroeste, sôbre o lençol de trapps, depósitos jurássicos de arenitos de Caiuá.

Concomitantemente, o território apresenta uma sequência de degraus, de leste para oeste, correspondendo a cada degráu, uma idade geológica, como se observa a seguir.

1°. degráu — Quartenário — Planície litoreana;
2°. degráu — Primitivo — Planalto curitibano;
3°. degráu — Primário — Planalto dos Campos Gerais;
4°. degráu — Secundário — Planalto Guarapuavano.

Repete-se, portanto, para o interior, a diretriz geral da linha costeira, o relêvo comparado aos degraus de uma escada que não sobe — na expressão de Delgado de Carvalho porque os diferentes planaltos vão perdendo altitude à medida que avançam para o interior, como se fossem vagas orográficas solidificadas que se sucedem na direção do poente. A cada planalto se antepõe uma linha de relêvo, de forma que o território é cruzado por três grandes linhas de relêvo paralelas à orientação da costa. São elas:

1ª. — Serra do Mar.
2ª. — Escarpa devoniana da Serrinha.
3ª. — Escarpa da Serra Geral ou Serra da Esperança.

Interessante é que, não obstante gozarem do privilégio de linhas de maior relêvo do território, não coincidem com os divisores d'água. O diastrofismo terciário, último que se produziu em sôlo paranaense, não só quebrou o Gondwana como desarticulou o primitivo sistema de drenagem, inclusive, abrindo para a Ribeira de Iguape uma passagem para o novo litoral. Na atualidade o divisor geral assenta sôbre a Serra de Paranapiacaba; bordo superior da escarpa da Serrinha, de Tronco a Purunã; divisor Iguaçú-Ribeira, de Purunã até a Serra do Mar; finalmente crista de Serra do Mar, do divisor mencionado até o limite com Santa Catarina, excepção feita na brecha de São João de Cima. Assim sendo, a Serra do Mar é transposta pelo Ribeira, ao norte, e São João ao sul; a escarpa devoniana da Serrinha é perfurada pelos rios Iguaçú, Pitanguí, Iapó, Itararé e outros de menor vulto; a Serra Geral é vencida pelos rios Iguaçú, Ivaí, Tibagí, Cinzas, Laranjinha e Itararé. Foi sob êsse novo regime de drenagem, subordinado a dois níveis de base principais — Atlântico a leste e rio Paraná a oeste — que o território paranaense passou a ser esculpido pelos agentes da dinâmica externa, a partir do jurássico.

2 — Examinando-se, um a um, planícies, planaltos e linhas de relêvo, concluimos:

1 — Planície Literânea: Constituida de areais e mangues é cruzada por espigões da Serra do Mar — únicos obstáculos altimétricos ao desenvolvimento de bons traçados.

Balizam as baías de Guaratuba, Guaraqueçaba e Paranaguá, porém, para nossa felicidade não se interpõem no caminho do pôrto de Paranaguá.

2 — Serra do Mar: É um obstáculo de difícil transposição, por duas razões, a saber:

a) — De ordem topográfica: desnível de 900 metros entre as gargantas menos elevadas e a planície litorânea.

b) — De ordem geológica: constituida de gnaiss e granitos que oneram sobremaneira o custo da construção.

3 — Planalto Curitibano: Neste planalto há dois antagonismos em presença: o Ribeira e o Iguaçú. O Ribeira nasce a oeste de Curitiba e corre para a vertente leste. O Iguaçú nasce a leste e corre para oeste. O Ribeira encosta as cabeceiras nos arenitos primários do Devoniano, para depois passar ao terreno primitivo, quando corre sôbre um leito de rochas algonquianas e arqueanas. O Iguaçú, ao contrário, nasce em terreno primitivo, para depois passar ao primário, quando transpõe a Serrinha. O Ribeira permite a navegação apenas no trecho final do seu curso; o Iguaçú, no inicial. O Ribeira, nascido a pouco mais de 1.000 metros de altitude, despeja suas águas no Atlântico, após 300 quilômetros de curso, graças ao reajustamento isostático que se processou no terciário. Com o talveg fortemente inclinado, cêrca de 0,35%, suas águas têm suficiente fôrça viva para executar o duplo trabalho de erosão e transporte. Construiram o extenso litoral da Cananéa, à custa das ruinas do planalto curitibno. Transformou-se, dessa forma, a antiga peneplanície, numa série de vales subsequentes, cavados no calcáreo, ao passo que os quartzitos, muito mais resistentes à ação dos agentes de erosão, passaram a constituir as cristas ou divisores secundários. É uma região de difícil acesso às vias de comunicações.

No Iguaçú o fenômeno teve outro curso. Não tendo tidó a oportunidade de aproveitar a brecha por onde correm atualmente as águas do São João de Cima, conformou-se em correr para oeste. Em mais de 1.000 quilômetros percorre o solo paranaense até alcançar o nível de base no rio Paraná, apresentando uma declividade média de 0,08%. Em consequência, os terrenos que compreendem a sua bacia, até penetrar na Serra Geral, são ligeiramente ondulados, não apresentando nenhuma dificuldade à implantação de vias de comunicação.

4 — Serrinha: — É constituida por uma escarpa de arenito devoniano que se desenvolve em arco de círculo do Iguaçú ao Itararé. Sobrepuja o planalto curitibano de 200 a 300 metros. Não é um obstáculo de difícil transposição.

5 — Planalto dos Campos Gerais: A topografia dêste planalto é consequência do trabalho dos afluentes do Paranapanema: Itararé, Cinzas e Tibagí, que correm aproximadamente no sentido Sul-Norte. O terreno devoniano apresenta um aspecto de senilidade, com vales muito rasos e leves ondulações, excetuando-se os "canons", por onde as águas do Iapó, Pitanguí, Jaguaricatú e Itararé passam do primeiro para o segundo planalto. O terreno permiano vai se tornando tanto mais movimentado quanto mais se aproxima da Serra Geral. Junto a esta encosta-se o Rio dos Patos, que não pertence à bacia do Paranapanema, pois é fornecedor do Rio Ivaí, afluente direto do Paraná.

Em suma, na expressão de Paulino Franco de Carvalho, "a paisagem dêste segundo planalto apresenta uma tal regularidade de linhas sensivelmente niveladas, que denuncia desde logo a sua gênese: o caso de um planalto submetido à ação de uma erosão normal. Como modificadores secundários dessa erosão, figuram em primeiro lugar os diques e sills de diabásio, e, em segundo lugar, as falhas".

Não há, por conseguinte, grandes obstáculos a transpor neste segundo planalto, principalmente no que toca às ligações norte-sul, isto é, escoamento do café, em virtude da orientação dos vales na mesma direção.

6 — Escarpa da Serra Geral: Constituida por uma linha de escarpas onde despontam os arenitos e o espesso derrame de basalto da série São Bento. Esta linha de escarpas, que se extende desde os limites ocidentais do Estado do Rio Grande do Sul até São Paulo, vai perdendo altitude à proporção que avança para o norte. Ao penetrar em solo paranaense, nos limites de Santa Catarina, alcança a 1.400 metros de altitude; em Itapará, 1.260; ao nordeste do Estado confunde-se com a movimentação consequente da erosão. Entre o Iguaçú e o Ivaí sobrepuja o planalto dos Campos Gerais, de 500 a 300 metros. Além dêsse desnível que dificulta as ligações com Palmas, Guarapuava e Pitanga, há também a circunstância de sua constituição geológica, pois é formada por lençóis de diabásio que, como os granitos e gnaisses da Serra do Mar, quartzitos da bacia do Ribeira, oneram a construção.

7 — Planalto Guarapuavano: É formado pela vasta extensão de terras compreendidas entre os rios Paraná, Paranapanema e escarpa da Serra Geral. Por um extranho capricho da natureza, os grandes cursos d'água que nascem neste planalto ou que vindos dos Campos Gerais, nele penetram através de brechas cavadas na Serra Geral, o Itararé, o Cinzas, o Laranjinhas, o Tibagí, o Pirapó, o Ivaí, o Piquirí e o caudaloso Iguaçú — todos têm os talvegs orientados de tal forma que, prolongados, convergem para a capital paranaense. Constituem linhas naturais de circulação, porque, na expressão de Antonio Rebouças "os vales dos rios são recomendados pela experiência de séculos como as diretrizes naturais das grandes vias de comunicação".

Nessas condições, para o traçado dos grandes troncos que se dirigem para o litoral, teremos à nossa disposiã.o, no terceiro planalto, os divisores d'água, lugar dos pontos comuns a dois vales. Já não acontecerá o mesmo às vias de comunicação que demandarem São Paulo, quando situadas ao ocidente do meridiano 9° W. Rio de Janeiro. Estas terão que transpor uma sequência de vales, dos quais o mais profundo é o do Iguaçú, melhorando a topografia sensivelmente, à proporção que se avança para o norte.

CONCLUSÕES:

1ª. — A topografia do solo paranaense não é de molde a impedir o estabelecimento econômico das vias de comunicações com o litoral do Estado ou com São Paulo.

2ª. — A circulação no sentido da exportação será sempre menos onerosa do que no sentido da importação, para os troncos que demandam o litoral, em virtude das três grandes linhas de relêvo apresentarem o maior desnível para leste.

3ª. — O mesmo não acontece com as vias de comunicação que ligam o Paraná a São Paulo, porque o Rio Paranapanema é aproximadamente o eixo de simetria de sua grande bacia.

4ª. — Apenas a região da bacia do Ribeira de Iguape, impiedosamente esculpida pelo trabalho da erosão regressiva dêsse rio e dos afluentes, transformou-se numa verdadeira barreira à implantação de vias de comunicação, mòrmente àquelas que pretendem cruzá-la transversalmente aos vales do Ribeira, do Ribeirão Grande e do Capivarí.

Euclides da Cunha, mago dos prosadores brasileiros

Aos evoluidos confrades do Centro Cultural "Euclides da Cunha" **com sede em Ponta Grossa — Paraná.** — Escreve **SILVIO PEDROSA** — — —

Cultuando o nome do grande vulto Euclides da Cunha, mago dos prosadores brasileiros, detentor de um estilo vigoroso, original, porejante de beleza e flexibilidade, existe na risonha cidade de Ponta Grossa um sodalício batisado com o nome daquela brilhante figura de nossa literatura.

Euclides da Cunha nasceu em Santa Rita do Rio Negro (Estado do Rio) em 1868 e foi assassinado em 1909.

Dedicou-se de início ao mister das armas, porem o temperamento violento que dominava o seu sêr, fê-lo afastar-se das lides da caserna depois que "atirou a espada aos pés do Ministro da Guerra e soltou um viva à República."

Na vida civil dedicou-se ao estudo da sociologia, história e engenharia principalmente. Por outro lado, não se pode negar a sua participação no terreno do jornalismo.

Posterior ao fato da proclamação da República, Euclides da Cunha retornava às atividades militares chegando a participar do movimento revolucionário de 1893.

Legou aos amantes das obras de fina tessitura uma coleção bibliográfica de excelso valor.

Dentre as suas obras destaquemos as principais: **Perú versus Bolivia**, (traduzido em espanhol por Eliodoro Villazon); **Martin Garcia**, (Traduzido em espanhol por Augustin Vedia); **Castro Alves e seu tempo; A Margem da História**, **Os Sertões e Contrastes e Confrontos**.

O grande Joaquim Nabuco, referindo-se ao estilo copioso quão independente do autor de **Contrastes e Confrontos** dizia "que Euclides escrevia com cipó".

Talvez pela independencia de seu temperamento explosivo, sequioso de plena liberdade de ação, Euclides da Cunha desliga-se das fileiras do exército. Na situação de engenheiro civil do Estado de São Paulo, esposou o compromisso de reconstruir a ponte metálica de São José do Rio Pardo.

Foi nessa época que o inclito prosador nacional concebeu uma das obras inexcedíveis no mundo cintilante das letras — **Os Sertões** (campanha de Canudos e da natureza do sertão brasileiro).

Trabalho complexo porquanto aborda com êxtase patriótico a delicada questão etnica, antropológica e ainda mais, — a deplorável condição da sociedade rural.

Ouçamos o que disse Bezerra de Freitas: **"Desprezando preconceitos e orientando-se pelo critério rigorosamente cientifico, incompativel com as sugestões do romantismo, Euclides da Cunha denunciou o nosso imenso atrazo social, e, assim, à nossa concepção lírica das causas sucedeu uma interpretação realista do homem e da terra. Tem se aludido, com frequência, à honestidade nos processos da fatura literária de Euclides da Cunha. Ao lado de Rui Barbosa, Joaquim Nabuco e Machado de Assis, a figura de Euclides da Cunha se acentua com todos os caracteristicos da educação clássica, da probidade intelectual e do mais fervoroso sentimento nacionalista".** (História da Literatura Brasileira).

Com a devida venia, passo a inserir neste trabalho, um trecho muito expressivo do intelectual Samuel Duarte: **"No palco euclidiano desfilam as dores de uma raça condenada a vencer ou a morrer. Esse é o dilema que nos obriga a decisões heróicas. Tal é o sentido de** "Os Sertões", **mostrando o sulco entre dois mundos, entre duas parcelas da mesma comunidade, entre duas fronteiras geopoliticas da nação, uma da outra separadas por distância de séculos, conquanto vivendo o mesmo momento e no mesmo meridiano histórico."**

. . . .

Salve Euclides da Cunha, — gigante da catadura inflexível, estilista de escol sempre aclamado no mundo da sublime — imortalidade! Sorocaba. E. S. Paulo.

O MESTIÇO BRASILEIRO

(UMA PÁGINA DE AFONSO CELSO)

Do cruzamento das três raças, — portuguesa, africana e índia, — originou-se o tipo do mestiço brasileiro, chamado mameluco quando provém da união entre o branco e o selvagem, cafús ou caboré, quando se engendra da do selvagem com o negro. A denominação popular — caboclo — designa os primeiros; cabra — os segundos.

Por sua energia, coragem, espírito de iniciativa, fôrça de resistência a trabalhos e privações, ganharam os mamelucos justa celebridade no período colonial.

Apresentam os cafuses as qualidades dos mamelucos, a-par de seus defeitos, entre os quais avulta o da imprevidência, total despreocupação do futuro.

Os mestiços brasileiros contribuíram e contribuem eficazmente para a formação da riqueza pública. Só êles exercem certas tarefas. Não se prestam a trabalhos sedentários, mas são exímios na exploração da indústria pastoril, importante num país como o Brasil, onde abundam os campos.

São mestiços os vaqueiros, notáveis pela sobriedade e desinterêsse, gozando sempre de inalterável saúde; são mestiços os canoeiros e jangadeiros do norte, que, sôbre toros ligeiros e mal unidos, afrontam o oceano ou as corredeiras de caudalosos rios, em longas e arrojadas excursões; são mestiços os cearenses, adaptáveis aos mais rudes climas e aos mais duros labores; são mestiços os caipiras, independentes e fortes; são mestiços os gaúchos, afeitos à existência errante, vivendo em cima do cavalo, infatigáveis, de fôrça e destreza raras, prontos à aventura, audaciosos e astutos.

A tenacidade, a dedicação, a bravura de que são capazes os mestiços prova-o o fato de Canudos, onde, poucos e mal armados, fizeram frente a poderoso exército.

Muito inteligentes, teem as suas legendas, as suas cantigas ao som da viola, a sua linguagem especial. Deriva dessa linguagem um dos principais elementos para a estrutura do idioma brasileiro, que há de um dia diferenciar-se do português como êsse se diferenciou do latim, e que já possue prosódia, vocabulário e construções sintáticas peculiares, perfeitamente distintas.

O mestiço brasileiro não denota inferioridade alguma, física ou intelectual.

É suscetível de quaisquer progressos. Tem produzido grandes homens em todos os ramos da atividade social. São Paulo, lugar em que mais considerável se operou o cruzamento com os índios, marcha na vanguarda da nossa civilização.

Méditations

RIAD MALOUF — (Zahlé, Líbano)

Dans chaque feuille morte
Il y a une page vivante
Du livre de l'automne
Que le vent déchire...

Tous ces arbres nus
Sont le harem
De l'automne.

Les cheveux de la mer
Sont ses vagues
Que le vent ondule

Si j'avais été Adam
J'aurai connais
La même faute...

N'a-t-on pas des fois
Caressé voluptueusement
Les pages d'un livre
Comme si on caressait
Éperdumen une femme ?!

Peut-on croire
Que cette goutte
Si docile
est la fille de cette mer
Tempêtueuse
Qui, une fois déchainée,
Peut submerger
Tout un continent ?...

Tant de peines
Pour ce morceau
De pain...

x x x

El devenir de una nueva filosofía

(Conclusão da 2a. página)

mo base primordial. Ni Diógenes con su lámpara, ni la sabiduría mundial con las más altas cumbres de la inteligencia han logrado hallar la respuesta que disiparía las tinieblas del saber. Ahora bien; ese hallazgo no se ha cristalizado en forma universal, pero sí particularizada; es decir, que son muchos los que han llegado a la meta señalada, han encontrado su explicación, su razón tratando de aplicarla al todo, pero este todo se resiste a creerla, no siendo por lo tanto la solución buscada. La filosofía ha tratado de dar respuesta a los enigmas que desasosiegan la masa pensante, y cristalizó la demonstración de que son varios los misterios universales "trayendo problemas en vez de soluciones" — señalar los fatalistas del saber — pero ofreciendo dos caminos convergentes: la respuesta a los enigmas y el desahogo intelectual de la angustia. Así, debió multiplicarse la ciencia de las ciencias para poder cumplir sus consignas, y se desdobló en numerosas ramas metafísicas que estudiaron los misterios capitales: Dios, la Vida y la Muerte.

El problema existencial fué subvertido en mérito a la trascendencia de los otros, y el ser quedó desilusionado al no concretarse lo inmanifestado. Como consecuencia de ello, y de los profundos surcos psicológicos sembrados por la depresión europea, ha surgido el existencialismo moderno, que apártándose de la línea kierkegaardiana, buscó el efecto en vez de la causa, el modo de subsistir y no el de hallar la verdad.

No es cierto que la filosofía en pleno haya fracasado. Lo que ha fracasado es el sistema, la doctrina, el modo de filosofar, pero no la esencia. Lo real es que la filosofía ha llegado a un momento de aguda crisis, y se bambolea entre sofismas. Se siente la necesidad de una nueva filosofía, y su llegada se espera con singular ansiedad, pues puede representar la vía de salvación para la "impasse" intelectual de nuestro tiempo.

Las diversas manifestaciones culturales no han llegado a vislumbrar esta imperiosa necesidad existencia; y decimos existencial porque su aparición resulta vital para la subsistencia de la filosofía.

Buenos Aires, diciembre de 1952.

HELENA KOLODY

FANNY LUIZA DUPRÉ

(Do Movimento Político Feminino de São Paulo)

Vive e vibra a grandiosa e profunda poetisa patrícia, reflexo de uma superior intelectualidade, em "Paisagem Interior" e "Música Submersa". Soube expressar o pensamento, com maestria, nos mais belos poemas, em versos que confirmam incontestável valor artístico. É esta Kolody que vamos encontrar em: "Gênesis"... - **A vida, a inquietação suprema de viver — Encadeada à suprema angústia de pensar. — ... "Sonhar" — E ver no lago um mar, nas nuvens um castelo, — Na luz de um pirilampo um sol pequeno e belo. — "Sentido Secreto da Vida"** — ... **Uma fôlha morta — Não cai inutilmente sôbre a superfície da terra, — Como uma lágrima não rola em vão — Pela face angustiada.**

Fixa, assim, a paisagem do seu torrão natal:

ARAUCÁRIA

Eu sou a araucária
Que nasceu forte e altiva,
Hostil e solitária,
No cimo da colina.
Ascendo em linha reta
— Como uma coluna verde escura
No verde cambiante da campina —
E estendo os meus braços hirtos e serenos
Para o infinito.

Não há na minha fronde
Nem veludos quentes de fôlhas,
Nem risos vermelhos de flôres,
Nem vinhos estonteantes de perfumes;
Só há o odor agreste da resina
E o sabor primitivo dos frutos.
Porém, la no alto, onde
Espalma a taça verde a minha fronde,
Como o horizonte é largo
E é azul a imensidade!
Há orquestraçoes canoras
Embaiando o sono dos ninhos
Ocultos em meus espinhos.
Encantamento
De penugem.
Arminhos,
Na áspera nudez do meu isolamento.

Extendendo-se em versos e versos, que tomam a alma, enchendo-a de ternura e admiração, Helena nos revela um espléndido mundo interior. "Covardia" — **Encontrei mãos que se estenderam, tão amigas, — Oferecendo amparo certo na jornada. Eu, porém, não contiei no auxílio doutra mão. — ... "Coragem" — Que a vida viesse a mim como uma tempestade — E me ofuscasse o raio, e me açoitasse o vento.**

Percorrendo sempre as paginas da poetisa, sem sabermos qual dos poemas é o de maior valor lírico, filosófico ou emocional, encontramos:

CANTO DO AMOR IMPOSSÍVEL

Meu amor impossível!
Eu sou, na dor que me avassala,
O transeúnte solitário perdido na tormenta.
O vento ulula, a chuva açoita, o raio estala,
E não há uma janela aberta,
E não há uma porta amiga,
Um cálido refúgio
Que me acolha e aqueça,
Que me distraia e console
Do rigor da tormenta.
O único refúgio serias tu,
E tu estás para além da muralha intransponível
Que marca os limites do possível.

"Vigília" é o fêcho de "Paisagem Interior" — ... "**Há longos espinhos agucados — Despedaçando meus nervos sensíveis — Beijo as tuas mãos pálidas e tristes, Humildes mãos cansadas,** ...

Desejaríamos traçar completa trajetória literária o que concluimos ser tarefa difícil ao levarmos em conta as múltiplas facetas poéticas da autora e nos escapar a competência de críticos-literários. Podemos, entretanto, afirmar:

Helena Kolody, natural do Paraná, é, sem dúvida, uma das mais brilhantes poetisas do Brasil contemporâneo.

x x x

O Brasil e a língua portuguesa

Bendito Deus, tão sábio, tão clemente,
Que fez esta Terra descoberta
E das galés da escuridão liberta,
Pela briosa luzitana gente!

Pois herdamos-lhe a Língua resplendente,
Divina, bela, clara, audaz, incerta,
Em felicíssima e grandiosa oferta
Ao nosso Território auri-fulgente!

Porque, para cantá-lo, assim tão vasto,
Em verbos traduzir esta beleza,
Tôda esta pompa e incomparável fausto,

Com perfeição, com vida, com justeza,
Sem fazer das imagens holocausto,
Só bem se presta a Língua Portuguesa!

TOMÁS BULHÕES

TROVA

Língua-Pátria! Santa herança,
Que recebi de meus pais!
Em que cantei a esperança
E vivo a expandir meus ais...

TOMÁS BULHÕES

x x x

Censura Injusta

Não deves censurar minha tristeza,
com ares orgulhosos de ironia,
apenas porque vives, com certeza,
rodeada de prazeres e alegria...

Eu bem sei, ó irônica Princeza,
que apesar dos pezares — quem diria! —
os meus versos tristonhos, sem beleza,
comoveram tua alma que é tão fria...

Desculpa si o meu livro de Amargura,
em tom menor, sentido e doloroso,
perturbou, sem querer, tua Ventura...

E lembra que a Tristeza que sentiste,
si fere levemente ao Venturoso
é consôlo bem grande para o Triste...

LUÍS OTÁVIO
(Rio de Janeiro)

NOTAS E NOTÍCIAS CULTURAIS

CONCEDIDA NOVA SUBVENÇÃO AO CENTRO CULTURAL "EUCLIDES DA CUNHA" — Os euclidianos estão de parabéns. Mais uma vez, graças à ação eficiente do Exmo. Snr. Senador Dr. Flávio Carvalho Guimarães, o Govêrno Federal acaba de conceder nova ajuda ao Centro Cultural "Euclides da Cunha", a fim de que possa organizar, de maneira razoável, o seu serviço de biblioteca, discoteca, etc.

O douto dedicado representante do Paraná os nossos eternos agradecimentos, extensivos aos demais companheiros, que tanto o prestigiam.

O INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO CONCEDEU REGISTRO A BIBLIOTECA DO "EUCLIDES DA CUNHA" — A Diretoria do Centro Cultural "Euclides da Cunha" acaba de receber comunicação do Instituto Nacional do Livro, de que se lhe concedeu registro, sob n. M 5 015, o que, para os estudiosos de Ponta Grossa (de vez que a Biblioteca é franqueada ao público), significa um acontecimento dos mais auspiciosos.

Por outro lado, fica, mais uma vez, evidenciado que o espírito culto e progressista do Snr. Augusto Meyer, digno Diretor do referido Instituto, não está medindo sacrifícios para dotar as bibliotecas brasileiras daquilo que elas mais necessitam.

É que a sua visão de autêntico intelectual e compreensivo chefe de um importante setor da cultura nacional, não se perde, como a de muitos, na restrita paisagem do mórro ou na simplicidade pueril dos que pensam que só no Rio se estuda...

Bravos, Snr. Augusto Meyer! Com os nossos agradecimentos, a fraternal saudação mameluca do Pitangui.

BOM EUCLIDIANO É O SNR. PROF. DR. OSCAR DE PAULA SOARES — O Snr. Prof. Dr. Oscar de Paula Soares, figura das mais simpáticas do nosso magistério, mercê de incomuns qualidades de espírito e coração, jámais esqueceu Ponta Grossa e seus intelectuais. A prova mais evidente é que, sempre que se lhe depara uma oportunidade, logo se empenha por ser útil a aqueles com quem conviveu mais de 20 anos.

Ainda agora, através de comunicação à Diretoria do nosso Centro, acaba de proporcionar ao mesmo uma ajuda mensal de Cr$ 1 000,000, a partir de janeiro de 1953. Gesto nobre e raro de genuino mecenismo, tomado de livre e espontânea vontade, o que muito dignifica o ilustre Chefe do Departamento de Cultura do Paraná, bem como o brilhante intelectual que é o Exmo. Snr. Prof. Dr. João Xavier Viana, DD. Secretário de Educação, o qual também demonstrou solicitude, quanto à concessão da ajuda.

Aos dois euclidianos de raça os nossos agradecimentos sinceros.

CONFERÊNCIA SÔBRE LEONARDO DA VINCI — Iniciando a série de palestras e conferências para o ano de 1953, a Diretoria do C. C. E. C. houve por bem convidar o Snr. Prof. Bruno Enei para realizar uma conferência sôbre a figura universal de Leonardo da Vinci.

O Prof. Enei é dos nomes mais credenciados da intelectualidade paranaense, sendo, por outro lado, titular da cadeira de Língua e Literatura Italiana, na Faculdade de Filosofia de Ponta Grossa.

INSTITUTO HANS STADEN, DE S. PAULO — Desde os primeiros instantes de sua fundação, o Centro "Euclides da Cunha" vem mantendo com o valoroso Instituto Hans Staden, de São Paulo, as mais cordiais relações de amizade e intercâmbio cultural.

Tendo à frente de seus destinos figuras como as do Prof. Egon Schaden, Carlos Fouquet, Dr. Herbert Baldus e outros, a grande instituição paulista não podia deixar de produzir os salutares frutos que, continuamente, se nos têm deparado.

Monografias, livros, revistas, boletins, tudo se edita naquela casa de estudos que ostenta o nome do primeiro cronista da Terra de Santa Cruz. Agora, acabamos de receber **"Staden-Jahrbuch"**, com notáveis e interessantes trabalhos assinados por Egon Schaden, Roger Bastide, Antônio Cândido, Fritz Ackermann, João Cruz Costa, George Hoeltje, G. Neufeldt e outros. Ao Instituto os nossos votos de feliz Ano Novo, com a prova de nosso reconhecimento.

ACADEMIA PERNAMBUCANA DE LETRAS E INSTITUTO ARQUEOLÓGICO, HISTÓRICO E GEOGRÁFICO PERNAMBUCANO — A Academia Pernambucana de Letras e o Instituto Histórico e Geográfico Pernambucano são duas entidades que constituem motivo de orgulho, não sòmente para Pernambuco, senão para o próprio Brasil. E não vai nisso nenhum exagêro. Realmente, basta verificarmos o que ambas as casas têm realizado no terreno da ciência, arte e civismo, para que se avalie de sua importância. Tendo ambas como Secretário Perpétuo o vulto por todos os títulos ilustre, do Dr. Mário Melo, são inúmeros os benefícios que o Brasil delas recebe: dicionários geográficos, históricos, reedições de livros da fase colonial ou do Império, conservação de preciosidades nacionais, inclusive nomes de cidades, bairros e ruas, erecção de monumentos históricos, encorajamento a literatos novos, edições de trabalhos antropológicos, jurídicos e sociológicos, etc., etc.

Cansaríamos o leitor, se fôramos enumerar tôdas as realizações das duas filhas diletas de Mestre Melo, o nosso querido e venerando Símbolo do Verdadeiro Brasil.

Por gentil comunicação, feita pelo Snr. Prof. Dr. Mário, viemos a saber que as novas diretorias da Academia e do Instituto são, respectivamente:

Academia — Presidente, Valdemar de Oliveira; 1º. vice-presidente, Araújo Filho; 2º. dito, Célio Meira; 2º. Secretário, Austro Costa; Tesoureiro, Costa Rêgo Júnior; Bibliotecário, Esdras Farias. SECRETÁRIO PERPÉTUO, Dr. Mário Melo.

Instituto Histórico e Geográfico Pernambucano — Presidente, Prof. Luiz Estêvão de Oliveira (reeleito); vice-presidente, Prof. Joaquim de Almeida Amazonas (reeleito); 2º. Secretário, Dr. Olímpio Costa Júnior (reeleito); Tesoureiro, Dr. José de Barros Lima; Bibliotecário, Prof. Aderbal Jurema. SECRETÁRIO PERPÉTUO, Dr. Mário Melo.

A ambas as diretorias os nossos agradecimentos, com os desejos de feliz gestão, para glória da cultura brasileira.

"AMERINDIOS E AFRICANOS" — Dentro de pouco tempo, será entregue ao prelo o livro do intelectual brasileiro Farís Antonio S. Michaele, que se denominará "Ameríndios e Africanos".

Obra de fundo histórico-antropológico, terá, por certo, repercussão mais que brasileira, porquanto, como todos sabem, procurará apresentar aspectos novos das duas influências não-européias do Brasil: ameríndia e a africana, principalmente a primeira, tão desdenhada por arianistas e africanistas. Capítulos interessantes são: Astronomia indígena, medicina indígena, Direito indígena, o índio e a literatura nacional, a linguagem brasileira, etc., etc. Muita documentação e muita ilustração fotográfica.

NOVAMENTE À FRENTE DA ACADEMIA PAULISTA DE LETRAS O DR. ALTINO ARANTES — O nome de Altino Arantes é já uma tradição, para os brasileiros em geral. Estadista emérito, conhecedor primoroso, jornalista de infinitos recursos, qualquer a faceta de seu brilhante espírito que analisemos, sempre é certo estarmos defrontando um gigante do caráter e da inteligência. Não admira, pois, que êste modêlo-vivo das grandes qualidades da raça tenha sido, novamente, eleito para a Presidência da Academia Paulista de Letras.

Ao prezado Mestre renovamos, aqui, as expressões de júbilo de nosso telegrama.

HOMENAGEM AOS SÓCIOS PORTUGUESES DO CENTRO CULTURAL "EUCLIDES DA CUNHA" — O Centro Cultural "Euclides da Cunha" pode orgulhar-se de estar promovendo o congraçamento dos espíritos, não sòmente no Brasil e na América, como fora do Continente de Colombo. São já vários os intelectuais eleitos em Portugal, Itália, Suiça, França, Líbano, etc. Dentro de poucos dias, serão homenageados os portugueses: Dr. Hernani de Lencastre, Snr. Álvaro Pinto, Snr. Jorge Ramos, Snr. Mário Mota, Snr. A. Garibaldi e Srinha. Arminda Gonçalves. São nomes que prescindem de qualquer comentário, visto correrem mundo as suas produções literárias. À respeito de cada um dêles falaremos, pormenorizadamente, em ocasião oportuna.

PRIMEIRO CONGRESSO PARANAENSE DE ESCRITORES — O ano do Centenário do Paraná será comemorado com entusiasmo em todos os setores da vida cultural.

Assim é que, como preparação ao Congresso Geral dos Escritores, a realizar-se no fim do ano, teremos, a 29 de Março próximo, o Primeiro Congresso Paranaense de Escritores. Dizer da importância de semelhante cometimento torna-se, desde logo, desnecessário, porquanto irá, o referido certame, promover o congraçamento de todos os escritores paranaenses, ao mesmo tempo que demonstrará que o Paraná também conta na intelectualidade nacional.

À lúcida e esforçada Diretoria do Centro de Letras do Paraná, muito especialmente à Snra. Leonor Castellano, os nossos sinceros votos de bom êxito.

REVISTA DA ACADEMIA JOSÉ DE ALENCAR — A Academia de Letras José de Alencar pode ser considerada uma das mais dinâmicas e fulgurantes expressões da intelectualidade paranaense. Tal decorre, não sòmente da existência de um seleto corpo de associados que muito prezam as nossas tradições culturais, como também pelo desprendimento e alta compreensão de figuras como Vasco José Taborda Ribas, Nelson Saldanha de Oliveira, Pedro Saturnino, Herbert Van Erven e inúmeros outros.

Retrato exato das atividades e valor inconfundível dos referidos intelectuais é a "Revista da Academia José de Alencar".

Artigos interessantes, colaborações de escol, assuntos de palpitante atualidade.

Aos irmãos da **José de Alencar** o abraço fraternal dos jaguços do **Euclides.**

"RINDO E FILOSOFANDO..." — O Dr. Serafim França, para o Paraná atual, constitui um verdadeiro símbolo. Símbolo de competência, de inteligência e de caráter, coisas muito raramente encontradiças na mesma pessôa. Dotado de incomum capacidade de trabalho, êle produz, mas sempre escritos de primeira categoria, sem os inconvenientes dos despeitados ou neuróticos que por aí pululam. Senhor de superior inteligência e imaginação, o seu é um mundo mui vivo e sugestivo, de fábulas que fariam inveja às melhores de outras estirpes, e de poesias que nada deixam a desejar, quanto à graça e simplicidade, para só mencionarmos algumas qualidades. Finalmente, no que se refere ao caráter, estamos ainda procurando quem lhe possa fazer frente, principalmente entre os chamados novos e novíssimos, que se limitam à detração e ao **deboche.**

Por tudo isso, "Rindo e Filosofando...", seu novo livro, sem favor, representa o que de melhor já se produziu no Paraná e, mesmo, no Brasil, pois que, ao que parece, são bem poucos os trabalhos no gênero, registados na bibliografia nacional.

Já em suas "Fábulas" haviamos prognosticado projeção mais que nacional para semelhante espécie de literatura filósofo-educativa, e agora só nos resta apresentar ao insigne Mestre as nossas congratulações e fervorosos votos para que a nossa mocidade aprenda a seguir os bons e verdadeiros modelos.

- Tapejara -

ANO III — P. Grossa, Janeiro de 1953 — Nº. 9

Henrique Dias

(Por PINHEIRO CHAGAS)

Foi um preto que se tornou célebre pelo seu valor na guerra que arrancou aos hollandezes Pernambucano e as capitanias visinhas. Nasceu em Pernambuco, filho de paes africanos, e aprendeu a lêr. Em 1633 apresentou-se o creoulo Henrique Dias, que era preto livre, com alguns homens da sua côr, a Mathias d'Albuquerque, offerecendo-se para combater pela patria. Aceitos os seus serviços, logo se distinguiu à frente de 35 pretos no combate de Iguarassú, onde foi ferido duas vezes. Em 1635 cahiu prisioneiro quando o Arraial do Bom Jesus se rendeu, mas os hollandezes, vendo um preto, não fizeram caso d'Elle e deixaram-no ir em paz.

Henrique Dias tratou logo de se apresentar em Porto-Calvo ao general portuguez, e não tardou a distinguir-se no combate de 9 de junho de 1636.

Em 17 e 18 de fevereiro de 1637 é elle quem à frente de 80 pretos decide a victoria nas batalhas de Porto-Calvo, em que é ferido na mão quando corre mais severa a peleja. Amputam-lhe a mão e elle volta ao combate.

Philippe IV deu-lhe então o habito de Christo, o fôro de fidalgo, a patente de cabo e governador dos homens pardos e creoulos com o ordenado de quarenta cruzados mensaes e o titulo de mestre de campo.

Desde 1637 até 1645, Henrique Dias, infatigável guerrilheiro, não deixa um momento de descanço aos hollandezes, e, quando Mauricio de Nassau quer cercar a Bahia, Henrique Dias distingue-se ainda na brilhante defeza da cidade.

Em 1645 foi juntar-se a Fernandes Vieira, que estava à frente da insurreição pernambucana, e de passagem animou o pronunciamento da provincia das Alagôas. Nas duas batalhas dos Guararapes distinguiu-se muitissimo, e quando os outros chefes quizeram tomar a ilha do Itamacará, exerceu elle por algum tempo o commando das forças que cercavam o Recife.

Comtudo, expulsou os hollandezes e D. João IV não se lembrou d'elle nas recompensas que os outros chefes não deixaram de receber. Henrique Dias era preto, e o que por elle se fizera foi julgado bastante se não demasiado.

Morreu quasi esquecido no Recife no dia 7 ou 8 de junho de 1662.

Dor Serena

A JÚLIO DANTAS

CONTO DE CLÁUDIO DE SOUZA

Tôda de preto na lividez do luar, acompanhando-me no campo imenso que acabava de ser devastado pela guerra, e onde estava enterrado seu marido, ela me disse como se, de repente, iluminada pela dor, houvesse penetrado o sentido da vida:

— As almas que se imobilizam no amor e ficam nêle adormecidas, indiferentes a tudo mais, são as únicas que alcançam a felicidade.

Calou-se. Seus pensamentos exprimiam-se como soluços intermitentes.

Andamos alguns passos por entre os marcos que assinalavam os mortos da guerra, naquela manhã sepultados. Sua voz prolongava-se quase meiga no espaço. Sua sombra longa e trêmula ia como um veu de luto de túmulo a túmulo. Sentia-se ainda o cheiro acre dos explosivos. Subia o bafio da morte da terra ensanguentada. A vida bela e moça fôra ceifada como um trigal. Ela continuou:

— Tudo, na alma dos que amam daquêle modo, se reflete, docemente, como as paisagens nos lagos serenos.

E pouco depois acrescentou:

(Continua na 2a. página)